

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Departamento de Educação e Psicologia

Escola de Ciências Humanas e Sociais

Caracterização das práticas do *Phubbing* em jovens adultos

Characterization of Phubbing practices in young adults

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Mara da Graça Mendonça Gomes

Orientadores: Prof. Catedrático José Jacinto Branco Vasconcelos-Raposo

Prof.^a Auxiliar Carla Maria Carvalho Aguiar Teixeira



Vila Real, 2020

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Departamento de Educação e Psicologia

Escola de Ciências Humanas e Sociais

Caracterização das práticas do *Phubbing* em jovens adultos

Characterization of Phubbing practices in young adults

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Mara da Graça Mendonça Gomes

Dissertação apresentada à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Departamento de Educação e Psicologia, Escola de Ciências Humanas e Sociais, para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação de José Vasconcelos Raposo – Professor Catedrático e Carla Teixeira – Professora Auxiliar

Vila Real, 2020

*“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou
sobre aquilo que todo mundo vê.”*

(Arthur Schopenhauer)

Agradecimentos

O trabalho apresentado é o resultado de uma etapa árdua, intensa e fatigante, mas ao mesmo tempo muito enriquecedora e importante neste processo que é o culminar de um final de ciclo. Este foi determinante no aprofundamento e partilha do conhecimento sobre temas presentes no quotidiano, mas escassamente estudados. Desta etapa é importante salientar a significância a nível pessoal para além de académico e laboral, apesar de todas as dificuldades que dela fizeram parte. E como na vida, nada que não nos dê trabalho nos dá prazer e nada se faz sozinho, reconheço a importância de agradecer o contributo de todos que caminharam ao meu lado durante este ano e de uma forma ou de outra permitiram que eu terminasse mais uma etapa da minha vida com a certeza de que nunca estarei sozinha.

Primeiramente, aos orientadores, prof. Catedrático José Vasconcelos-Raposo e prof.^a Carla Teixeira pelo trabalho desenvolvido, pelo reconhecimento, pelo apoio prestado, pela sabedoria partilhada e pela prontidão em ajudar. Pela crítica construtiva, pelos ensinamentos e pela orientação admirável, contagiante e motivadora. Um sincero e sentido obrigado.

Aos meus pais, pela sabedoria, pelo apoio incondicional, pela segurança, pela força, por acreditarem sempre em mim, por me amarem, por todo o carinho e preocupação, por fazerem de mim trabalhadora, empenhada, ambiciosa e lutadora. Mil obrigadas nunca chegarão para agradecer tudo o que fazem pelos vossos filhos.

Ao meu irmão André, por desejar sempre o melhor para mim, por me apoiar sempre, por me ouvir, por me impedir de desistir e pelo orgulho que demonstra em mim.

Ao meu irmão Nuno, por me fazer feliz em todas as horas e dar ânimo quando me sinto cansada ou penso desistir, por fazer com que tudo se torne mais fácil, pelo amor que demonstra e por me ter ensinado a fazer sempre melhor que ontem.

Ao meu namorado, António, por toda a compreensão, apoio e incentivo. Também pela paciência e por todos os momentos que passamos juntos. Um dos meus maiores suportes nesta caminhada. Grata a ti para sempre.

Às amigas, Elisa e Flávia, por todas as horas de descontração e por todos os ensinamentos ao longo destes anos. Mariana e Tatiana pela disponibilidade, por me ouvirem e apoiarem incondicionalmente, por estarem sempre presentes e prontas a ajudar em tudo, por serem as pessoas maravilhosas que são para mim. Joana, Daniela e Vânia, por me mostrarem que o tempo e a distância não mudam aquilo que nós não queremos que mude. Obrigada por toda a sinceridade e simplicidade. Obrigada pela compreensão, compaixão e apoio que sempre demonstraram. Que a vida vos traga o melhor.

Àquele que partiu durante esta caminhada, mas tenho a certeza que tem o coração cheio de orgulho, o meu avô, José Mendonça Pinto.

Sem vocês eu não teria chegado até aqui.

A todos e a todas,

Mil obrigadas!

Índice

Preâmbulo	1
ESTUDO EMPIRICO I	3
Propriedades psicométricas de oito escalas relacionadas com o uso de smartphones, a satisfação com relacionamentos amorosos e intimidade	3
Resumo.....	5
Abstract	6
Introdução.....	7
Método	15
Amostra	15
Instrumentos	16
Procedimentos	18
Análise Estatística.....	19
Resultados	20
Discussão.....	27
Conclusão	32
Referências Bibliográficas	33
ESTUDO EMPIRICO II.....	37
Influência do <i>phubbing</i> na satisfação com a relação amorosa e na intimidade em jovens adultos e adultos portugueses.....	37
Resumo.....	39
Abstract	40
Introdução.....	41
Método	45
Amostra	45
Instrumentos	46
Procedimentos	48
Análise Estatística.....	49
Resultados	50
Discussão.....	63
Conclusão	72
Referências Bibliográficas	75
Epílogo.....	77
Referências bibliográficas finais.....	79

Índice de Tabelas e Figuras

Estudo Empírico I

Tabela 1: Análise descritiva, da normalidade e da consistência interna.....	21
Tabela 2: Modelo de regressão predizendo o phubbing a partir das escalas de smartphone, internet, redes sociais, jogos e SMS.....	27
Figura 1: Modelo bifatorial da ‘Phubbing Scale’	22
Figura 2: Modelo tri-fatorial da ‘Mobile Phone Usage Addiction Scale’	23
Figura 3: Modelo fatorial da ‘Internet Addiction Scale’	24
Figura 4: Modelo bifatorial da ‘Social Media Addiction Scale’	24
Figura 5: Modelo fatorial da ‘Game Addiction Scale’	25
Figura 6: Modelo fatorial da ‘SMS Addiction Scale’	26
Figura 7: Modelo fatorial da ‘Relationship Assessment Scale’	26
Figura 8: Modelo fatorial da ‘Psychological Intimacy Scale’	27

Estudo Empírico II

Tabela 1: Análise descritiva, da normalidade e alfa de <i>Cronbach</i> das escalas.....	50
Tabela 2: Média (M), desvio-padrão (DP) e efeito da idade nas dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS, SAS, RAS e PIS.....	51
Tabela 3: Média (M), desvio-padrão (DP) e efeito do sexo nas dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS, SAS, RAS e PIS.....	52
Tabela 4: Média (M), desvio-padrão (DP) e efeito da orientação sexual nas dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS, SAS, RAS e PIS.....	53
Tabela 5: Média (M), desvio-padrão (DP) e efeito do meio residencial nas dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS, SAS, RAS e PIS.....	54
Tabela 6: Média (M), desvio-padrão (DP) e efeito das habilitações académicas nas dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS, SAS, RAS e PIS	55
Tabela 7: Média (M), desvio-padrão (DP) e efeito do nível socioeconómico nas dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS, SAS, RAS e PIS	56
Tabela 8: Média (M), desvio-padrão (DP) e efeito do número de horas diárias na internet nas dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS, SAS, RAS e PIS.....	57
Tabela 9: Média (M) e desvio-padrão (DP) e efeito da frequência do nº de SMS enviados por dia nas dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS, SAS, RAS e PIS	58

Tabela 10: Média (M), desvio-padrão (DP) e efeito do tempo da relação nas dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS, SAS, RAS e PIS	59
Tabela 11: Média (M), desvio-padrão (DP) e efeito do modo de recolha de dados nas dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS, SAS, RAS e PIS.....	60
Tabela 12: Modelo de regressão predizendo a Satisfação com a relação amorosa a partir das variáveis preditoras	61
Tabela 13: Modelo de regressão predizendo a Intimidade a partir das variáveis preditoras ...	61
Tabela 14: Modelo de regressão predizendo a Satisfação com a relação a partir das variáveis preditoras para o sexo feminino.....	77
Tabela 15: Modelo de regressão predizendo a Intimidade a partir das variáveis preditoras para o sexo feminino.....	62
Tabela 16: Modelo de regressão predizendo a Satisfação com a relação a partir das variáveis preditoras para o sexo masculino.....	63
Tabela 17: Modelo de regressão predizendo a Intimidade a partir das variáveis preditoras para o sexo masculino.....	63

Lista de siglas e acrónimos

PS- *Phubbing Scale*

MPUAS- *Mobile Phone Usage Addiction Scale*

IAS- *Internet Addiction Scale*

SMAS- *Social Media Addiction Scale*

GAS- *Game Addiction Scale*

SAS- *SMS Addiction Scale*

RAS- *Relationship Assessment Scale*

PIS- *Psychological Intimacy Scale*

CVS- *Comportamento viciante em smartphones*

M- Média

DP- Desvio padrão

IC- Intervalo de confiança de 90% ou 95%

MANOVA- *Análise de Variância Multivariada*

χ^2/df - *Ratio chi square statistics/degrees of freedom*

CFI- *Comparative fit index*

GFI- *Goodness of fit index*

RMSEA- *Root mean square error of approximation*

AIC- *Akaike information criterion*

FC- *Fiabilidade Compósita*

VEM- *Variância Extraída Média*

η^2_{ρ} - *Efeito de magnitude*

PO- *Poder observado*

AMOS- *Analysis of Moment Structures*

SPPS- *Statistical Package for Social Sciences*

Preâmbulo

Os *smartphones*, devido às suas múltiplas funcionalidades como o recurso à internet, câmara fotográfica, programas de desenho e escrita, várias aplicações e jogos permitem que as pessoas comuniquem com qualquer pessoa em qualquer lugar, facilitando as interações sociais. No entanto, apesar das suas vantagens óbvias em unir as pessoas, os *smartphones* podem às vezes separá-las. Mais concretamente, quando as pessoas ignoram outras pessoas com quem estão interagindo fisicamente para usar o *smartphone*. Este fenómeno designa-se por *phubbing*. O termo “*phubbing*” é uma junção das palavras “phone” e “snubbing” e descreve o ato de ignorar alguém num ambiente social usando o telefone em vez de falar com a pessoa diretamente (Karadag et al., 2015; Chotpitayasunondh & Douglas, 2018).

Uma preocupação é as tecnologias fornecerem constantemente conhecimento sobre os interesses, localização, opiniões e atividades embutidas nos eventos da vida quotidiana dos laços sociais do indivíduo, o que está a desencadear conflitos entre pares amorosos, para além das relações sociais em geral, uma vez que eles são incapazes (ou não querem) de se desconectarem das suas redes para se conectarem com os seus parceiros (Abeele, Antheunis, & Schouten, 2016; Halpern & Katz, 2017; Misra, Cheng, Genevie, & Yuan, 2014).

É irónico que os *smartphones*, originalmente projetados como ferramenta de comunicação, pode realmente dificultar ao invés de promover relações satisfatórias entre parceiros românticos. O envolvimento frequente do parceiro em comportamentos de *phubbing* relaciona-se com a depressão do indivíduo, através da insatisfação das relações amorosas (McDaniel & Coyne, 2016; Roberts & David, 2016; Wang, Xie, Wang, Wang, & Lei, 2017).

A mera presença de *smartphones* no campo visual dos indivíduos pode inibir o desenvolvimento da proximidade e confiança interpessoal e reduzir a extensão em que os indivíduos sentem empatia e compreensão dos seus parceiros, principalmente se os indivíduos estiverem a discutir um assunto significativo (Przybylski & Weinstein, 2013).

Assim, acredita-se que o *phubbing* diminui a qualidade dos relacionamentos amorosos e leva à falta de intimidade. Deste modo, a mesma tecnologia que pode ser útil para ajudar os casais a sentirem-se próximos quando estão em locais diferentes pode prejudicar os seus relacionamentos, se for usada na presença do parceiro. No sentido que os torna menos recetivos às necessidades do outro, o que, por sua vez, gera conflitos e baixos níveis de intimidade (Halpern & Katz, 2017; Roberts & David, 2016).

Apesar de o fenómeno ser bastante comum, as pesquisas sobre as suas consequências sociais são limitadas e poucos são os instrumentos validados para a população portuguesa que avaliem o comportamento do *phubbing*, assim como a satisfação com as relações amorosas e a intimidade (Blanca & Bendayan, 2018; Chotpitayasunondh & Douglas, 2018).

O âmbito desta investigação enquadra-se assim, numa primeira fase, na necessidade de aprofundar o conhecimento epistemológico e metodológico da investigação científica, bem como apresentar instrumentos de avaliação da prática do *phubbing*, satisfação com as relações amorosas e intimidade nos casais, apresentando dados psicométricos da *Phubbing Scale* (PS), *Mobile Phone Usage Addiction Scale* (MPUAS), *Internet Addiction Scale* (IAS), *Social Media Addiction Scale* (SMAS), *Game Addiction Scale* (GAS) e *SMS Addiction Scale* (SAS) de Karadag et al. (2015); *Relationship Assessment Scale* (RAS) de Hendrick (1988) e Hendrick, Dicke e Hendrick (1998) e por fim, *Psychological Intimacy Scale* (PIS) de Debrot, Cook, Perrez e Horn (2012), para validação no contexto português. Por outro lado, procura ainda dar resposta aos escassos trabalhos realizados na área do *phubbing* e do seu impacto nos relacionamentos amorosos.

Deste modo, a presente dissertação é constituída por dois estudos distintos, mas complementares, de natureza empírica. No primeiro estudo são apresentadas as características psicométricas dos instrumentos PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS, SAS, RAS e PIS e no segundo estudo, objetivou-se verificar o impacto da prática de *phubbing* na satisfação com a relação amorosa e intimidade. A realização deste estudo prende-se com a preocupação com os efeitos que este fenómeno recente, mas muito comum, pode ter nos diferentes tipos de relacionamentos.

Ambos os estudos assumem um cariz inovador, dada a escassez de investigações científicas em Portugal, que abordam a temática do *phubbing* e as consequências que esse comportamento pode ter nos relacionamentos amorosos.

ESTUDO EMPIRICO I

**Propriedades psicométricas de oito escalas relacionadas com o uso de smartphones, a
satisfação com relacionamentos amorosos e intimidade**

Psychometric properties of eight scales related to smartphone use, satisfaction with love
relationships and intimacy

Resumo

O *phubbing*, o comportamento de ignorar alguém para usar o *smartphone*, tem sido alvo de interesse crescente por parte da investigação científica. O objetivo do presente estudo foi adaptar e validar os instrumentos *Phubbing Scale* (PS), *Mobile Phone Usage Addiction Scale* (MPUAS), *Internet Addiction Scale* (IAS), *Social Media Addiction Scale* (SMAS), *Game Addiction Scale* (GAS), *SMS Addiction Scale* (SAS), *Relationship Assessment Scale* (RAS) e *Psychological Intimacy Scale* (PIS), numa amostra de adultos portugueses que estejam numa relação amorosa, confirmando os modelos fatoriais propostos pelos autores das escalas e demonstrar validade fatorial, discriminante, convergente e fiabilidade compósita dos mesmos. Este estudo foi do tipo *quasi-experimental*, de carácter transversal e quantitativo. Na pesquisa participaram 384 adultos portugueses entre os 18 e 58 anos ($M = 26.38$; $DP = 6.799$). Os programas estatísticos utilizados para a análise de dados foi o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) e *Analysis of Moment Structures* (AMOS). Os resultados evidenciam boas propriedades psicométricas para a utilização destas escalas no contexto de investigação em amostras de adultos portugueses.

Palavras-Chave: Phubbing, Satisfação com a relação, Intimidade, Análise fatorial confirmatória.

Abstract

Phubbing, the behavior of ignoring someone to use the smartphone, has been the subject of increasing interest from scientific research. Phubbing Scale (PS), Mobile Phone Usage Addiction Scale (MPUAS), Internet Addiction Scale (IAS), Social Media Addiction Scale (SMAS), Game Addiction Scale (GAS), SMS Addiction Scale (SAS), Relationship Assessment Scale (RAS) and Psychological Intimacy Scale (PIS), in a sample of Portuguese adults who assured a love relationship, confirming the factorial models proposed by the authors of the scales and with the factorial, discriminant, convergent and reliability assessment composite of them. This was a quasi-experimental, cross-sectional and quantitative study. 384 Portuguese adults between 18 and 58 years old participated in the research ($M = 26.38$; $SD = 6.799$). The statistical programs used for data analysis were the Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) and Analysis of Moment Structures (AMOS). The results show the psychometric properties for the use of scales in the context of research in Portuguese adult samples.

Keywords: Phubbing, Relationship satisfaction, Intimacy, Confirmatory factor analysis.

Introdução

Vários estudos estrangeiros têm mostrado que o *phubbing*, definido como o ato de ignorar alguém com quem se interage num ambiente social para usar o *smartphone*, se pode tornar num vício e afetar a qualidade das relações interpessoais, incluindo as relações amorosas e, conseqüentemente, a intimidade nos casais (Chotpitayasunondh & Douglas, 2016; Chotpitayasunondh & Douglas, 2018b; Clayton, Nagurney & Smith, 2013; Coyne et al., 2012; Karadag et al., 2015; McDaniel & Coyne, 2016; Roberts & David, 2016).

Devido às características e potencialidades dos *smartphones*, o *phubbing* é um comportamento que pode estar na intersecção de muitos vícios, tais como o do uso excessivo e inapropriado dos *smartphones*, internet, redes sociais, jogos e SMS. Estes permitem que as pessoas se conectem a partir de qualquer lugar e a qualquer momento. No entanto, o caso do *phubbing* apresenta-se como um fenómeno que é mais comum do que se pensava. Este pode ter efeitos nefastos como, por exemplo, prejudicar, em vez de complementar e enriquecer as interacções sociais (Chotpitayasunondh & Douglas, 2016; Karadag et al., 2015). Torna-se por isso fundamental identificar e caracterizar os determinantes do comportamento de *phubbing* e que podem passar aditivos às novas tecnologias, nomeadamente ao uso do *smartphone*, da internet, das redes sociais, dos jogos e dos SMS.

Adição aos smartphones

Os *smartphones*, por serem um fator positivo na facilidade da comunicação, pode funcionar como um auxílio na manutenção dos relacionamentos, por sua vez, a distração dos usuários causada pela utilização dos *smartphones* numa interação social pode ter repercussões nas relações interpessoais (Chotpitayasunondh & Douglas, 2018a; Kim et al., 2016). Devido à infinidade de funcionalidades que os *smartphones* oferecem a nível laboral como a possibilidade de gerir as contas bancárias, contratar serviços, receber orientações, orientar equipas de trabalhos, contactar fornecedores, monitorar câmaras de segurança (Harris & Blair, 2006; Nunes, Wilson, & Kambil, 2000), mas também a nível prazeroso e de diversão, por permitirem que os usuários criem perfis nas redes sociais para interagirem com amigos e familiares e compartilhem e recebam informações em tempo real, os indivíduos estão cada vez mais dependentes do uso dos *smartphones* (Nunes, Wilson, & Kambil, 2000).

Enquanto estes aparelhos deviam estar a ser utilizados para proporcionar liberdade e permitir que os seus usuários aumentem os seus conhecimentos e resolvam os seus problemas de forma mais eficiente e rápida, estão a ser utilizados sem que exista a necessidade real para

esse comportamento, o que tem repercussões na vida de trabalho e social dos indivíduos (Fernandes, 2018; Nunes, Wilson, & Kambil, 2000).

A falta ou a dificuldade na utilização dos *smartphones* pelos usuários pode levar a transtornos e criar dificuldades em resolver problemas que poderiam ser facilmente solucionados com o recurso aos *smartphones*. Desta forma, verifica-se que este fenómeno tem tido de alguma forma impacto na vida quotidiana dos sujeitos, no que respeita ao bem-estar psíquico, uma vez que o uso excessivo dos *smartphones* tem vindo a ser relacionado com o impacto deste fenómeno na sociedade e até mesmo na saúde (Babadi-Akashe, Zamani, Abedini, Akbari, & Hedayati, 2014).

Adição à internet

O *phubbing* também funciona muitas vezes como resultado da possibilidade de poder estar conectado à internet atualmente em qualquer lugar e em qualquer momento. Permanecer *online* através do *smartphone* tornou-se uma necessidade social e laboral (Serrano, 2014). A “dependência da Internet” tem sido descrita como o uso problemático, excessivo ou mal adaptativo da Internet (Leung, 2004). Uma grande duração do tempo despendido na Internet pode levar ao uso patológico da Internet (Nalwa & Anand, 2003), sendo que há um consenso na literatura de que a Internet pode mesmo viciar, tal como o álcool ou o tabaco, até porque a nossa cultura exige e facilita o tempo on-line, porque é muitas vezes estipulado pela escola ou pelo local de trabalho. Desta forma, evitar a Internet é quase impossível e, em muitos casos, pode impedir o avanço educacional ou o emprego no escritório (Christakis & Moreno, 2009; Leung, 2004). Além disso, a Internet, é o meio para ter acesso a outro tipo de ferramentas, como as redes sociais, o que pode originar um outro tipo de vício: as redes sociais (Karadag et al., 2015).

Adição às redes sociais

As redes sociais proporcionam uma diversidade de experiências ao nível psicológico, cada uma delas apresenta recursos que podem levar ao comportamento problemático. Pois, uma pessoa extrovertida pode passar muito tempo no Facebook, analisando repetidamente o seu perfil para ver o número de "gostos" que o seu último “*post*” recebeu. Para outros, que apresentem alguma predisposição narcísica, o Instagram pode mostrar-se um meio viciante para eles se mostrarem aos outros com "*selfies*". A ansiedade social e o medo de perder podem também levar ao vício em redes sociais (Przybylski, Murayama, DeHaan, & Gladwell, 2013). Os *smartphones* permitem ainda o envio de mensagens através das redes sociais, outro comportamento viciante (Madden et al., 2013). O Facebook, por exemplo, permite o acesso a

várias ferramentas multimídia, como fotos, músicas, vídeos, entretenimento, jogos on-line, inclusão em grupos sociais, comunicação com pessoas familiares e desconhecidas e videochamadas, o que se torna num modo de vida em paralelo com a vida real dos indivíduos (Dhaha, 2013), ou seja, os indivíduos esforçam-se para manter a sua presença nas redes sociais enquanto vivem a sua vida real, acabando por vulnerabilizar esta última. Isto é um exemplo claro do *phubbing* (Karadag et al., 2015).

Além disso, o smartphone permite que as pessoas acedam à internet e, por sua vez, às redes sociais mesmo por frações de segundos, os chamados “micro horários”, o que não era possível antes deste dispositivo estar ao alcance de qualquer pessoa. Estes “micro horários” podem levar ao uso obsessivo do smartphone, o que pode interferir nas interações cara a cara (Al-Menayes, 2014).

Adição aos jogos

O vício nos jogos pode ser outro fator que influencia a prática do *phubbing*. Os estudos mostram que as principais razões pelas quais os indivíduos jogam prendem-se com: relacionamentos (prazer em interagir com outros jogadores), imersão (identificação com as personagens do jogo e vida no mundo de fantasia do jogo) e conquista (superar desafios e tornar-se poderoso) (Wang, Khoo, Liu, & Divaharan, 2008). Estes fatores, como por exemplo, o avanço dos níveis e a recompensa que daí advém pode levar ao vício nesta funcionalidade, que podem ou não ser *online*, e que estão cada vez mais ao dispor dos indivíduos, uma vez que já não necessitam de computador. Além disso, existem cada vez mais jogos para todo o tipo (Chou & Ting, 2003).

Os jogos de realidade virtual, em particular, onde os participantes assumem outras identidades ou são propostos a colaborar com membros de equipa de qualquer parte do mundo, podem representar o maior risco de dependência, porque exige uma presença *online* frequente e contínua (Christakis & Moreno, 2009).

Adição ao uso das SMS

A dependência de mensagens de texto é definida por Hassanzadeh e Rezaei (2011) como o comportamento compulsivo associado a mensagens de texto, que causa sintomas psicológicos/comportamentais, que desencadeiam resultados sociais negativos e pode ser baseada numa necessidade de comunicação interpessoal. As mensagens de texto são trocadas principalmente nas redes sociais existentes (Igarashi, Takai, & Yoshida, 2005), que estão disponíveis em qualquer lugar e embora sejam úteis para manter relacionamentos, devido à facilidade na comunicação, elas também podem levar ao isolamento ou exclusão nas redes de

amizade mediadas por mensagens de texto, pois o uso compulsivo dos meios de comunicação pode produzir resultados sociais negativos como o retraimento social, o que reforça o comportamento do *phubbing* (Smith & Williams, 2004).

É necessário ainda referir que García (2013) defende que os primeiros sintomas do vício nas novas tecnologias podem ser detetados quando os indivíduos começam a evidenciar sinais de isolamento, baixo desempenho na escola ou no trabalho, atenção focada no uso das tecnologias, perda de controlo no seu uso e procura desesperada de reforços rápidos e sentimentos de conforto, na ausência de tecnologias.

Importa compreender como o uso destas tecnologias se relaciona com outras variáveis, como o sexo do utilizador, a idade, profissão, etc. e como todas estas, por sua vez, contribuem, ou não, para a qualidade das relações amorosas, nomeadamente nos níveis de intimidade entre os indivíduos envolvidos, o que tem despertado interesse sobre o estudo do *phubbing* nas relações amorosas (Halpern & Katz, 2017; McDaniel & Coyne, 2016; Przybylski & Weinstein, 2013; Roberts & David, 2016). No entanto, não existem medidas adaptadas para a população portuguesa que meçam estes construtos. Razão pela qual importa colmatar esta lacuna.

Karadag et al. (2015) desenvolveram seis escalas [*Phubbing Scale* (PS), *Mobile Phone Usage Addiction Scale* (MPUAS), *Internet Addiction Scale* (IAS), *Social Media Addiction Scale* (SMAS), *Game Addiction Scale* (GAS) e *SMS Addiction Scale* (SAS)] com o objetivo principal de testar os determinantes do comportamento de *phubbing* através de um modelo de equações estruturais, mostrando as relações entre os determinantes, ou seja, o vício em *smartphones*, internet, redes sociais, jogos e SMS e o *phubbing*. Todas as escalas foram administradas, pelos autores, a uma amostra mista de 401 estudantes universitários selecionados aleatoriamente, e apesar de os autores apresentarem o modelo, não realizaram a Análise Fatorial Confirmatória para cada uma das escalas. Estes mostraram ainda, através da análise dos coeficientes de regressão, que a combinação das variáveis independentes do uso de *smartphone*, SMS, Internet, redes sociais e jogos previu significativamente o comportamento de *phubbing* e explicou 54% da variância, pela ordem de importância: *smartphone*, redes sociais, SMS e Internet, pois todas as variáveis, exceto a variável jogos, mostraram-se ser preditores significativas do *phubbing*.

Algumas destas escalas foram usadas para um estudo na Índia, com o principal objetivo de avaliar o papel dos preditores e o seu consequente impacto sobre adolescentes e jovens de faculdades da Índia como parte do Projeto *Phubbing* do Instituto de Psicologia da

Universidade da Polónia (Davey et al., 2018). Também na Polónia foi usada a Escala do *Phubbing* para ampliar o conhecimento sobre os determinantes individuais de *phubbing* (Błachnio & Przepiorka, 2018). Esta foi ainda utilizada por Ang, Teo, Ong e Siak (2019), na Malásia, para explorar as relações entre a obsessão do telefone, os distúrbios da comunicação e a conexão social entre os adolescentes, bem como seus pontos de vista sobre o *phubbing*. Também na Malásia, um estudo procurou perceber se a solidão e o medo de perder predizem o *phubbing*, recorrendo à *Phubbing Scale*, onde mostrou boa consistência interna da escala geral ($\alpha=.81$) e das duas dimensões (α do distúrbio de comunicação=.82 e α da obsessão pelo telefone=.68) (Ang, Chong, & Lau, 2019). Parmaksiz (2019) também utilizou esta escala na Turquia para examinar se a assertividade e passividade dos adolescentes foram ou não características preditoras do comportamento de *phubbing* com 634 estudantes, em que obteve uma boa consistência interna ($\alpha=.84$). A *Mobile Phone Usage Addiction Scale* foi utilizada por Bourget (2018), nos Estados Unidos, para medir o uso de *smartphones* e outras diferenças individuais, incluindo *locus* de controlo, bem-estar subjetivo e satisfação com a vida. A *Social Media Addiction Scale* foi utilizada por Kavčič, Levpušček, Zupančič, Poredoš e Bjornsen (2019) para estender o conhecimento sobre o papel dos traços de personalidade em diferentes comportamentos on-line, obtendo uma boa consistência interna da escala ($\alpha = .81$), mas nenhum destes estudos procederam à sua validação.

As seis escalas de Karadag et al. (2015) (PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS, SAS) foram utilizadas por Guazzini, Duradoni, Capelli e Meringolo (2019) para explorar os determinantes do *phubbing* desenvolvendo um modelo multidimensional, considerando todas as dimensões que a literatura científica demonstrou estar relacionada a esse comportamento em Itália, mas também não procederam à sua validação, recorrendo apenas à sua tradução. Apenas a escala do *Phubbing* foi validada para a população espanhola por Blanca e Bendayan (2018), pelo que não existe nenhuma versão em português de nenhuma delas. Estes autores mostraram um bom ajustamento do modelo ($\chi^2(33) = 117.58$, CFI =.981; NNFI= .974; RMSEA = .058) proposto pelos autores da escala e obtiveram valores satisfatórios para a fiabilidade compósita das dimensões ‘Distúrbio da comunicação’ e ‘Obsessão pelo telefone’ (.85 e .76, respetivamente). Neste estudo foi também utilizada a *Internet Addiction Scale*, para a qual se mostrou boa consistência interna da escala ($\alpha=.75$).

Hendrick (1988) e Hendrick, Dicke e Hendrick (1998) desenvolveram a *Relationship Assessment Scale* (RAS), uma medida genérica, breve e psicometricamente sólida que avalia a satisfação num relacionamento amoroso, porque embora considerem que existe algumas medidas para avaliar a satisfação com os relacionamentos, todas elas são muito demoradas (e,

portanto, às vezes difíceis de realizar, tanto para fins de investigação e fins terapêuticos), e todas são orientadas para relacionamentos conjugais. Isso sugere a necessidade de uma medida curta e geral de satisfação com o relacionamento com itens específicos o suficiente para abordar várias dimensões do relacionamento (por exemplo, amor, problemas, expectativas) e que possa ser aplicada a qualquer tipo de casal, (casais que vivem juntos, casais a namorar, casais homossexuais e, até mesmo para amizades).

Durante o processo de desenvolvimento da RAS, Hendrick et al. (1998) administraram esta escala a duas amostras distintas. Na primeira, aplicou a RAS juntamente com outras medidas que avaliam atitudes amorosas e sexuais, autoestima, comunicação, compromisso, investimento e parceiros alternativos a 125 estudantes universitários que mantinham uma relação amorosa. A análise fatorial indicou um fator de satisfação na relação que explicava 46% da variância. Na segunda amostra, a mesma autora, administrou a mesma escala, juntamente com outra que avalia o ajuste em casais conjugais e díades semelhantes (DAS) a 57 casais de namorados, em que se verificou um fator que explicava 57% da variância. A mesma escala apresentou ainda um coeficiente alfa de *Cronbach* de .86. Graham, Diebels e Barnow (2011) e Rubia (2019) em estudos estrangeiros, também mostraram uma boa consistência interna da escala ($\alpha=.87$ e $\alpha=.93$, respetivamente).

Também Vaughn e Baier (2010) examinaram a validade relacionada ao critério da RAS, no Reino Unido, comparando os escores da Escala de Ajuste Diádico (DAS) com os escores RAS, numa população clínica de 55 homens e 63 mulheres, em que mostram evidências de que o RAS é psicometricamente sólido e que pode ser uma medida mais parcimoniosa de satisfação de relacionamentos, revelando um alfa de *Cronbach* elevado ($\alpha=.91$). Humphreys, Wood e Parker (2009) utilizaram esta escala para examinar a relação entre alexitimia e satisfação em relacionamentos íntimos com 158 estudantes do primeiro ano de psicologia do Canadá. Também Herzberg (2013) usou a mesma escala para determinar como os esforços individuais e diádicos de enfrentamento estão relacionados com a satisfação das relações em 240 casais alemães. Outro estudo com a RAS, nos Estados Unidos, com 6.126 adultos diagnosticados com fibromialgia mostrou que a fibromialgia pode resultar num impacto negativo em relacionamentos importantes com a família e amigos íntimos (Marcus, Richards, Chambers, & Bhowmick, 2013). A mesma escala foi utilizada para comparar 89 indivíduos sem distúrbio psiquiátrico, quanto à impulsividade, personalidade, tipo de apego, satisfação com relacionamento amoroso e estilo amoroso no Brasil (Sophia et al., 2009).

Apesar de terem sido vários os estudos que recorreram à RAS para avaliar a satisfação nos relacionamentos, poucos procuraram validá-la para outras populações. Sander e Böcker

(1993) descrevem o desenvolvimento e validação de uma versão alemã da RAS com 119 casais de estudantes universitários e 22 casais em que pelo menos um parceiro estava em tratamento psicoterapêutico, obtendo um alfa de *Cronbach* de .81. Também Dinkel e Balcker (2005) investigaram as propriedades psicométricas da versão alemã do RAS numa amostra comunitária de 145 pessoas e obtiveram uma elevada consistência interna ($\alpha=.89$). Um estudo de Cassepp-Borges e Pasquali (2011) objetivou verificar evidências de validade e precisão da RAS no Brasil com 1549 participantes, em que obteve o valor de alfa de *Cronbach* = .85, em que concluiu que esta possui adequados indicadores psicométricos e que é um instrumento capaz de medir de maneira breve e precisa a satisfação no relacionamento. Rask et al. (2010) procuraram estabelecer a confiabilidade e a validade da versão sueca da RAS com 79 indivíduos com doença cardíaca e concluíram que a escala apresenta propriedades psicométricas satisfatórias em termos de validade de conteúdo, validade de construto, homogeneidade e estabilidade nesta população.

No México são vários os estudos a procurar validar a RAS. Rubia (2008) procurou descrever a distribuição, bem como estudar a consistência interna, estrutura fatorial e validade de critério, convergente e divergente da RAS numa amostra mexicana, onde obteve boas propriedades psicométricas e concluiu que é uma medida bastante útil e válida. Também no México, Lozano, Hurtarte, Arista, Gámez e Díaz-Loving (2010) objetivaram validar a RAS com 204 pessoas mexicanas e heterossexuais que viviam com o parceiro, concluindo que esta é uma medida com validade e confiabilidade apropriadas. No Irão, Maroufizadeh et al. (2018) examinaram as propriedades psicométricas da RAS e obtiveram uma elevada consistência interna ($\alpha=.83$) e a análise fatorial confirmatória demonstrou bons índices de ajustamento ($\chi^2/df = 4.84$; CFI = .98; RMSEA = .074, SRMR = .038) e validade convergente da escala ao modelo proposto por Hendrick (1988).

Em Portugal várias dissertações de mestrado usaram a RAS, tal como Jorge (2013), num estudo em Portugal, que teve como objetivo analisar a relação entre o conflito interparental percebido por jovens adultos e variáveis da relação de namoro (satisfação e compromisso relacionais e confiança nos parceiros) com 193 sujeitos, também obteve boas propriedades psicométricas, mas não procedeu à sua validação prévia. Também Pinto (2016), ao investigar em que medida o estilo de vinculação adulta e o narcisismo podem influenciar o compromisso e a satisfação no relacionamento com 136 indivíduos utilizou a RAS, no entanto, não a validou, assim como os estudos de Colaço (2009), Gomes (2016), Pires (2011), entre outros, pois nenhuma delas procedeu à validação da escala, uma vez que recorreram essencialmente à Análise Fatorial Exploratória e a Análises de Regressão Múltipla. Apesar de

em Portugal várias dissertações de mestrado terem recorrido à RAS para avaliar a satisfação nos relacionamentos amorosos, apenas Rocha (2011), que pretendia averiguar o papel das competências sociais íntimas – como mediadoras entre a qualidade da vinculação aos pais e das relações conjugais na vida adulta com 244 adultos, procedeu à Análise Fatorial Confirmatória, onde concluiu que o modelo apresentou um bom ajuste estatístico ($\chi^2(14) = 19.55$, $p < .15$, $\chi^2/df = 1.40$, CFI = .993, RMSEA = .04 e SRMR = .03).

A *Psychological Intimacy Scale* (PIS), foi desenvolvida por Debrot, Cook, Perrez e Horn (2012) num estudo com o objetivo de investigar o papel da responsividade no processo de intimidade em casais de namorados com 102 casais heterossexuais não casados em relacionamentos comprometidos há pelo menos três meses, que através da Análise fatorial confirmatória mostraram bom ajuste do modelo ($\chi^2(13) = .948$, $p = .74$, GFI = .98, RMSEA = .000 e SRMR = .01) e que a carga fatorial de cada item foi estatisticamente significativa indicando que os itens avaliam de forma confiável o mesmo construto, uma vez que a fiabilidade compósita se mostrou elevada tanto para homens como mulheres (.936 e .955, respetivamente). Também se pode concluir que o estudo demonstrou validade convergente, uma vez que a variância extraída média (VEM) se revelou elevada tanto para homens como mulheres (.788 e .843, respetivamente). O presente estudo pretende validar também esta escala para a população portuguesa e analisar as suas propriedades psicométricas, uma vez que a literatura mostra que existem poucos dados acerca desta escala e que não apresenta qualquer outra validação, pelo que se pretende colmatar essa lacuna na literatura portuguesa.

Nesse sentido, o objetivo do presente estudo consiste em adaptar e validar os instrumentos *Phubbing Scale* (PS), *Mobile Phone Usage Addiction Scale* (MPUAS), *Internet Addiction Scale* (IAS), *Social Media Addiction Scale* (SMAS), *Game Addiction Scale* (GAS) e *SMS Addiction Scale* (SAS) de Karadag et al. (2015); *Relationship Assessment Scale* (RAS) de Hendrick (1988) e Hendrick, Dicke e Hendrick (1998) e *Psychological Intimacy Scale* (PIS) de Debrot, Cook, Perrez e Horn (2012) para a população portuguesa, recorrendo à modelação de equações estruturais, análise fatorial confirmatória, numa amostra de adultos portugueses que estejam numa relação amorosa, em que as hipóteses são: (1) confirmar os modelos fatoriais propostos pelos autores das escalas e (2) demonstrar validade fatorial, discriminante, convergente e fiabilidade compósita.

Método

Este estudo é quasi-experimental (amostra por conveniência e variáveis independentes não controladas), de caráter quantitativo e transversal, uma vez que os dados são recolhidos num único momento e permite descrever associações entre variáveis.

Amostra

Neste estudo foram inquiridos 389 indivíduos escolhidos de forma não aleatória (por conveniência) dos quais foram excluídos quatro indivíduos bissexuais e um transsexual, todos do sexo feminino, tendo como critério para esta decisão o número insuficiente de sujeitos para se fazer comparações com base nesta categoria. Resultaram 384 participantes, dos quais 166 indivíduos foram inquiridos presencialmente e 218 de forma *online* através do *facebook*, sendo que 255 (66.4%) eram mulheres e 129 (33.6%) eram homens, com idades compreendidas entre os 18 e 58 anos, com média das idades igual a 26.38 anos (DP = 6.799). Dos 384 participantes, 374 eram heterossexuais e 10 homossexuais; 204 viviam em meio rural e 180 em meio urbano. No que respeita ao tempo da relação, 38 estavam numa relação há menos de seis meses, 36 entre sete meses e um ano, 93 entre dois e três anos, 98 há mais de três anos e menos de sete anos e 119 estavam numa relação há mais de sete anos. Em relação às habilitações académicas, 21 indivíduos tinham no máximo o 6º ano de escolaridade, 58 tinham entre o 7º e 9º ano, 165 concluíram o ensino secundário e 140 frequentam ou concluíram o ensino superior. Quanto ao nível socioeconómico, 48 participantes definiram-se como sendo de nível baixo, 332 nível médio e quatro (4) ao nível alto.

No que respeita ao estatuto socioprofissional, classificaram-se as profissões dos participantes com base na Classificação Portuguesa das Profissões (CPP, 2010). Verifica-se que a maior parte dos participantes se enquadra na categoria dos trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices (39,6%), seguindo-se a categoria de especialistas das profissões intelectuais e científicas (14,8%) e os trabalhadores de serviços pessoais, de proteção, segurança e vendedores (8,6%). Em menor número encontram-se os representantes do poder legislativo e de órgãos executivos (1,6%), os técnicos e profissionais de nível intermédio (1,8%) e o pessoal administrativo (5,2%). Os operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem (0,5%) bem como os profissionais das forças armadas (0,3%) e os agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta (0,3%) encontram-se em menor número. 23,4% dos participantes encontra-se a estudar ainda e 3,9% encontra-se desempregado.

Instrumentos

“*Phubbing Scale*” (PS) (Karadag et al., 2015), em português, Escala de *Phubbing*, é uma medida de autorrelato, composta por 10 itens com o objetivo de determinar os comportamentos de *phubbing*. As respostas são dadas numa escala tipo Likert de cinco pontos, entre “Nunca” e “Sempre”. Karadag et al. (2015) mostrou, através da análise fatorial exploratória, que esta é constituída por dois fatores: Distúrbio de comunicação com 5 itens, em que pontuações mais elevadas indicam que os participantes muitas vezes perturbam as suas comunicações ao lidar com os seus *smartphones* num ambiente de comunicação face a face; e Obsessão pelo telefone também com 5 itens, em que pontuações mais altas indicam que os participantes precisam constantemente do seu *smartphone* em ambientes que não têm comunicação cara a cara. O modelo bifatorial proposto por Karadag et al. (2015) apresentou bons índices de confiabilidade na avaliação da escala, uma vez que apresentaram valores de alfa de Cronbach de .87 para a subescala Distúrbio de comunicação e .85 para a Obsessão pelo telefone.

“*Mobile Phone Usage Addiction Scale*” (MPUAS) (Karadag et al., 2015), em português, Escala de dependência de uso do *smartphone*, é uma medida de autorrelato composta por 15 itens que avaliam o vício no *smartphone*. As respostas são dadas numa escala tipo Likert de cinco pontos, entre “Nunca” e “Sempre”. Esta é constituída por três fatores: Dificuldades de controlo com 3 itens ($\alpha = .78$), Privação com 7 itens ($\alpha = .86$) e Aplicação com 5 itens ($\alpha = .85$), obtidos através da análise fatorial exploratória por Karadag et al. (2015). O modelo tri-fatorial proposto por Karadag et al. (2015) apresentou bons índices de confiabilidade na avaliação da escala, uma vez que apresentaram valores de alfa de Cronbach de .78 para a subescala Dificuldades de controlo, .86 para a Privação e .85 para a Aplicação.

“*Internet Addiction Scale*” (IAS) (Karadag et al., 2015), em português, Escala de dependência de Internet, é uma medida de autorrelato, com 6 itens que avaliam o vício na Internet, constituída por apenas um fator, obtido no final da análise fatorial exploratória, realizada através da rotação do eixo principal Oblimin por Karadag et al. (2015). O modelo unifatorial proposto por Karadag et al. (2015) apresentou bons índices de confiabilidade na avaliação da escala, uma vez que apresentou um alfa de Cronbach de .83. As respostas são dadas numa escala tipo Likert de cinco pontos, entre “Nunca” e “Sempre”.

“*Social Media Addiction Scale*” (SMAS) (Karadag et al., 2015), em português, Escala de dependência de redes sociais, é uma medida de autorrelato, com 10 itens que avaliam o vício nas redes sociais. As respostas são dadas numa escala tipo Likert de cinco pontos, entre

“Nunca” e “Sempre”. Esta é constituída por dois fatores: Compartilhamento com 6 itens e Controlo com 4 itens, obtidos no final da análise fatorial exploratória por Karadag et al. (2015). O modelo bifatorial proposto por Karadag et al. (2015) apresentou bons índices de confiabilidade na avaliação da escala, uma vez que apresentaram valores de alfa de *Cronbach* de .82 para a subescala Compartilhamento e .79 para o Controlo.

“*Game Addiction Scale*” (GAS) (Karadag et al., 2015), em português, Escala de vício do jogo, é uma medida de autorrelato, com 8 itens que avaliam o vício em jogos, constituída por apenas um fator, obtido no final da análise fatorial exploratória, realizada através da rotação do eixo principal Oblimin por Karadag et al. (2015). O modelo unifatorial proposto por Karadag et al. (2015) apresentou bons índices de confiabilidade na avaliação da escala, uma vez que apresentou um alfa de *Cronbach* de .90. As respostas são dadas numa escala tipo Likert de cinco pontos, entre “Nunca” e “Sempre”.

“*SMS Addiction Scale*” (SAS) (Karadag et al., 2015), em português, Escala de dependência de SMS, é uma medida de autorrelato, constituída por 6 itens que avaliam o vício em SMS, através da frequência do uso diário de SMS, que constituem apenas um fator, obtido no final da análise fatorial exploratória, realizada através da rotação do eixo principal Oblimin por Karadag et al. (2015). O modelo unifatorial proposto por Karadag et al. (2015) apresentou bons índices de confiabilidade na avaliação da escala, uma vez que apresentou um alfa de *Cronbach* de .80. As respostas são dadas numa escala tipo Likert de cinco pontos, entre “Nunca” e “Sempre”.

“*Relationship Assessment Scale*” (RAS), em português, Escala de avaliação da relação, é uma medida de autorrelato, desenvolvida por Hendrick (1988) e Hendrick et al. (1998), constituída por apenas um fator, que mede o quão satisfeito o indivíduo está com a sua relação. Esta é constituída por 7 itens nos quais o indivíduo responde numa escala de *Likert* de cinco pontos, entre “Pouco satisfeito/a” e “Muito satisfeito/a”, em que os itens 5 e 7 são cotados de forma inversa. Hendrick et al. (1998), sugerem ainda que valores superiores a quatro podem ser indicadores de parceiros satisfeitos, enquanto valores de médias de respostas inferiores a 3.5 para os homens e de 3 até 3.5 para as mulheres, provavelmente, são índices de insatisfação na relação. O modelo unifatorial proposto por Hendrick et al. (1998) apresentou bons índices de confiabilidade na avaliação da escala, uma vez que apresentou um alfa de *Cronbach* de .86.

“*Psychological Intimacy Scale*” (PIS), em português, Escala de Intimidade Psicológica, é uma medida de autorrelato desenvolvida por Debrot et al. (2012), composta

por 4 itens nos quais o indivíduo responde numa escala de *Likert* de 5 pontos, entre “Não se aplica” e “Aplica-se fortemente”, para avaliar a intimidade nos casais.

O preenchimento das escalas foi antecedido por um questionário sociodemográfico construído com base na identificação das variáveis independentes dos estudos revistos e que no geral incluía questões sobre idade, sexo, orientação sexual (heterossexual, homossexual, bissexual, transsexual), local onde viveu a maior parte da sua vida (rural ou urbano), habilitações académicas (1º ou 2º ciclo; 3º ciclo; secundário; ensino superior), nível socioeconómico (baixo, médio, alto), se possui um *smartphone*, participação nas redes sociais, número de horas de uso diário da Internet, número de SMS enviados por dia, tempo da relação e profissão.

Procedimentos

O projeto do presente estudo foi submetido à Comissão de Ética Institucional de Pesquisa da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro obtendo parecer favorável à sua realização. Solicitou-se e obteve-se autorização do autor principal das escalas para traduzir e utilizar os instrumentos em Portugal. Durante o processo de tradução e adaptação das escalas seguiram-se recomendações estabelecidas internacionalmente (Hambleton, Merenda, & Spielberger, 2005). Inicialmente procedeu-se à tradução dos instrumentos para português. De seguida um tradutor bilingue fez a respetiva retroversão para inglês, que foi então comparada com os instrumentos originais. Aceite a versão provisória da tradução das escalas para português, foi então realizado um estudo pré-teste com 20 indivíduos que se encontravam numa relação amorosa, para que estes analisassem a qualidade da tradução, detetassem eventuais problemas e apresentassem considerações e sugestões que visassem a melhoria semântica da escala. Chegou-se assim à versão final da escala. De notar, que estes indivíduos foram excluídos da amostra no segundo momento do estudo.

Findo o processo, os participantes que constituem a amostra do estudo foram convidados a participar no estudo de forma presencial ou *online* pela própria investigadora, sendo que os que foram convidados presencialmente foram recrutados através da técnica da bola de neve, devido à condição da intencionalidade da amostra (estar numa relação amorosa), em que os primeiros entrevistados indicaram outros, que, por sua vez, indicaram outros e assim por diante. Todos os participantes foram informados acerca do objetivo da investigação, sendo assim convidados a preencherem o termo de consentimento livre e esclarecido, onde o anonimato e a confidencialidade foram assegurados, bem como o direito de desistir ou de solicitar o apoio do investigador, no decorrer da recolha de dados.

Por sua vez, os participantes inquiridos de forma *online*, eram convidados a participar através de redes sociais como o *Messenger* e *Facebook*, onde era dado a conhecer o propósito do estudo e era assegurado o anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos.

O preenchimento do protocolo de investigação demorou cerca de 20 minutos.

Análise Estatística

Para o tratamento estatístico dos dados foram utilizados os softwares SPSS (v. 25) e o AMOS (v. 25, SPSS, IBM Company, Chicago, IL). Inicialmente, efetuou-se a análise às estatísticas descritivas referentes às escalas, a partir da média (M) e do desvio padrão (DP). A análise da simetria da distribuição das frequências (normalidade univariada) foi realizada através dos coeficientes *skewness* (assimetria) e *kurtosis* (achatamento). Calculou-se o grau de consistência interna das escalas, recorrendo ao alfa de *Cronbach*. Relativamente à consistência interna por alfa de *Cronbach*, que avalia o grau em que os itens de uma matriz de dados estão correlacionados entre si, varia entre 0 e 1 e sugere-se que $\alpha > .9$ apresenta uma consistência interna excelente, $\alpha > .8$ sugere boa consistência interna, $\alpha > .7$ sugere que a consistência interna é aceitável, $\alpha > .6$ sugere que a consistência interna é questionável, $\alpha > .5$ sugere pobre consistência interna e $\alpha < .5$ sugere que a consistência interna é inaceitável (George & Mallery, 2003).

Tendo por referência as estruturas fatoriais propostas nos estudos prévios (Karadag et al., 2015), realizou-se a Análise Fatorial Exploratória. No sentido de verificar a adequabilidade do modelo fatorial aos dados, foi ainda realizada uma Análise Fatorial Confirmatória, em que foram utilizadas as seguintes medidas de avaliação do ajustamento: *ratio chi square statistics/degrees of freedom* (χ^2/df), *comparative fit index* (CFI), *goodness of fit index* (GFI), *root mean square error of approximation* (RMSEA) e *Akaike information criterion* (AIC). O rácio do χ^2/df tem sido usado como índice de ajustamento do modelo, no entanto, não existe consenso acerca do valor que se considera um ajustamento adequado, sendo sugerido valores inferiores a 3 (Aroian & Norris, 2005; Maroco, 2014). O CFI avalia a adequabilidade do modelo em relação ao modelo independente, variando os valores entre 0 e 1, com valores superiores a .9 a propor um bom ajustamento. Já o GFI mede a quantidade relativa de variância e covariância conjuntamente explicadas pelo modelo, varia entre 0 e 1, com valores superiores a .9 a sugerir um ajustamento adequado. Quanto ao RMSEA, analisa a discrepância no ajustamento entre as matrizes estimadas e as observadas, varia entre 0 e 1, sendo que os valores esperados devem situar-se abaixo de .8. Na comparação de dois ou mais

modelos usamos o AIC, sendo que valores mais baixos indicam uma maior adequabilidade do modelo (Maroco, 2014).

Foi calculada a Fiabilidade Compósita (FC), enquanto indicador da fiabilidade de construto, e a Variância Extraída Média (VEM), indicador utilizado para avaliar a qualidade dos modelos estruturais dos instrumentos, sendo que os valores da FC devem ser superiores a .7 para se revelar elevada e superiores a .5 para revelar uma VEM adequada. Para calcular estes indicadores foram utilizados os valores não-estandardizados, uma vez que alguns autores defendem que tanto se podem utilizar os estandardizados como os não estandardizados (Valentini & Damásio. 2016). A validade discriminante dos fatores foi avaliada pela comparação das VEM com os quadrados da correlação entre os mesmos, sendo que os valores de VEM devem ser superiores aos quadrados de correlações para se verificar a existência de validade discriminante entre os fatores (Maroco, 2014).

Foi ainda efetuada uma análise de regressão linear múltipla hierárquica, para verificar se a dependência do *smartphone*, internet, redes sociais, jogos e SMS são capazes de prever o *phubbing*.

Resultados

A Tabela 1 mostra a estatística descritiva (mínimo, máximo, médias e desvios padrão) e medidas de normalidade univariada (assimetria e curtose) para a versão portuguesa das escalas *Phubbing Scale* (PS), *Mobile Phone Usage Addiction Scale* (MPUAS), *Internet Addiction Scale* (IAS), *Social Media Addiction Scale* (SMAS), *Game Addiction Scale* (GAS), *SMS Addiction Scale* (SAS), *Relationship Assessment Scale* (RAS) e *Psychological Intimacy Scale* (PIS). É possível verificar que todos os valores de assimetria não são superiores a 2 e de curtose a 7. Desta forma, constatou-se que a distribuição é normal em todas as escalas e subescalas (Kim, 2013). Para analisar o grau de confiabilidade das escalas para a amostra estudada, computaram-se estimativas quanto ao alfa de *Cronbach*. Assim, os valores de alfa obtidos sugerem níveis qualitativos de confiabilidade entre o satisfatório (α .70 – α .79) e o bom (α .80 – α .89) em todas as escalas e subescalas, à exceção da subescala ‘Privação’ da escala MPUAS (α =.46) (Maroco, 2014).

Tabela 1

Análise descritiva, da normalidade e da consistência interna

	Min-Máx	M	DP	Assimetria	Curtose	α de Cronbach
PS	8-38	20.28	5.130	.041	.070	.746
Dist. da comun.	5-23	10.18	3.507	.585	-.097	.810
Obs. pelo telefone	3-15	10.10	3.090	-.283	-.557	.745
MPUAS	13-59	33.41	8.997	.243	.001	.851
Dif. de controlo	5-24	11.17	4.076	.432	-.319	.810
Privação	2-10	6.35	2.015	-.105	-.613	.463
Aplicação	6-30	15.90	4.905	.367	-.123	.782
IAS	6-28	12.95	4.662	.720	.289	.822
SMAS	10-43	24.24	6.968	-.004	-.346	.850
Compartilhamento	5-25	13.80	4.460	.050	-.429	.807
Controlo	5-20	10.43	3.300	.375	-.450	.749
GAS	8-40	14.21	6.436	1.208	1.182	.890
SAS	6-28	13.08	4.538	.520	-.080	.762
RAS	7-33	25.84	3.049	-1.395	5.225	.842
PIS	4-20	17.84	2.884	-1.939	4.846	.883

Tendo por base o modelo bifatorial sugerido pelos autores da escala “*Phubbing Scale*”, ajustado a uma amostra de 384 adultos portugueses revelou uma qualidade de ajustamento sofrível ($\chi^2/df = 6.016$; GFI = .905; CFI= .855; RMSEA=.114; AIC = 246.451). Tendo em consideração que o item 9 carregava duplamente nos dois fatores (Distúrbio da comunicação e Obsessão pelo telefone), foi eliminado do modelo, obtendo-se os seguintes valores: $\chi^2/df = 3.706$; GFI = .947; CFI= .930; RMSEA=.084; AIC = 134.350. Tendo em conta que a literatura sugere que o valor de RMSEA deverá ser inferior a .8, optou-se por eliminar os itens com carga fatorial inferior a .4, sendo por isso eliminado o item 5 do modelo. Ambos os itens eliminados integram o fator ‘Obsessão pelo telefone’. Uma vez retirados estes dois itens, foi possível obter uma qualidade de ajustamento boa ($\chi^2/df = 3.052$; GFI = .964; CFI= .959; RMSEA=.073; AIC = 91.981). A fiabilidade compósita dos fatores revelou-se adequada ($FC \geq .7$) sendo de .929 para o ‘Distúrbio da comunicação’ e .959 para a ‘Obsessão pelo telefone’. A variância extraída média (VEM), um indicador de validade convergente dos fatores, revelou-se elevada para o ‘Distúrbio da comunicação’ (.700) e para a ‘Obsessão pelo telefone’ (.886). A figura 1 apresenta os valores dos pesos fatoriais não estandardizados e a fiabilidade individual de cada um dos itens no modelo final simplificado. A validade discriminante dos fatores foi avaliada pela comparação das VEM com os quadrados da correlação entre fatores. Sendo $VEM_{com}=.700$ e $VEM_{obs}=.886$ superiores ao $r^2_{(com-obs)} = .00256$ pode-se afirmar que os dois fatores têm validade discriminante.

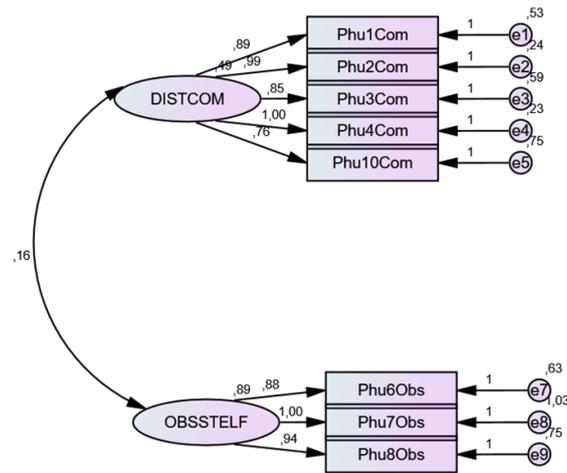


Figura 1: Modelo bifatorial da Phubbing Scale ajustado a uma amostra de 384 adultos portugueses ($\chi^2/df = 3.052$; GFI = .964; CFI= .959; RMSEA=.073; AIC = 91.981).

Não existindo referenciais teóricos quanto à estrutura do modelo tri-fatorial sugerido pelos autores da escala “*Mobile Phone Usage Addiction Scale*”, realizou-se uma análise fatorial exploratória utilizando uma análise fatorial do eixo principal com rotação de Oblimin e o Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), que compara correlações simples com correlações parciais observadas nas variáveis, apresenta um valor de .87 que indica que a análise em componentes principais pode ser feita, tal como sugerido por Karadag et al. (2015), de onde foi excluído o item 11 por carregar exatamente com o mesmo valor tanto no fator 1 como no fator 2. Como resultado da análise de componentes principais foi proposta uma estrutura de 3 fatores, explicando 56,526% da variância.

O modelo tri-fatorial da “*Mobile Phone Usage Addiction Scale*” ajustado a uma amostra de 384 adultos portugueses revelou uma qualidade de ajustamento sofrível ($\chi^2/df = 5.576$; GFI = .865; CFI= .833; RMSEA=.109; AIC = 403.707). Após a eliminação do item 13, por apresentar uma carga fatorial inferior a .4 e depois de correlacionados os erros de medida dos itens e9 – e12, e11 – e14 e e13 - e14, foi possível obter uma qualidade de ajustamento boa ($\chi^2/df = 3.693$; GFI = .916; CFI= .903; RMSEA=.084; AIC = 281.869). A fiabilidade compósita dos fatores revelou-se adequada sendo de .931 para ‘Dificuldades de controlo’, .893 para ‘Privação’ e .833 para ‘Aplicação’. A variância extraída média (VEM), revelou-se próxima do aceitável para a ‘Aplicação’ (.472) e elevada para ‘Dificuldades de controlo’ (.726) e para a ‘Privação’ (.759). A figura 2 apresenta os valores dos pesos fatoriais não standardizados e a fiabilidade individual de cada um dos itens no modelo final simplificado. Pode-se demonstrar a validade discriminante dos fatores ‘Dificuldades de

controlo e Privação’, ‘Privação e Aplicação’ e ‘Dificuldades de controlo e Aplicação’ cujas correlações ao quadrado (respetivamente, $r^2_{\text{DifCon-Pri}} = .20$, $r^2_{\text{Pri-Ap}} = .25$ e $r^2_{\text{DifCon-PAp}} = .29$) são consideravelmente inferiores aos valores de VEM de cada um dos fatores.

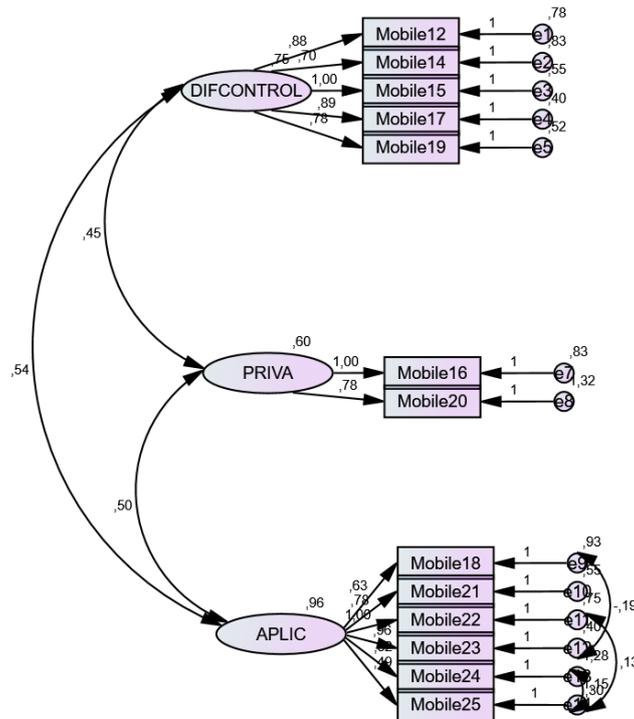


Figura 2: Modelo tri-fatorial da Mobile Phone Usage Addiction Scale ajustado a uma amostra de 384 adultos portugueses ($\chi^2/df = 3.693$; $GFI = .916$; $CFI = .903$; $RMSEA = .084$; $AIC = 281.869$).

Tendo por base o modelo unifatorial sugerido pelos autores da escala “*Internet Addiction Scale*”, ajustado a uma amostra de 384 adultos portugueses revelou uma qualidade de ajustamento boa ($\chi^2/df = 1.967$; $CFI = .991$; $GFI = .987$; $RMSEA = .50$; $AIC = 41.733$) depois de correlacionados os erros de medida dos itens e1 – e2. A fiabilidade compósita do fator revelou-se adequada sendo de .860. A variância extraída média (VEM) também se revelou aceitável (.529). A figura 3 apresenta os valores dos pesos fatoriais não estandardizados e a fiabilidade individual de cada um dos itens no modelo final simplificado.

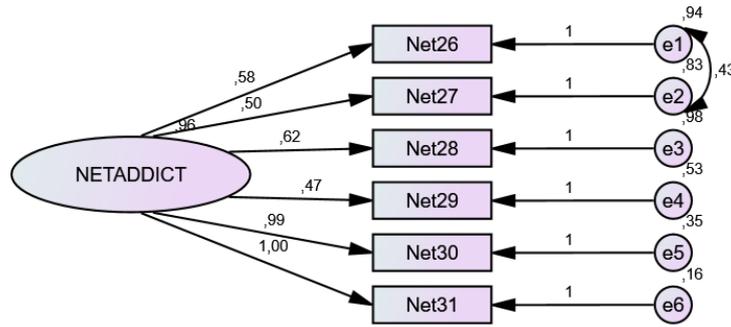


Figura 3: Modelo fatorial da Internet Addiction Scale ajustado a uma amostra de 384 adultos portugueses ($\chi^2/df = 1.967$; CFI= .991; GFI = .987; RMSEA=.50; AIC = 41.733).

Tendo por base o modelo bifatorial sugerido pelos autores da escala “*Social Media Addiction Scale*”, ajustado a uma amostra de 384 adultos portugueses revelou uma qualidade de ajustamento boa ($\chi^2/df = 3.377$; GFI = .951; CFI= .945; RMSEA=.079; AIC = 151.311), depois de correlacionados os erros de medida dos itens e1 – e2, e2 - e4, e8 – e9 e e8 – e10. A fiabilidade compósita dos fatores revelou-se adequada para o ‘Compartilhamento’ sendo de .938 e .913 para o ‘Controlo’. A variância extraída média (VEM), revelou-se elevada para o ‘Compartilhamento’ (.753) e para o ‘Controlo’ (.683). A figura 4 apresenta os valores dos pesos fatoriais não estandardizados e a fiabilidade individual de cada um dos itens no modelo final simplificado. A validade discriminante dos fatores foi avaliada pela comparação das VEM com os quadrados da correlação entre fatores. Sendo $VEM_{comp}=.753$ e $VEM_{controlo}=.683$ superiores ao $r^2_{(comp-controlo)} = .0027$ pode-se afirmar que os dois fatores têm validade discriminante.

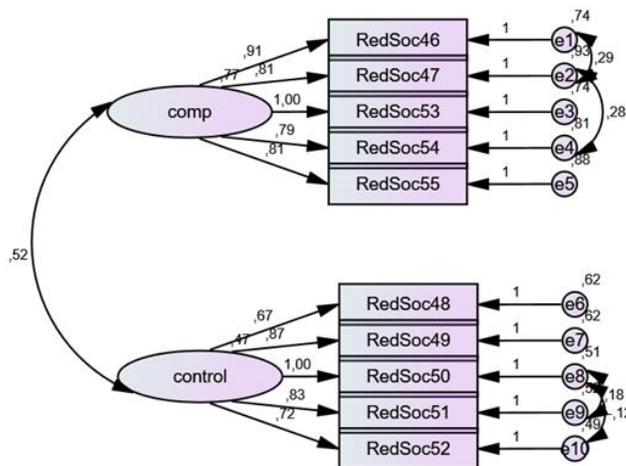


Figura 4: Modelo bifatorial da Social Media Addiction Scale ajustado a uma amostra de 384 adultos portugueses ($\chi^2/df = 3.377$; GFI = .951; CFI = .945; RMSEA=.079; AIC = 151.311).

Tendo por base o modelo unifatorial sugerido pelos autores da escala “*Game Addiction Scale*”, ajustado a uma amostra de 384 adultos portugueses revelou uma qualidade de ajustamento sofrível ($\chi^2/df = 6.622$; CFI= .931; GFI = .919; RMSEA=.121; AIC = 164.450). Depois de correlacionados os erros de medida dos itens e1 - e3, e1 - e4, e1 - e5 e e1 - e7, foi possível obter uma qualidade de ajustamento boa ($\chi^2/df = 3.862$; CFI= .972; GFI = .963; RMSEA=.86; AIC = 101.786). A fiabilidade compósita do fator revelou-se adequada sendo de .964. A variância extraída média (VEM) também se revelou elevada (.703). A figura 5 apresenta os valores dos pesos fatoriais não estandardizados e a fiabilidade individual de cada um dos itens no modelo final simplificado.

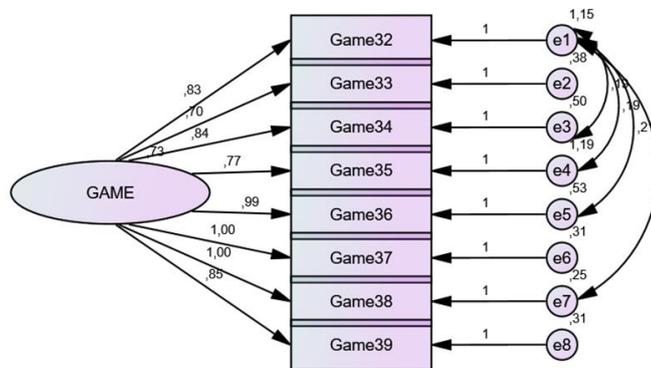


Figura 5: Modelo fatorial da Game Addiction Scale ajustado a uma amostra de 384 adultos portugueses ($\chi^2/df = 3.862$; CFI= .972; GFI = .963; RMSEA=.86; AIC = 101.786).

Tendo por base o modelo unifatorial sugerido pelos autores da escala “*SMS Addiction Scale*”, ajustado a uma amostra de 384 adultos portugueses revelou uma qualidade de ajustamento boa ($\chi^2/df = 2.565$; CFI= .978; GFI = .982; RMSEA=.064; AIC = .054) depois de correlacionados os erros de medida dos itens e2 e e5. A fiabilidade compósita do fator revelou-se adequada sendo de .888. A variância extraída média (VEM) também se revelou adequada (.599). A figura 6 apresenta os valores dos pesos fatoriais não estandardizados e a fiabilidade individual de cada um dos itens no modelo final simplificado.

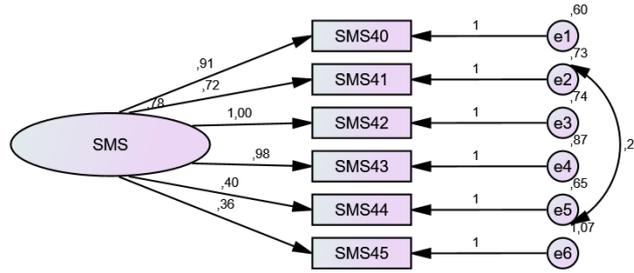


Figura 6: Modelo fatorial da SMS Addiction Scale ajustado a uma amostra de 384 adultos portugueses ($\chi^2/df = 2.565$; CFI= .978; GFI = .982; RMSEA=.064; AIC = .054).

Tendo por base o modelo unifatorial sugerido pelos autores da escala “*Relationship Assessment Scale*”, ajustado a uma amostra de 384 adultos portugueses revelou uma qualidade de ajustamento boa ($\chi^2/df = 2.972$; CFI= .980; GFI = .970; RMSEA=.072; AIC = 69.605). A fiabilidade compósita do fator revelou-se adequada sendo de .945. A variância extraída média (VEM) também se revelou elevada (.722). A figura 7 apresenta os valores dos pesos fatoriais não estandardizados e a fiabilidade individual de cada um dos itens no modelo final simplificado.

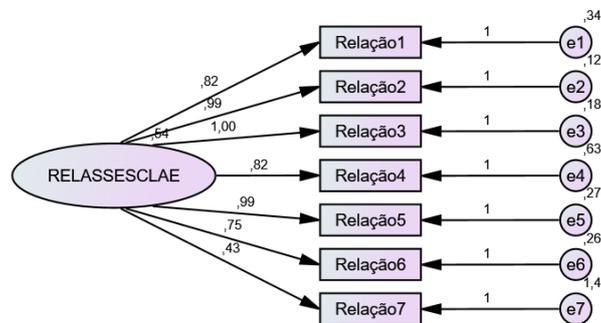


Figura 7: Modelo fatorial da Relationship Assessment Scale ajustado a uma amostra de 384 adultos portugueses ($\chi^2/df = 2.972$; CFI= .980; GFI = .970; RMSEA=.072; AIC = 69.605).

Tendo por base o modelo unifatorial sugerido pelos autores da escala “*Psychological Intimacy Scale*”, ajustado a uma amostra de 384 adultos portugueses revelou uma qualidade de ajustamento boa ($\chi^2/df = 1.140$; CFI= 1.000; GFI = .999; RMSEA=.019; AIC = 19.140). A fiabilidade compósita do fator revelou-se adequada sendo de .973. A variância extraída média (VEM) também se revelou elevada (.902). A figura 8 apresenta os valores dos pesos fatoriais não estandardizados e a fiabilidade individual de cada um dos itens no modelo final simplificado.

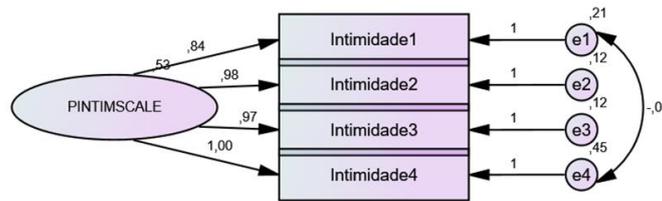


Figura 8: Modelo fatorial da Psychological Intimacy Scale ajustado a uma amostra de 384 adultos portugueses ($\chi^2/df = 1.140$; CFI= 1.000; GFI = .999; RMSEA=.019; AIC = 19.140).

Os resultados da análise de regressão múltipla tendo por base o modelo teórico proposto por Karadag et al. (2015), que foi realizada para determinar o nível de predição da dependência do *smartphone*, internet, redes sociais, jogos e SMS no *phubbing* mostram um modelo estatisticamente significativo [$F(5,378)= 137,419$; $p=.001$; $R^2=.592$], sendo as variáveis de dependência do *smartphone*, redes sociais, SMS, internet e jogos responsáveis por 59,2% da variância do *phubbing*. Tanto a dependência do *smartphone* ($\beta= .430$; $p=.001$), como das redes sociais ($\beta=.162$; $p=.001$), das SMS ($\beta=.149$; $p=.008$) e da internet ($\beta=.157$; $p=.002$) são predictoras do *phubbing* como indicado na tabela 2. Entretanto, não houve contribuição significativa da dependência dos jogos ($\beta=-.024$; $p=.527$) e denota-se que incluir a dependência dos *smartphones* como preditor, melhorou a capacidade de prever o *phubbing* em 51,8%. Como não existe multicolinearidade entre as variáveis independentes e o valor de Durbin-Watson é igual a 1.851, ou seja, maior que 1,5 e inferior a 2,5, pode-se afirmar que os resultados verificam todos os pressupostos da regressão linear múltipla.

Tabela 2

Modelo de regressão predizendo o *phubbing* a partir das escalas de *smartphone*, internet, redes sociais, jogos e SMS

Variáveis	B	SE	β	t	p
Smartphone (MPUAS)	.274	.031	.430	8.862	.001
Redes sociais (SMAS)	.166	.051	.162	3.256	.001
SMS (SAS)	.174	.065	.149	2.668	.008
Internet (IAS)	.213	.067	.157	3.156	.002
Jogos (GAS)	-.023	.037	-.024	-.633	.527

Nota. $R^2= .592$; $F(5,378)= 137.419$; $p=.001$

Discussão

O principal objetivo do presente estudo consiste na validação da *Phubbing Scale* (PS), *Mobile Phone Usage Addiction Scale* (MPUAS), *Internet Addiction Scale* (IAS), *Social*

Media Addiction Scale (SMAS), *Game Addiction Scale (GAS)* e *SMS Addiction Scale (SAS)*; *Relationship Assessment Scale (RAS)* e por fim, *Psychological Intimacy Scale (PIS)* para a população portuguesa, através das propriedades psicométricas.

Nesse sentido, para além de se pretender sugerir instrumentos passíveis de medir o comportamento de *phubbing*, o vício no *smartphone*, o vício na internet, o vício nas redes sociais, o vício nos jogos, o vício na troca de SMS, a satisfação nas relações amorosas e a intimidade nos casais, pretende-se contribuir para a pesquisa científica apresentando instrumentos adaptados à língua portuguesa, capazes de medir esses construtos de modo breve, bem delineado e aplicável a quaisquer sujeitos.

Tendo em conta as considerações teóricas sobre os índices de confiabilidade, o estudo obteve bons níveis de consistência interna da “*Phubbing Scale*” na mensuração das suas duas dimensões (Distúrbio da comunicação e Obsessão pelo telefone) na amostra portuguesa, tal como no estudo de Karadag et al. (2015), em que foram apresentados bons índices de confiabilidade para ambas as dimensões. O mesmo se passou, entretanto, nos trabalhos de Ang et al. (2019) e de Parmaksiz (2019).

Visto que vários estudos têm alertado para a importância de confirmar os resultados exploratórios, procurou-se acrescentar conteúdo sobre a validade de todos os instrumentos em estudo, através da testagem dos modelos teóricos sugeridos com recurso à Análise Fatorial Confirmatória (Fernandes & Vasconcelos-Raposo, 2010; Maroco, 2014; Vasconcelos-Raposo, Fernandes, Teixeira, & Bertelli, 2012).

Os resultados revelaram que as estruturas fatoriais obtiveram bons índices de ajustamento. Em relação à PS, obteve-se um modelo fatorial ligeiramente diferente ao proposto pelos autores da escala, na medida em que foram eliminados dois itens (5 e 9) pertencentes ao mesmo fator (obsessão pelo telefone), não aceitando o modelo na sua totalidade. No entanto, com o modelo proposto foram obtidos bons índices de ajustamento, tal como no estudo de Blanca e Bendayan (2018), que não necessitaram de eliminar estes dois itens para obterem valores de CFI e RMSEA, por exemplo, próximos aos valores do presente estudo. Demonstrou-se ainda a existência de validade discriminante e convergente dos dois fatores e fiabilidade de construto adequada para ambos os fatores, mostrando que os itens avaliam de forma confiável o mesmo construto, tal como evidenciando por Blanca e Bendayan (2018), que obtiveram valores de FC relativamente próximos aos do presente estudo para ambas os fatores da PS.

No que respeita à “*Mobile Phone Usage Addiction Scale*”, o estudo obteve bons níveis de consistência interna na mensuração de duas dimensões (Dificuldades de controlo e

Aplicação) na amostra portuguesa, tal como no estudo de Karadag et al. (2015), no entanto a dimensão ‘Privação’ apresentou baixos níveis de confiabilidade, não indo de encontro aos resultados de Karadag et al. (2015). Nesta escala foi obtido um modelo tri-fatorial tal como proposto pelos autores da escala. No entanto, para a obtenção de melhores resultados, o modelo final neste estudo é constituído apenas por 13 itens, sendo que o fator ‘Dificuldades de controlo’ é constituído por cinco itens, em vez de três como proposto pelos autores, o fator ‘Privação’ por dois itens ao invés de sete e o fator ‘Aplicação’ por seis itens, em vez de cinco, não aceitando assim o modelo na sua totalidade. No entanto, foi indicada, com o modelo proposto no presente estudo, a existência de bons índices de ajustamento, uma vez que se demonstrou validade convergente próxima do aceitável para o fator “Aplicação” e elevada nos restantes fatores. Foi ainda apresentada validade discriminante dos fatores e fiabilidade de construto, mostrando que os itens avaliam de forma confiável o mesmo construto.

Quanto à ‘*Internet Addiction Scale*’, na amostra portuguesa foi obtido um bom índice de confiabilidade que se apresentou muito próximo dos níveis de consistência interna do estudo de Karadag et al. (2015) e acima do valor de alfa de *Cronbach* obtido por Blanca e Bendayan (2018). Para esta, foi obtido um modelo idêntico ao proposto pelos autores, sendo este constituído por um fator com seis itens, aceitando assim o modelo. Depois de correlacionados os itens 1 e 2 obteve-se bons índices de ajustamento, demonstrando validade convergente e boa fiabilidade de construto, ou seja, os itens avaliam de forma confiável o mesmo construto.

Atendendo, mais uma vez, às considerações teóricas sobre os índices de confiabilidade, o estudo obteve bons níveis de consistência interna da “*Social Media Addiction Scale*” na amostra portuguesa, tal como Kavčič et al. (2019) e na mensuração das suas duas dimensões (Compartilhamento e Controlo) em que foram apresentados bons índices de confiabilidade para ambas as dimensões como no estudo de Karadag et al. (2015)

Em relação a esta escala, o modelo proposto pelos autores era composto por dois fatores, Compartilhamento, com seis itens e Controlo, com quatro itens. No presente estudo, foi obtido um modelo semelhante, composto pelos mesmo fatores, mas com cinco itens cada fator, aceitando parcialmente o modelo. Com o modelo proposto, foram obtidos bons índices de ajustamento e também se mostrou a validade discriminante entre os dois fatores, assim como validade convergente e boa fiabilidade de construto dos dois fatores, mostrando que os itens avaliam de forma confiável o mesmo construto.

Na amostra portuguesa foi ainda obtido um bom índice de confiabilidade na “*Game Addiction Scale*”, em que este se apresenta muito próximo dos níveis de consistência interna

do estudo de Karadag et al. (2015). Nesta escala, depois de correlacionados os itens 1 e 3, 1 e 4, 1 e 5, e 1 e 7, foram obtidos bons índices de ajustamento para o modelo proposto pelos autores, composto por um único fator, com oito itens, aceitando assim o modelo. Foi ainda demonstrada validade convergente e boa fiabilidade de construto, demonstrando, portanto, que os itens avaliam de forma confiável o mesmo construto.

No que respeita à '*SMS Addiction Scale*', também foi obtido um bom índice de confiabilidade na amostra portuguesa, tendo obtido um alfa de *Cronbach* muito próximo ao do estudo de Karadag et al. (2015). Nesta escala foram também obtidos bons índices de ajustamento para o modelo proposto pelos autores, composto por um fator, com seis itens, depois de correlacionados os itens 2 e 5, aceitando assim o modelo. Demonstrou-se ainda, validade convergente e boa fiabilidade de construto, ou seja, os itens avaliam de forma confiável o mesmo construto.

Hendrick et al. (1998) começaram por apresentar bons índices de confiabilidade para a escala '*Relationship Assessment Scale*'. O mesmo se passou, entretanto, nos trabalhos Cassepp-Borges e Pasquali (2011), Dinkel e Balcker (2005), Graham et al. (2011), Rubia (2019), Sander e Böcker (1993), Vaughn e Baier (2010) tendo em conta que apresentaram níveis de confiabilidade bons. Dado os dados reportados, considerando os valores sugeridos nas investigações prévias à RAS e as considerações teóricas sobre os índices de confiabilidade, o estudo, mantém bons níveis de consistência interna da escala na amostra portuguesa.

Na '*Relationship Assessment Scale*', também foram obtidos bons índices de ajustamento para o modelo proposto pelos autores, constituído por um fator com sete itens, à semelhança do estudo de Rocha (2011), que obteve valores de χ^2/df , CFI e RMSEA próximos dos valores do presente estudo e mostrou também um bom ajustamento do modelo. Foi então aceite o modelo proposto por Hendrick (1988) no presente estudo e demonstrada validade convergente como no estudo de Rubia (2008) e boa fiabilidade de construto como no estudo de Rask et al. (2010), constatando que os itens avaliam de forma confiável o mesmo construto. Além disso, Maroufizadeh et al. (2018) também obteve valores de CFI e RMSEA muito idênticos aos do presente estudo e demonstrou também a validade convergente da escala, tal como nos nossos achados. Os resultados corroboram ainda os estudos de Cassepp-Borges e Pasquali (2011), Jorge (2013), Lozano et al. (2010), e Vaughn e Baier (2010), que indicaram que a escala possui adequados indicadores psicométricos.

Por fim, no que respeita à '*Psychological Intimacy Scale*', tendo em conta, mais uma vez, as considerações teóricas sobre os índices de confiabilidade, o estudo obteve bons níveis

de consistência interna na amostra portuguesa e também foram obtidos bons índices de ajustamento para o modelo proposto pelos autores, composto por um fator, com quatro itens, depois de correlacionados os itens 1 e 4, aceitando assim o modelo e demonstrando validade convergente e boa fiabilidade de construto, ou seja, os itens avaliam de forma confiável o mesmo construto, tal como no estudo de Debrot et al. (2012), que demonstraram um bom ajuste do modelo e fiabilidade compósita e validade convergente elevadas, tanto para homens como mulheres. Visto a escassez de informação na literatura relativamente a esta escala, acredita-se ter contribuído significativamente para o enriquecimento de dados psicométricos que ajudem nas investigações que visem o aprofundamento do estudo da intimidade e recorram à PIS para esse efeito.

Tal como Karadag et al. (2015) verificaram, a dependência do *smartphone*, redes sociais, SMS, internet e jogos é capaz de prever significativamente o comportamento de *phubbing*, explicando 59,2% da variância neste estudo, sendo a dependência dos *smartphones* a principal responsável e a dependência dos jogos não significativa. Deste modo, acredita-se que a dependência do *smartphone*, redes sociais, SMS e internet predizem o comportamento do *phubbing*, em que os indivíduos mais dependentes do uso destas tecnologias, apresentam também maior dependência do comportamento do *phubbing*.

Posto isto, acreditamos ter contribuído para o desenvolvimento da pesquisa no âmbito do *phubbing*, propondo instrumentos adaptados, que podem ser utilizados em qualquer população.

A principal limitação deste estudo incidiu na seleção de instrumentos para analisar a prática do *phubbing*, a satisfação com a relação amorosa e a intimidade com pouca informação estatística, pois os autores das escalas originais MPUAS e SMAS não especificaram por exemplo quais itens correspondiam aos respetivos fatores, o que dificultou a análise estatística do presente estudo. Além disso, a falta de literatura destas escalas não permitiu corroborar alguns resultados deste estudo com outros estudos.

Outra limitação prende-se com o tipo de amostragem (de conveniência e não probabilística), realizada com uma amostra de indivíduos num relacionamento amoroso, sendo arriscado proceder a generalizações. Os presentes resultados devem ser objeto de análise em estudos futuros, de maneira a aumentar a confiança nos dados apresentados. A este nível sugere-se que estudos futuros procurem validar os mesmos instrumentos da autoria de Karadag et al. (2015), em contexto português, com indivíduos que não se encontrem numa relação amorosa.

Conclusão

Os resultados do presente estudo evidenciaram que a PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS, SAS, RAS e a PIS são instrumentos válidos para medir o comportamento de *phubbing*, o vício no *smartphone*, o vício na internet, o vício nas redes sociais, o vício nos jogos, o vício do uso diário de SMS, a satisfação nas relações amorosas e a intimidade nos casais, respetivamente, sugerindo que as escalas podem ser utilizadas no âmbito da investigação ou prática clínica para avaliar a satisfação dos relacionamentos, por exemplo e mostrando, que, em geral, todas as escalas apresentam bons níveis de confiabilidade. Dada a necessidade de aprofundar os estudos sobre o comportamento do *phubbing*, devido à escassez de estudos nesta área e ao aumento deste comportamento, algumas destas escalas, se adequadamente utilizadas, podem tornar-se instrumentos valiosos na identificação e controlo destas condições em diferentes circunstâncias. Com isto, acreditamos ter apresentado dados que potenciem o interesse no âmbito da investigação e intervenção para a diminuição da prática do *phubbing* na população em geral.

Referências Bibliográficas

- Al-Menayes, J. (2014). The relationship between mobile social media use and academic performance in university students. *New Media and Mass Communication*, 25, 23-29.
- Ang, C., Teo, K., Ong, Y., & Siak, S. (2019). Investigation of a Preliminary Mixed Method of Phubbing and Social Connectedness in Adolescents. *Addiction & health*, 11(1), 1-10. doi: 10.22122/ahj.v11i1.539.
- Ang, M. P., Chong, Y. X., & Lau, P. J. (2019). *The impact of loneliness and fear of missing out in predicting phubbing behaviour among undergraduates in Malaysia* (Unpublished master's thesis). Universiti Tunku Abdul Rahman, Malásia.
- Aroian, K. J. & Norris, A. E. (2005). Confirmatory factor analysis. *Statistical Methods for Health Care Research*, 5, 351-375.
- Babadi-Akashe, Z., Zamani, B., Abedini, Y., Akbari, H., & Hedayati, N. (2014). The relationship between mental health and addiction to mobile phones among university students of Shahrekord, Iran. *Addiction & health*, 6(3-4), 93-99.
- Błachnio, A., & Przepiorka, A. (2018). Be aware! If you start using facebook problematically you will feel lonely: Phubbing, loneliness, self-esteem, and facebook intrusion. A cross-sectional study. *Social Science Computer Review*, 1-9. doi: 10.1177/0894439318754490.
- Blanca, M., & Bendayan. (2018). Spanish version of the phubbing scale: internet addiction, facebook intrusion, and fear of missing out as correlates. *Psicothema*, 30(4), 449-454. doi: 10.7334/psicothema2018.153.
- Bourget, I. (2018). *On hold: relationships in the age of mobile phone distraction* (Unpublished master's thesis). Bridgewater State University, Massachusetts.
- Cassepp-Borges, V., & Pasquali, L. (2011). Características psicométricas da relationship assessment scale. *Psico-USF*, 16(3), 255-264.
- Chotpitayasunondh, V., & Douglas, K. (2016). How “phubbing” becomes the norm: The antecedents and consequences of snubbing via smartphone. *Computers in Human Behavior*, 63, 9-18. doi: 10.1016/j.chb.2016.05.018.
- Chotpitayasunondh, V., & Douglas, K. (2018a). Measuring phone snubbing behavior: Development and validation of the Generic Scale of Phubbing (GSP) and the Generic Scale of Being Phubbed (GSBP). *Computers in Human Behavior*, 88, 5-17. doi: 10.1016/j.chb.2018.06.020.
- Chotpitayasunondh, V., & Douglas, K. (2018b). The effects of “phubbing” on social interaction. *Journal of Applied Social Psychology*, 1-13. doi: 10.1111/jasp.12506.
- Chou, T., & Ting, C. (2003). The role of flow experience in cyber-game addiction. *CyberPsychology & Behavior*, 6(6), 663-675. doi: 10.1089/109493103322725469.
- Christakis, D., & Moreno, M. (2009). Trapped in the net: will internet addiction become a 21st-century epidemic?. *Archives of pediatrics & adolescent medicine*, 163(10), 959-960. doi:10.1001/archpediatrics.2009.162.
- Clayton, R., Nagurney, A., & Smith, J. (2013). Cheating, breakup, and divorce: Is facebook use to blame? *Cyberpsychology, Behavior, and Social, Networking*, 16(10), 717-720. doi: 10.1089/cyber.2012.0424.
- Colaço, L. (2009). *Estilo de vinculação e satisfação na relação de namoro à distância* (Unpublished master's thesis). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Coyne, S., Busby, D., Bushman, B., Gentile, G., Ridge, R., & Stockdale, L. (2012). Gaming in the game of love: effects of video games on conflict in couples. *Family Relations*, 61, 388-396. doi: 10.1111/j.1741-3729.2012.00712.x.
- Davey, S., Davey, A., Raghav, S. K., Singh, J. V., Singh, N., Blachnio, A., & Przepiorka, A. (2018). Predictors and consequences of "Phubbing" among adolescents and youth in

- India: An impact evaluation study. *Journal of family & community medicine*, 25(1), 35-42. doi: 10.4103/jfcm.JFCM_71_17.
- Debrot, A., Cook, W., Perrez, M., & Horn, A. (2012). Deeds matter: Daily enacted responsiveness and intimacy in couples' daily lives. *Journal of Family Psychology*, 26(4), 617-627. doi: 10.1037/a0028666.
- Dhaha, I. (2013). Predictors of Facebook addiction among youth: A structural equation modeling. *Journal of Social Sciences*, 2(4), 186–195.
- Dinkel, A., & Balck, F. (2005). An evaluation of the German relationship assessment scale. *Swiss Journal of Psychology*, 64(4), 259-263. doi: 10.1024/1421-0185.64.4.259.
- Fernandes, H., & Vasconcelos-Raposo, J. (2010). Análise factorial confirmatória do TEOSQp. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(1), 92-101.
- Fernandes, J. (2018). O uso de recursos midiáticos através de smartphones no apoio educacional. *Revista Eniac Pesquisa*, 7(1), 3-15.
- García, J. (2013). Adicciones tecnológicas: el auge de las redes sociales. *Salud y Drogas*, 13(1), 5-13.
- George, D. & Mallery, P. (2003). *SPSS for Windows step by step: A simple guide and reference. 11.0 update* (4^a ed.). Boston: Allyn & Bacon.
- Gomes, J. (2016). *Satisfação conjugal, parentalidade e vinculação ao par romântico: um estudo diádico* (Unpublished master's thesis). Universidade do Porto, Porto.
- Graham, J., Diebels, K., & Barnow, Z. (2011). The reliability of relationship sasfacon: A reliability generalizaon meta-analysis. *Journal of Family Psychology*, 25(1), 39-48. doi: 10.1037/a0022441.
- Guazzini, A., Duradoni, M., Capelli, A., & Meringolo, P. (2019). An Explorative Model to Assess Individuals' Phubbing Risk. *Future Internet*, 11(21), 1-13. doi: 10.3390/fi11010021.
- Halpern, D., & Katz, J. (2017). Texting's consequences for romantic relationships: A cross-lagged analysis highlights its risks. *Computers in Human Behavior*, 71, 386-394. doi: 10.1016/j.chb.2017.01.051.
- Hambleton, R., Merenda, P., & Spielberger, C. (2005). *Adapting educational and psychological tests for cross-cultural assessment*. Ramapo College of New Jersey, Mahwah.
- Harris, J., & Blair, E. (2006). Functional compatibility risk and consumer preference for product bundles. *Journal of the Academy of Marketing Science*, 34(1), 19-26. doi: 10.1177/0092070305281708.
- Hassanzadeh, R., & Rezaei, A. (2011). Effect of sex, course and age on SMS addiction in students. *Middle-East Journal of Scientific Research*, 10(5), 619-625.
- Hendrick, S. (1988). A generic measure of relationship satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, 50, 93–98. doi: 10.2307/352430.
- Hendrick, S., Dicke, A., & Hendrick, C. (1998). The relationship assessment scale. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15(1), 137-142. doi: 10.1177/0265407598151009.
- Herzberg, P. (2013) Coping in relationships: the interplay between individual and dyadic coping and their effects on relationship satisfaction, *Anxiety, Stress & Coping*, 26(2), 136-153, doi: 10.1080/10615806.2012.655726.
- Humphreys, T., Wood, L., & Parker, J. (2009). Alexithymia and satisfaction in intimate relationships. *Personality and Individual Differences* 46(1), 43-47. doi: 10.1016/j.paid.2008.09.002.
- Igarashi, T., Takai, J., & Yoshida, T. (2005). Gender differences in social network development via mobile phone text messages: A longitudinal study. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22(5), 691-713. doi: 10.1177/026540750505056492.

- Jorge, A. (2013). *Efeitos do conflito interpaparental na relação de namoro de jovens adultos (Unpublished master's thesis)*. Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Karadag, E., Tosuntas, S., Erzen, E., Duru, P., Bostan, N., Sahin, B., ... & Babadag, B. (2015). Determinants of phubbing, which is the sum of many virtual addictions: A structural equation model. *Journal of Behavioral Addictions, 4*(2), 60-74. doi: 10.1556/2006.4.2015.005.
- Kavčič, T., Levpušček, M., Zupančič, M., Poredoš, M., & Bjornsen, C. (2019). Personal correlates of problematic types of social media and mobile phone use in emerging adults. *Human Technology, 15*(2). 256-278. doi: 10.17011/ht/urn.201906123158.
- Kim, H. (2013). Statistical notes for clinical researchers: assessing normal distribution (2) using skewness and kurtosis. *Restorative Dentistry & Endodontics, 38*(1), 52-54. doi: 10.5395/rde.2013.38.1.52.
- Kim, Y., Jeong, J., Cho, H., Jung, D., Kwak, M., Rho, M., ... & Choi, I. (2016). Personality factors predicting smartphone addiction predisposition: Behavioral inhibition and activation systems, impulsivity, and self-control. *Plos One, 11*(8), 1-15. doi: 10.1371/journal.pone.0159788.
- Leung, L. (2004). Net-generation attributes and seductive properties of the internet as predictors of online activities and internet addiction. *CyberPsychology & Behavior, 7*(3), 333-348. doi: 10.1089/1094931041291303.
- Lozano, R., Hurtarte, C., Arista, A., Gámez, N., & Díaz-Loving, R. (2010). Validación de la Escala de Evaluación de Relaciones en la Población Mexicana. *Psicología Iberoamericana 18*(2), 56-65.
- Madden, M., Lenhart, A., Cortesi, S., Gasser, U., Duggan, M., Smith, A., & Beaton, M. (2013). Teens, social media, and privacy. *Pew Research Center, 21*, 2-86.
- Marcus, D., Richards, K., Chambers, J., & Bhowmick, A. (2013). Fibromyalgia family and relationship impact exploratory survey. *Musculoskeletal Care, 11*(3), 125-134. doi: 10.1002/msc.1039.
- Maroco, J. (2014). *Análise de Equações Estruturais: Fundamentos Teóricos, Software e Aplicações* (2ª ed.) Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Maroufizadeh, S., Omani-Samani, R., Almasi-Hashiani, A., Navid, B., Sobati, B., & Amini, P. (2018). The relationship assessment scale (RAS) in infertile patients: a reliability and validity study. *Middle East Fertility Society Journal, 23*(4), 471-475. doi: 10.1016/j.mefs.2018.04.001.
- McDaniel, B. T., & Coyne, S. M. (2016). Technoference: the interference of technology in couple relationships and implications for women's personal and relational well-being. *Psychology of Popular Media Culture, 5*(1), 85-98. doi: 10.1037/ppm0000065.
- Nalwa, K. & Anand, A. P. (2003). Internet addiction in students: A cause of concern. *Cyber Psychology & Behavior, 6*(6), 653-656. doi: 10.1089/109493103322725441.
- Nunes, P., Wilson, D., & Kambil, A. (2000). The all-in-one market. *Harvard Business Review, 78*(3), 19-19.
- Parmaksiz, I. (2019). Relationship of phubbing, a behavioral problem, with assertiveness and passiveness: a study on adolescents. *International Online Journal of Educational Sciences, 11*(3), 34-45. doi: 10.15345/iojes.2019.03.003.
- Pinto, I. (2016). *Vinculação, narcisismo e componentes relacionais adultas (Unpublished master's thesis)*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Pires, A. (2011). *Coping diádico e satisfação conjugal: um estudo em casais portugueses (Unpublished master's thesis)*. Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Przybylski, A., Murayama, K., DeHaan, C., & Gladwell, V. (2013). Motivational, emotional, and behavioral correlates of fear of missing out. *Computers in Human Behavior, 29*(4), 1841-1848. doi: 10.1016/j.chb.2013.02.014.

- Przybylski, A., & Weinstein, N. (2013). Can you connect with me now? How the presence of mobile communication technology influences face-to-face conversation quality. *Journal of Social and Personal Relationships, 30*(3), 237-246. doi: 10.1177/0265407512453827.
- Rask, M., Malm, D., Kristofferzon, M., Roxberg, A., Svedberg, P., Arenhall, E., ... & Nilsson, U. (2010). Validity and reliability of a Swedish version of the Relationship Assessment Scale (RAS): a pilot study. *Canadian Journal of Cardiovascular Nursing, 20*(1), 16-21.
- Roberts, J., & David, M. (2016). My life has become a major distraction from my cell phone: partner phubbing and relationship satisfaction among romantic partners. *Computers in Human Behavior, 54*, 134-141. doi: 10.1016/j.chb.2015.07.058.
- Rocha, M. (2011). *Influência da vinculação ao pai e à mãe sobre as relações de casal: as competências sociais como variáveis mediadoras* (Unpublished master's thesis). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Rubia, J. (2008). Validación de la escala de valoración de la relación en una muestra mexicana. *Revista Electrónica de Metodología Aplicada, 13*(1), 1-12.
- Rubia, J. (2019). La Escala de Afectos Posivos y Negavos (PANAS) en personas mexicanas casadas de Monterrey. *Interacciones, 5*(1), 35-50. doi: 10.24016/2019.v5n1.151.
- Sander, J., & Böcker, S. (1993). Die deutsche form der Relationship Assessment Scale (RAS): eine kurze skala zur messung der zufriedenheit in einer partnerschaft. *Diagnostica, 39*(1), 55-62.
- Serrano, J. (2014). Hacia una comunicación slow: el hábito de la desconexión digital periódica como elemento de alfabetización mediática. *Trípodos, 1*(34), 201-214.
- Smith, A., & Williams, K. (2004). RU there? Ostracism by cell phone text messages. *Group dynamics: Theory, research, and practice, 8*(4), 291-301. doi: 10.1037/1089-2699.8.4.291.
- Sophia, E., Tavares, H., Berti, M., Pereira, A., Lorena, A., Mello, C., ... & Zilberman, M. (2009). Pathological love: Impulsivity, personality, and romantic relationship. *CNS spectrums, 14*(5), 268-274. doi: 10.1017/S1092852900025438.
- Valentini, F., & Damásio, B. (2016). Variância Média Extraída e Confiabilidade Composta: Indicadores de Precisão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 32*(2), 1-7. doi: 10.1590/0102-3772e322225.
- Vasconcelos-Raposo, J., Fernandes, H., Teixeira, C., & Bertelli, R. (2012). Factorial validity and invariance of the Rosenberg Self-Esteem Scale among Portuguese youngsters. *Social Indicators Research, 105*(3), 483-498. doi: 10.1007/s11205-011-9782-0.
- Vaughn, M., & Baier, M. (1999) Reliability and validity of the relationship assessment scale. *The American Journal of Family Therapy, 27*(2), 137-147. doi: 10.1080/019261899262023.
- Wang, C., Khoo, A., Liu, W., & Divaharan, S. (2008). Passion and intrinsic motivation in digital gaming. *CyberPsychology & Behavior, 11*(1), 39-45. doi: 10.1089/cpb.2007.0014.

ESTUDO EMPIRICO II

**Influência do *phubbing* na satisfação com a relação amorosa e na intimidade em jovens
adultos e adultos portugueses**

Influence of phubbing on satisfaction with love relationship and intimacy in Portuguese
young adults and adults

Resumo

O “*phubbing*”, o ato de ignorar alguém para usar o *smartphone* tem sido alvo de preocupação devido às suas consequências na interação social. O objetivo deste estudo consistiu em verificar como o *phubbing* influencia as relações amorosas em jovens adultos e adultos, em função da satisfação com a relação e intimidade, tendo em conta variáveis preditoras como a idade, sexo, orientação sexual, meio residencial, habilitações académicas, nível socioeconómico e tempo da relação. Este estudo foi do tipo *quasi-experimental*, de carácter transversal e quantitativo. A amostra foi de 384 indivíduos, 255 mulheres e 129 homens. Aplicou-se um questionário sociodemográfico e os instrumentos *Phubbing Scale* (PS), *Mobile Phone Usage Addiction Scale* (MPUAS), *Internet Addiction Scale* (IAS), *Social Media Addiction Scale* (SMAS), *Game Addiction Scale* (GAS), *SMS Addiction Scale* (SAS), *Relationship Assessment Scale* (RAS) e *Psychological Intimacy Scale* (PIS). O programa estatístico utilizado para a análise de dados foi o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). Os resultados obtidos apresentaram diferenças estatisticamente significativas para todas as variáveis exceto a orientação sexual, meio residencial e nível socioeconómico. As únicas dimensões do *phubbing* que influenciam a satisfação com a relação amorosa foram o distúrbio da comunicação, e nas mulheres, as dificuldades de controlo no uso do *smartphone* e a necessidade de partilhar nas redes sociais. A satisfação com a relação está inteiramente associada aos níveis de intimidade e a intimidade está também associada ao distúrbio de comunicação e obsessão pelo telefone nas mulheres, e a dificuldades de controlo no uso do *smartphone* nos homens.

Palavras-chave: Phubbing, Satisfação com a relação amorosa, Intimidade

Abstract

Phubbing, the act of ignoring someone to use the smartphone has been a concern because of its consequences on social interaction. This study aimed to verify how phubbing influences love relationships in young adults and adults, as a function of relationship satisfaction and intimacy, considering predictor variables such as age, gender, sexual orientation, residential environment, academic qualifications, socioeconomic level and time of relationship. This was a quasi-experimental, cross-sectional and quantitative study. The sample consisted of 384 individuals, 255 women, and 129 men. A sociodemographic questionnaire and instruments were applied Phubbing Scale (PS), Mobile Phone Usage Addiction Scale (MPUAS), Internet Addiction Scale (IAS), Social Media Addiction Scale (SMAS), Game Addiction Scale (GAS), SMS Addiction Scale (SAS), Relationship Assessment Scale (RAS) and Psychological Intimacy Scale (PIS). The statistical program used for data analysis was the Statistical Package for the Social Sciences (SPSS). The results showed statistically significant differences for all variables except sexual orientation, residential environment, and socioeconomic status. The only dimensions of phubbing that influence satisfaction with the love relationship was the communication disorder, and in women, the difficulties of controlling the use of the smartphone and the need to share on social networks. Satisfaction with the relationship is entirely associated with levels of intimacy, and intimacy is also associated with a communication disorder and telephone obsession in women, and difficulties in controlling smartphone use in men.

Keywords: Phubbing, Satisfaction with love relationship, Intimacy

Introdução

Os *smartphones*, graças às suas múltiplas funcionalidades tanto podem unir como separar as pessoas. A fome por mais tecnologia tem consequências como o uso excessivo e até o vício em tecnologia. O *smartphone* pode ser usado como uma ferramenta para suprir a solidão e a necessidade de gerir a ansiedade. Por outro lado, os *smartphones* permitem que as redes sociais, como o Facebook e o Twitter, que são importantes objetos de dependência em computadores, estejam conosco a qualquer momento sem precisar aceder ao computador (Karadag et al., 2015). Utilizar o *smartphone* enquanto se está na presença física de pessoas, com quem supostamente se está a ter um encontro ou uma conversa parece ser uma forma de ignorar ou menosprezar esse outro. Este fenómeno designa-se por *phubbing*. O termo “*phubbing*” é uma junção das palavras “*phone*” e “*snubbing*” e descreve o ato de ignorar alguém num ambiente social usando o *smartphone* em vez de interagir com as pessoas (Chotpitayasunondh & Douglas, 2018; Karadag et al., 2015). Enquanto “*phubber*” é o termo usado para uma pessoa que despreza alguém numa situação social prestando atenção ao seu *smartphone*, e um “*phubbee*” pode ser definido como uma pessoa que é ignorada pelo (s) seu (s) companheiro (s) numa situação social (Chotpitayasunondh & Douglas, 2016).

Embora as SMS possam ser realizadas de forma discreta, e a leitura ou escrita de uma mensagem ocupe apenas uma pequena fração de tempo, as pessoas precisam de dividir a sua atenção entre o telefone e a interação real. E sabe-se que dividir a atenção entre duas tarefas simultâneas é cognitivamente exigente e normalmente resulta num pior desempenho em ambas as tarefas, mesmo que a atenção seja dividida com tarefas rotineiras (Abeele, Antheunis, & Schouten, 2016; Misra, Cheng, Genevie, & Yuan, 2014).

Karadag et al. (2015) procuraram testar os determinantes do *phubbing* tendo em consideração variáveis como: idade, sexo, possuir um *smartphone*, ser membro de redes sociais, participar em jogos, número de horas de uso diário da Internet, e o número de SMS enviados por dia. O estudo evidenciou que o *phubbing* está positivamente relacionado com o comportamento viciante em *smartphones* (CVS), SMS, redes sociais, internet e jogos. Além disso, o comportamento de *phubbing* foi observado com mais frequência entre as mulheres, sendo que as mulheres praticam o *phubbing* com mais frequência devido ao uso das redes sociais e do *smartphone*. No entanto, Villafuerte-Garzón e Vera-Perea (2019) mostraram que são os homens que apresentam maior evidência de agir como *phubbers*. Também Deursen, Bolle, Hegner e Kommers (2015) estudaram a relação entre o uso social de *smartphones*, inteligência emocional, *stress* social, autorregulação, sexo, idade, e adição ao uso do

smartphone. Estes autores concluíram que o uso habitual de *smartphones*, o *stress* social, e os baixos níveis de autorregulação são preditores do CVS. Constataram que são as mulheres que evidenciam níveis mais elevados de *stress* social e que usam o *smartphone* como mecanismo de *coping* durante os seus encontros com outros. Chotpitayasunondh e Douglas (2016) também mostraram que são as mulheres que praticam o *phubbing* com maior frequência. Por sua vez, são os mais idosos os menos propensos a desenvolver CVS, evidenciando que as pessoas mais velhas são menos propensas a desenvolver comportamentos viciantes em *smartphone*. Ao envelhecer, as pessoas gastam menos tempo no *smartphone* para uso social, experimentam menos *stress* social e melhoram a sua capacidade de autorregulação (Deursen et al., 2015). Também Anshari et al. (2016) avaliaram o efeito do sexo, idade e atividades no *smartphone* e concluíram que os homens valorizam mais os *smartphones* e passam mais tempo a utilizá-los e que os jovens são mais propensos a estar conectadas à internet e a usar as redes sociais. Assim como Al-Saggaf, MacCulloch e Wiener (2019) e Kadylak et al. (2018) que mostraram que gerações mais jovens usam os *smartphones* com mais frequência e onipresença durante as interações sociais em comparação com os adultos mais velhos. As pessoas mais velhas tendem a ver o comportamento do uso dos *smartphones* dos outros como negativo (Chotpitayasunondh & Douglas, 2016).

Para além do uso dos *smartphones*, as relações interpessoais também são afetadas pela forma como as pessoas aderem aos videojogos. As pesquisas sugerem que não é o tempo gasto com as tecnologias que impacta a satisfação do relacionamento, mas o conflito gerado pelo uso inadequado da tecnologia (Roberts & David, 2016; McDaniel, Galovan, Cravens, & Drouin, 2018). Coyne et al. (2012) mostraram que os homens passam mais tempo a usar o *smartphone* para jogar, tal como Villafuerte-Garzón e Vera-Perea (2019), e que o tempo gasto pelos homens a jogar videojogos se correlaciona positivamente com o conflito conjugal, uma vez que os parceiros percecionam o tempo gasto a jogar como tempo que lhes devia ser dedicado. Tendo em conta que a linguagem corporal é fundamental na comunicação, a ausência de contacto visual entre os intervenientes de uma conversa para direccionar o olhar para o *smartphone* torna as pessoas menos interessantes (Nazir & Pişkin, 2016). Karadag et al. (2015) explicam que como os homens costumam passar mais tempo a jogar, há mais jogos para homens e deste modo, eles estão mais propensos a se viciarem.

Em relação ao estatuto socioeconómico, Davey et al. (2018) mostraram que pessoas com melhor situação económica eram os mais propensos a se envolverem com o *phubbing*, assim como pessoas em melhores situações sociodemográficas. No entanto, Al-Saggaf et al. (2019) constataram que a frequência de *phubbing* não difere entre populações rurais e

urbanas. Os mesmos autores também mostraram não existir evidências estatísticas de diferenças entre a frequência de *phubbing* e as habilitações académicas.

Os estudos nesta área raramente aprofundam o efeito da escolaridade, ocupação profissional, meio residencial e nível socioeconómico dos participantes e como estas variáveis influenciam o *phubbing*. Um dos objetivos do estudo que propomos realizar, para além de contemplar as variáveis comumente estudadas, visa colmatar esta lacuna na literatura da especialidade.

O *phubbing* é um fenómeno preocupante pelo facto de afetar as relações amorosas. São poucos os estudos que relacionam esse fenómeno com a qualidade do relacionamento entre pares amorosos. Importa compreender o que leva as pessoas a desconectarem-se dos seus parceiros para em troca se manterem presentes nas redes sociais, algo para o qual Halpern e Katz (2017) já haviam alertado. “*Partner phubbing* ou *pphubbing*” é quando o *phubbing* ocorre na companhia do seu cônjuge ou outro significativo (Roberts & David, 2016).

Estudos anteriores demonstraram uma associação entre a frequência de mensagens de texto, uma menor qualidade de relacionamento entre parceiros amorosos (Halpern & Katz, 2017; Przybylski & Weinstein, 2013) e a falta de intimidade, uma vez que o uso constante do *smartphone* por um dos parceiros pode evidenciar falta de sensibilidade face às necessidades do outro. A intimidade é um processo interativo no qual, os indivíduos, como resultado, se sentem compreendidos e cuidados. Neste sentido, os casais são propensos a experienciar uma interação íntima quando percebem que o seu parceiro responde às suas necessidades, validas e se preocupa com o que lhe é transmitido. Consequentemente, tal prática pode levar a que ambas as partes sintam uma diminuição na satisfação do relacionamento, no comprometimento e na comunicação (Halpern & Katz, 2017). Roberts e David (2016) definem como satisfação conjugal “o grau em que os cônjuges percebem que os seus parceiros atendem às suas necessidades e desejos” (pp. 135). Ainda de acordo com estes autores o uso dos *smartphones*, a degradação relacional é acentuada quando os casais discutem um assunto tido como importante por uma das partes. Esse desconectar é entendido como uma falta de compromisso, afetando a proximidade interpessoal e a confiança entre os parceiros e reduzindo a empatia e a compreensão nos casais (Halpern & Katz, 2017). Estes resultados foram corroborados por Abeele et al. (2016), Chotpitayasunondh e Douglas (2016), Misra et al. (2014) e Przybylski e Weinstein (2013) que demonstraram que conversas com usuários de *smartphones* são entendidas com qualidade inferior, uma vez que os usuários são percebidos como menos educados e atentos. Durante a interação entre parceiros, a mera

presença de *smartphones* no campo visual dos indivíduos pode inibir o desenvolvimento da proximidade e confiança interpessoal e reduzir a extensão em que os indivíduos sentem empatia e compreensão dos outros (Chotpitayasunondh & Douglas, 2016; Przybylski & Weinstein, 2013; Roberts & David, 2016), principalmente entre os participantes que relataram uma relação mais próxima entre si em comparação com aqueles que não se conhecem (Misra et al., 2014). Quando não se conhecem correm o risco de formar uma "primeira impressão" do outro com base unicamente nesse comportamento (Abeele et al., 2016). No entanto, um estudo de Cizmeci (2017) na Turquia demonstrou que o comportamento do *p-phubbing* não afeta negativamente a satisfação do casal.

Outras pesquisas têm vindo a estudar a forma como o envolvimento frequente do parceiro em comportamentos de *phubbing* se relaciona com a depressão do indivíduo, através da insatisfação das relações amorosas (McDaniel & Coyne, 2016; Roberts & David, 2016). Os resultados sugerem que a incidência de depressão é maior principalmente nos relacionamentos com mais de sete anos (Wang, Xie, Wang, Wang, & Lei, 2017). Também Totenhagen, Butler, Curran e Serido (2015) concluíram que relacionamentos de longo prazo são mais vulneráveis a sintomas depressivos, enquanto Clayton, Nagurney e Smith (2013) mostraram que relacionamentos de curta duração são mais propensos a experienciar resultados negativos de relacionamento como resultado de conflitos relacionados com o Facebook. No entanto, Cizmeci (2017) mostrou que à medida que a duração do relacionamento aumenta, a perceção do comportamento de *p-phubbing* aumenta e a satisfação com o relacionamento diminui.

Chotpitayasunondh e Douglas (2018) enquadra o *phubbing* como uma forma específica de exclusão social, o que pode levar a efeitos prejudiciais em quatro necessidades básicas humanas fundamentais: a necessidade de pertença, autoestima, sentido de vida e controlo. Também Roberts e David (2016) concluíram que as necessidades humanas básicas como o controlo e o apego vêm-se ameaçadas quando um indivíduo percebe que o seu parceiro não está presente. Deste modo, a mesma tecnologia que pode ser útil para ajudar os casais a sentirem-se próximos quando estão em locais diferentes pode prejudicar os seus relacionamentos, se for usada na presença do parceiro (Halpern & Katz, 2017).

Todos os estudos que procuraram relacionar o efeito do *phubbing* nas relações amorosas, apenas se basearam em casais heterossexuais, nesse sentido apresenta-se como pertinente que estudos futuros incorporarem casais homossexuais.

Visto que a interação entre o homem e a tecnologia é ainda muito pouco estudada em Portugal, o presente estudo terá como principal objetivo verificar como o *phubbing* influencia

as relações amorosas em jovens adultos e adultos, sendo que o objetivo específico ou questão a responder com o presente estudo é: como é que os indivíduos diferem quanto às seguintes variáveis preditoras: idade, sexo, orientação sexual, meio residencial, habilitações académicas, nível socioeconómico, número de horas de uso diário da Internet, número de SMS enviados por dia, tempo da relação e profissão, em função da satisfação com a relação e intimidade.

Método

Este estudo é quasi-experimental (amostra por conveniência e variáveis independentes não controladas), de carácter quantitativo e transversal, uma vez que os dados são recolhidos num único momento e permite descrever associações entre variáveis.

Amostra

Neste estudo foram inquiridos 389 indivíduos escolhidos de forma não aleatória (por conveniência) dos quais foram excluídos quatro indivíduos bissexuais e um transsexual, todos do sexo feminino, tendo como critério para esta decisão o número insuficiente de sujeitos para se fazer comparações com base nesta categoria. Resultaram 384 participantes, dos quais 166 (87 mulheres e 79 homens) indivíduos foram inquiridos presencialmente e 218 (168 mulheres e 50 homens) de forma *online* através de um questionário na plataforma *facebook*, sendo que 255 (66.4%) eram mulheres e 129 (33.6%) eram homens, com idades compreendidas entre os 18 e 58 anos, com média das idades igual a 26.38 anos (DP = 6.799), sendo que 211 participantes foram considerados jovens adultos com idades entre os 18 e os 25 anos e 173 foram considerados adultos, com idade superior a 25 anos. Dos 384 participantes 374 eram heterossexuais e 10 homossexuais; 204 viviam em meio rural e 180 em meio urbano. No que respeita ao tempo da relação, 38 estavam numa relação há menos de seis meses, 36 entre sete meses e um ano, 93 entre dois e três anos, 98 há mais de três anos e menos de sete anos e 119 estavam numa relação há mais de sete anos. Em relação às habilitações académicas, 21 indivíduos tinham no máximo o 6º ano de escolaridade, 58 tinham entre o 7º e 9º ano, 165 concluíram o ensino secundário e 140 frequentam ou concluíram o ensino superior. Quanto ao nível socioeconómico, 48 participantes definiram-se como sendo de nível baixo, 332 nível médio e quatro (4) de nível alto.

No que respeita ao estatuto socioprofissional, classificaram-se as profissões dos participantes com base na Classificação Portuguesa das Profissões (CPP, 2010). Verifica-se que a maior parte dos participantes se enquadra na categoria dos trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices (39,6%), seguindo-se a categoria de especialistas das

profissões intelectuais e científicas (14,8%) e os trabalhadores de serviços pessoais, de proteção, segurança e vendedores (8,6%). Em menor número encontram-se os representantes do poder legislativo e de órgãos executivos (1,6%), os técnicos e profissionais de nível intermédio (1,8%) e o pessoal administrativo (5,2%). Os operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem (0,5%) bem como os profissionais das forças armadas (0,3%) e os agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta (0,3%) encontram-se em menor número. 23,4% dos participantes encontra-se a estudar ainda e 3,9% encontra-se desempregado.

Instrumentos

Para os propósitos do presente estudo foram utilizadas oito (8) escalas: *Phubbing Scale* (PS), *Mobile Phone Usage Addiction Scale* (MPUAS), *Internet Addiction Scale* (IAS), *Social Media Addiction Scale* (SMAS), *Game Addiction Scale* (GAS), *SMS Addiction Scale* (SAS), *Relationship Assessment Scale* (RAS) e *Psychological Intimacy Scale* (PIS). Todos os resultados das Análises Fatoriais Confirmatórias apresentaram bons valores de fiabilidade compósita, variância extraída média, assim como boa validade discriminante (Gomes, Vasconcelos-Raposo, & Teixeira, 2019).

O preenchimento das escalas foi antecedido por um questionário sociodemográfico construído com base na identificação das variáveis independentes dos estudos revistos e que no geral incluía questões sobre idade, sexo, orientação sexual (heterossexual, homossexual, bissexual, transsexual), meio residencial (rural ou urbano), habilitações académicas (1º ou 2º ciclo; 3º ciclo; secundário; ensino superior), nível socioeconómico (baixo, médio, alto), número de horas de uso diário da Internet, número de SMS enviados por dia, tempo da relação e profissão.

“*Phubbing Scale*” (PS) (Karadag et al., 2015), em português, Escala de *Phubbing*, é uma medida de autorrelato, composta por 10 itens com o objetivo de determinar os comportamentos de *phubbing*. As respostas são dadas numa escala tipo Likert de cinco pontos, entre “Nunca” e “Sempre”. Esta é constituída por dois fatores: Distúrbio de comunicação com 5 itens, em que pontuações mais elevadas indicam que os participantes muitas vezes perturbam as suas comunicações ao lidar com os seus *smartphones* num ambiente de comunicação face a face; e Obsessão pelo telefone também com 3 itens, em que pontuações mais altas indicam que os participantes precisam constantemente do seu *smartphone* em ambientes que não têm comunicação cara a cara. A validação para português evidenciou boas propriedades psicométricas para a escala geral ($\alpha = .75$) e para ambos os

fatores (Distúrbio de comunicação, $\alpha = .81$; Obsessão pelo telefone, $\alpha = .75$) (Gomes, Vasconcelos-Raposo, & Teixeira, 2019).

“*Mobile Phone Usage Addiction Scale*” (MPUAS), (Karadag et al., 2015), em português, Escala de dependência de uso do *smartphone*, é uma medida de autorrelato composta por 15 itens que avaliam o vício no *smartphone*. As respostas são dadas numa escala tipo Likert de cinco pontos, entre “Nunca” e “Sempre”. Esta é constituída por três fatores: Dificuldades de controlo com 5 itens, Privação com 2 itens e Aplicação com 6 itens. Na análise de Gomes, Vasconcelos-Raposo, & Teixeira (2019), com uma amostra portuguesa, a escala apresentou boas características psicométricas, em termos de valores de confiabilidade, tanto na análise global da escala ($\alpha = .85$), quanto para as subescalas de Dificuldades de controlo ($\alpha = .81$) e Aplicação ($\alpha = .78$), mas a subescala Privação ($\alpha = .46$) apresentou confiabilidade baixa.

“*Internet Addiction Scale*” (IAS) (Karadag et al., 2015), em português, Escala de dependência de Internet, é uma medida de autorrelato, com 6 itens que avaliam o vício na Internet, constituída por apenas um fator. As respostas são dadas numa escala tipo Likert de cinco pontos, entre “Nunca” e “Sempre”. A validação para português apresentou boas propriedades psicométricas ($\alpha = .82$) (Gomes, Vasconcelos-Raposo, & Teixeira, 2019).

“*Social Media Addiction Scale*” (SMAS) (Karadag et al., 2015), em português, Escala de dependência de redes sociais, é uma medida de autorrelato, com 10 itens que avaliam o vício nas redes sociais. As respostas são dadas numa escala tipo Likert de cinco pontos, entre “Nunca” e “Sempre”. Esta é constituída por dois fatores: Compartilhamento com 5 itens e Controlo com 5 itens. Na análise de Gomes, Vasconcelos-Raposo, & Teixeira (2019), com uma amostra portuguesa, a escala apresentou boas características psicométricas, em termos de valores de confiabilidade, tanto na análise global da escala ($\alpha = .85$), quanto para as subescalas de Compartilhamento ($\alpha = .81$) e Controlo ($\alpha = .75$).

“*Game Addiction Scale*” (GAS) (Karadag et al., 2015), Escala de vício do jogo, é uma medida de autorrelato, com 8 itens que avaliam o vício em jogos, constituída por apenas um fator. As respostas são dadas numa escala tipo Likert de cinco pontos, entre “Nunca” e “Sempre”. A validação para português apresentou boas propriedades psicométricas ($\alpha = .89$) (Gomes, Vasconcelos-Raposo, & Teixeira, 2019).

“*SMS Addiction Scale*” (SAS) (Karadag et al., 2015) em português, Escala de dependência de SMS, é uma medida de autorrelato, constituída por 6 itens que avaliam o vício em SMS, através da frequência do uso diário de SMS, constituída por apenas um fator. As respostas são dadas numa escala tipo Likert de cinco pontos, entre “Nunca” e “Sempre”.

A validação para português apresentou boas propriedades psicométricas ($\alpha = .76$) (Gomes, Vasconcelos-Raposo, & Teixeira, 2019).

“*Relationship Assessment Scale*” (RAS), em português, Escala de avaliação da relação, é uma medida de autorrelato, desenvolvida por Hendrick (1988) e Hendrick et al. (1998), que mede o quão satisfeito o indivíduo está com a sua relação. Esta é constituída por apenas um fator com 7 itens nos quais o indivíduo responde numa escala de *Likert* de cinco pontos, entre “Pouco satisfeito/a” e “Muito satisfeito/a”, em que os itens 5 e 7 são cotados de forma inversa. Hendrick et al. (1998), sugerem ainda que valores superiores a quatro podem ser indicadores de parceiros satisfeitos, enquanto valores de médias de respostas inferiores a 3.5 para os homens e de 3 até 3.5 para as mulheres, provavelmente, são índices de insatisfação na relação. A validação para português apresentou boas propriedades psicométricas ($\alpha = .84$) (Gomes, Vasconcelos-Raposo, & Teixeira, 2019).

“*Psychological Intimacy Scale*” (PIS), em português, Escala de Intimidade Psicológica, é uma medida de autorrelato desenvolvida por Debrot, Cook, Perrez e Horn (2012), constituída por apenas um fator, composto por 4 itens nos quais o indivíduo responde numa escala de *Likert* de 5 pontos, entre “Não se aplica” e “Aplica-se fortemente”, para avaliar a intimidade nos casais. A validação para português apresentou boas propriedades psicométricas ($\alpha = .88$) (Gomes, Vasconcelos-Raposo, & Teixeira, 2019).

Procedimentos

O projeto do presente estudo foi submetido à Comissão de Ética Institucional de Pesquisa obtendo parecer favorável à sua realização. Solicitou-se e obteve-se autorização do autor principal das escalas para traduzir e utilizar os instrumentos em Portugal. Durante o processo de tradução e adaptação das escalas seguiram-se recomendações estabelecidas internacionalmente (Hambleton, Merenda, & Spielberger, 2005). Inicialmente procedeu-se à tradução dos instrumentos para português. De seguida um tradutor bilingue fez a respetiva retroversão para inglês, que foi então comparada com os instrumentos originais. Aceite a versão provisória da tradução das escalas para português, foi então realizado um estudo pré-teste com 20 indivíduos que se encontravam numa relação amorosa, para que estes analisassem a qualidade da tradução, detetassem eventuais problemas e apresentassem considerações e sugestões que visassem a melhoria semântica da escala. Chegou-se assim à versão final da escala. De notar, que estes indivíduos foram excluídos da amostra no segundo momento do estudo.

Findo o processo, os participantes que constituem a amostra do estudo foram convidados a participar no estudo de forma presencial ou *online* pela própria investigadora, sendo que os que foram convidados presencialmente foram recrutados através da técnica da bola de neve, devido à condição da intencionalidade da amostra (estar numa relação amorosa), em que os primeiros entrevistados indicaram outros, que, por sua vez, indicaram outros e assim por diante. Todos os participantes foram informados acerca do objetivo da investigação, sendo assim convidados a preencherem o termo de consentimento livre e esclarecido, onde o anonimato e a confidencialidade foram assegurados, bem como o direito de desistir ou de solicitar o apoio do investigador, no decorrer da recolha de dados.

Por sua vez, os participantes inquiridos de forma *online*, eram convidados a participar através de redes sociais como o *Messenger* e *Facebook*, onde era dado a conhecer o propósito do estudo e era assegurado o anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos.

O preenchimento do protocolo de investigação demorou cerca de 20 minutos.

Análise Estatística

Para o tratamento estatístico recorreu-se ao *Statistical Package for the Social Science* (SPSS, v. 25). Após organização da base de dados, procedeu-se à análise da simetria e do achatamento das variáveis dependentes através dos testes *Skewness* e *Kurtosis*, bem como à observação da confiabilidade dos instrumentos a partir do alfa de *Cronbach's*. Tendo em conta que todos os instrumentos foram submetidos a um processo de validação através de uma análise fatorial confirmatória (Gomes, Vasconcelos-Raposo, & Teixeira, 2019) não é necessário proceder à análise da consistência externa dos instrumentos.

No sentido de responder ao objetivo do estudo, seguindo as recomendações de Dancey e Raidy (2013, p. 489) efetuaram-se análises multivariadas da variância (MANOVA), no sentido de perceber o efeito da idade, sexo, orientação sexual, meio residencial, habilitações académicas, nível socioeconómico, número de horas de uso diário da Internet, número de SMS enviados por dia, tempo da relação e profissão sobre as dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS, SAS, RAS e a PIS. Para a análise comparativa entre grupos, recorreu-se ao teste Post-Hoc de Bonferroni, atendendo ao teste Wilk's Lambda e tendo em atenção o efeito de magnitude (η_p^2) (relatado como uma medida do tamanho do efeito entre as variáveis de acordo com a seguinte regra geral: pequeno ($> .01$), médio ($> .06$) e grande ($> .14$)) sendo este valor a probabilidade de se extrapolar para a população os resultados obtidos (generalização dos dados) (Haase, Ellis, & Ladany, 1989), bem como o poder observado (PO) sendo esta medida representativa da probabilidade de num estudo futuro com uma

amostra semelhante serem obtidos resultados idênticos (Loureiro & Gameiro, 2011).

Determinou-se o nível de confiança mantido a 95% ($p < .05$).

Efetuarão-se ainda, três análises de regressão linear múltipla hierárquica, estruturada em três grupos: variáveis sociodemográficas (idade, sexo, orientação sexual, meio residencial, habilitações académicas, nível socioeconómico e tempo da relação), utilização de tecnologia (número de horas de uso diário da Internet, número de SMS enviados por dia) e dimensões comportamentais associadas ao uso da tecnologia (Distúrbio de comunicação (PS), Obsessão pelo telefone (PS), Dificuldades de controlo (MPUAS), Privação (MPUAS), Aplicação (MPUAS), Internet (IAS), Compartilhamento (SMAS), Controlo (SMAS), Jogos (GAS), SMS (SAS), Satisfação com a relação (RAS) e Intimidade (PIS). A primeira regressão foi realizada com ambos os sexos, seguindo-se uma com apenas as mulheres e outra só com os homens.

Resultados

A Tabela 1 mostra a estatística descritiva (mínimo, máximo, médias e desvios padrão), medidas de normalidade univariada (assimetria e curtose) e consistência interna da versão portuguesa das escalas *Phubbing Scale* (PS), *Mobile Phone Usage Addiction Scale* (MPUAS), *Internet Addiction Scale* (IAS), *Social Media Addiction Scale* (SMAS), *Game Addiction Scale* (GAS), *SMS Addiction Scale* (SAS), *Relationship Assessment Scale* (RAS) e *Psychological Intimacy Scale* (PIS). Considerando as recomendações da literatura (Dancey & Reidy, 2013; Kim, 2013) e tendo em conta os valores de confiabilidade aliados ao tamanho da amostra, assumiu-se as condições necessárias para proceder à análise estatística paramétrica.

Tabela 1

Análise descritiva, da normalidade e alfa de Cronbach das escalas

	Min-Máx	M	DP	Assimetria	Curtose	α Cronbach
PS	8-38	20.28	5.130	.041	.070	.746
MPUAS	13-59	33.41	8.997	.243	.001	.851
IAS	6-28	12.95	4.662	.720	.289	.822
SMAS	10-43	24.24	6.968	-.004	-.346	.850
GAS	8-40	14.21	6.436	1.208	1.182	.890
SAS	6-28	13.08	4.538	.520	-.080	.762
RAS	7-33	25.84	3.049	-1.395	5.225	.842
PIS	4-20	17.84	2.884	-1.939	4.846	.883

No sentido de perceber as diferenças na prática do *phubbing* quanto à idade, realizou-se uma MANOVA, onde se obteve o seguinte resultado, $F_{(10,372)} = 3.655$, $p = .001$, $\eta^2_p = .089$,

Wilks - $\lambda = .911$, PO = .995. Como $p < .05$ verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre jovens adultos e adultos, o efeito de magnitude é moderado e o poder observado é elevado. Através da tabela 2 é possível observar que existem diferenças estatisticamente significativas em todas as dimensões à exceção do ‘controlo’ da SMAS. No entanto, apenas a SAS apresenta um efeito de magnitude moderado, que apresenta um poder observado elevado, pois todas as outras têm um efeito de magnitude pequeno.

Ainda relativamente à idade, não se encontraram diferenças estatisticamente significativas na satisfação com a relação e na intimidade, uma vez que obteve, através de uma MANOVA: $F_{(2,380)} = .256$, $p = .774$, $\eta^2_\rho = .001$, Wilks - $\lambda = .999$, PO = .090.

Tabela 2

Média (M), desvio-padrão (DP) e efeito da idade nas dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS, SAS, RAS e PIS

	Idade		F	p	η^2_ρ	PO
	≤ 25 M±DP	> 25 M±DP				
Distúrbio de comunicação (PS)	10.55±3.417	9.73±3.573	5.669	.018	.015	.661
Obsessão pelo telefone (PS)	10.59±2.925	9.49±3.185	10.675	.001	.027	.903
Dificuldades de controlo (MPUAS)	11.82±4.067	10.38±3.955	12.543	.001	.032	.942
Privação (MPUAS)	6.57±1.934	6.07±2.081	5.049	.025	.013	.611
Aplicação (MPUAS)	16.59±4.521	15.06±5.226	10.944	.001	.028	.910
Internet (IAS)	13.73±4.683	12.00±4.468	12.959	.001	.033	.949
Compartilhamento (SMAS)	14.66±4.342	12.76±4.392	15.846	.001	.040	.978
Controlo (SMAS)	10.65±3.120	10.17±3.498	2.115	.147	.006	.306
Jogos (GAS)	14.90±6.546	13.38±6.215	10.506	.001	.027	.899
SMS (SAS)	16.83±5.209	14.19±5.024	24.912	.001	.061	.999
RAS	25.80±3.120	25.89±2.970	.120	.729	.001	.064
PIS	17.90±3.109	17.76±2.589	.063	.802	.001	.057

Para perceber as diferenças do comportamento do *phubbing* quanto ao sexo, realizou-se uma MANOVA, onde se obteve o seguinte resultado, $F_{(10,372)} = 9.860$, $p = .001$, $\eta^2_\rho = .210$, Wilks - $\lambda = .790$, PO = 1.000. Como $p < .05$ verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres, o efeito de magnitude é alto, tal como o poder observado.

Conforme é possível verificar na tabela 3, só foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres, nas dimensões ‘obsessão pelo telefone’ da PS, ‘Compartilhamento’ da SMAS, ‘privação’ da MPUAS e GAS, apresentando, no entanto, um efeito de magnitude pequeno, à exceção da GAS, que apresenta um efeito de magnitude moderado ($\eta^2_\rho > .06$) e um poder observado elevado. Em relação à satisfação com a

relação e à intimidade, não se encontraram diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres, como se pode comprovar pelos resultados obtidos através de uma MANOVA: $F_{(2,380)} = 2.026$, $p = .133$, $\eta_p^2 = .011$, Wilks - $\lambda = .989$, PO = .417.

Tabela 3

Média (M), desvio-padrão (DP) e efeito do sexo nas dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS, SAS, RAS e PIS

	Sexo		F	p	η_p^2	PO
	Masculino M±DP	Feminino M±DP				
Distúrbio de comunicação (PS)	10.38±3.549	10.08±3.489	.651	.420	.002	.127
Obsessão pelo telefone (PS)	9.50±3.293	10.40±2.944	7.126	.008	.018	.759
Dificuldades de controlo (MPUAS)	11.22±4.241	11.15±3.998	.032	.858	.001	.054
Privação (MPUAS)	6.05±2.069	6.50±1.974	4.233	.040	.011	.537
Aplicação (MPUAS)	16.53±5.343	15.58±4.646	3.457	.064	.009	.458
Internet (IAS)	12.67±5.036	13.09±4.464	.660	.417	.002	.128
Compartilhamento (SMAS)	12.95±4.674	14.24±4.292	7.158	.001	.018	.761
Controlo (SMAS)	10.52±3.670	10.39±3.102	.160	.616	.001	.068
Jogos (GAS)	17.17±7.489	12.72±5.245	45.606	.008	.107	1.000
SMS (SAS)	15.44±5.828	15.75±4.999	.252	.689	.001	.079
RAS	25.72±2.806	25.90±31.69	.295	.587	.001	.084
PIS	17.46±2.826	18.03±2.899	3.340	.068	.009	.446

No que respeita às diferenças da prática do *phubbing* quanto à orientação sexual, realizou-se uma MANOVA, onde se obteve o seguinte resultado, $F_{(10,372)} = .849$, $p = .581$, $\eta_p^2 = .022$, Wilks - $\lambda = .978$, PO = .451. Como $p > .05$ não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre as pessoas heterossexuais e homossexuais, sendo que também apresenta um efeito de magnitude pequeno ($>.01$), tal como o poder observado.

Como é possível verificar na tabela 4, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as pessoas heterossexuais e homossexuais em nenhuma dimensão das PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS e SAS, não apresentando efeito de magnitude ($\eta_p^2 < .01$) e um baixo poder observado. Observou-se, ainda através de uma MANOVA, que não existem diferenças estatisticamente significativas ao nível da orientação sexual na satisfação com a relação e na intimidade, uma vez que se obteve: $F_{(2,380)} = .493$, $p = .611$, $\eta_p^2 = .003$, Wilks - $\lambda = .003$, PO = .131.

Tabela 4

Média (M), desvio-padrão (DP) e efeito da orientação sexual nas dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS, SAS, RAS e PIS

	Orientação sexual		F	p	η^2_ρ	PO
	Heterossexual M±DP	Homossexual M±DP				
Distúrbio de comunicação (PS)	10.16±3.501	11.00±3.830	.531	.466	.001	.112
Obsessão pelo telefone (PS)	10.09±3.064	10.30±4.165	.074	.785	.001	.058
Dificuldades de controlo (MPUAS)	11.14±4.075	12.20±4.185	.649	.421	.002	.127
Privação (MPUAS)	6.37±2.007	5.60±2.271	1.315	.252	.003	.208
Aplicação (MPUAS)	15.88±4.908	16.50±4.972	.125	.723	.001	.064
Internet (IAS)	12.93±4.657	13.90±4.999	.450	.503	.001	.103
Compartilhamento (SMAS)	13.75±4.408	15.80±6.052	2.275	.132	.006	.325
Controlo (SMAS)	10.40±3.269	11.70±4.322	1.489	.223	.004	.230
Jogos (GAS)	14.16±6.387	16.20±8.203	.801	.371	.002	.145
SMS (SAS)	15.59±5.249	17.60±6.535	1.435	.232	.004	.223
RAS	25.82±3.060	26.70±2.627	.835	.361	.002	.149
PIS	17.82±2.905	17.84±2.884	.796	.373	.002	.145

No que concerne às diferenças no comportamento do *phubbing* quanto ao meio residencial, realizou-se uma MANOVA, onde se obteve o seguinte resultado, $F_{(10,372)} = .748$, $p = .679$, $\eta^2_\rho = .020$, Wilks - $\lambda = .980$, PO = .396. Como $p > .05$ não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre o meio urbano e o meio rural, sendo que também apresenta um efeito de magnitude baixo ($> .01$), tal como o poder observado.

Como é possível verificar na tabela 5, só foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o meio urbano e o meio rural, na dimensão ‘aplicação’ da MPUAS, apresentando um efeito de magnitude pequeno ($\eta^2_\rho > .01$) e um poder observado moderado.

No que respeita à satisfação com a relação amorosa e à intimidade, obteve-se, através de uma MANOVA: $F_{(2,380)} = .019$, $p = .981$, $\eta^2_\rho = .001$, Wilks - $\lambda = 1.000$, PO = .053, pelo que não se verificam diferenças estatisticamente significativas em relação ao meio residencial.

Tabela 5

Média (M), desvio-padrão (DP) e efeito do meio residencial nas dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS, SAS, RAS e PIS

	Meio Residencial		F	p	η_p^2	PO
	Urbano M±DP	Rural M±DP				
Distúrbio de comunicação (PS)	10.34±3.616	10.04±3.412	.710	.400	.002	.134
Obsessão pelo telefone (PS)	10.24±2.976	9.97±3.189	.665	.415	.002	.129
Dificuldades de controlo (MPUAS)	11.29±4.020	11.06±4.130	.323	.570	.001	.088
Privação (MPUAS)	6.45±2.080	6.25±1.956	.800	.372	.002	.145
Aplicação (MPUAS)	16.46±5.238	15.40±4.546	4.744	.030	.012	.584
Internet (IAS)	13.29±4.790	12.65±4.536	1.785	.182	.005	.266
Compartilhamento (SMAS)	14.09±4.510	13.55±4.410	1.283	.258	.003	.204
Controlo (SMAS)	10.72±3.163	10.19±3.405	2.507	.114	.007	.352
Jogos (GAS)	14.11±6.481	14.30±6.411	.016	.901	.001	.052
SMS (SAS)	15.94±5.356	15.38±5.222	1.069	.302	.003	.178
RAS	25.87±2.997	25.81±3.102	.030	.863	.001	.053
PIS	17.87±2.881	17.80±2.892	.033	.856	.001	.054

No sentido de perceber as diferenças da prática do *phubbing* quanto às habilitações académicas e o seu efeito na satisfação com a relação e intimidade, realizou-se uma MANOVA, onde se obteve o seguinte resultado, $F_{(36,1088)} = 3.201$, $p = .001$, $\eta_p^2 = .094$, Wilks - $\lambda = .743$, PO = 1.000. Como $p < .05$ verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre os diferentes níveis de habilitações académicas, sendo que apresenta um efeito de magnitude moderado ($>.06$) e um poder observado elevado.

Como é possível verificar na tabela 6, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os diferentes níveis de habilitações académicas dos participantes em todas as dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS e SAS, mas apenas a dimensão ‘obsessão pelo telefone’ da PS obteve um efeito de magnitude moderado ($\eta_p^2 > .06$), sendo que as restantes apresentam um efeito de magnitude pequeno, tal como a RAS e a PIS, que apresentam um poder observado moderado, assim como o ‘distúrbio de comunicação’ da PS, enquanto que as outras apresentam um poder observado elevado.

Tabela 6

Média (M), desvio-padrão (DP) e efeito das habilitações académicas nas dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS, SAS, RAS e PIS

	Habilitações académicas				F	p	η_p^2	PO
	1º e 2º ciclo M±DP	3º ciclo M±DP	Secundário M±DP	Ensin Super M±DP				
Distúrbio de comunicação (PS)	9.00±4.062	10.74±4.245	10.56±3.436	9.69±3.072	2.748	.043	.021	.664
Obsessão pelo telefone (PS)	7.29±3.810	9.41±3.325	10.08±3.007	10.81±2.668	8.364	.001	.062	.993
Dificuldades de controlo (MPUAS)	9.43±4.214	11.78±4.507	11.87±3.994	10.35±3.766	5.417	.001	.041	.935
Privação (MPUAS)	4.81±2.112	6.05±1.2114	6.36±1.907	6.68±1.979	5.106	.002	.039	.920
Aplicação (MPUAS)	12.10±4.689	16.24±5.388	16.07±4.618	16.12±4.872	5.180	.002	.039	.924
Internet (IAS)	9.81±4.343	13.14±5.162	13.04±4.618	13.24±4.414	3.312	.020	.026	.753
Compartilhamento (SMAS)	10.19±5.154	13.41±4.492	13.64±4.221	14.70±4.338	5.792	.001	.044	.950
Controlo (SMAS)	9.00±4.099	10.24±3.352	10.95±3.233	10.13±3.148	3.154	.025	.024	.730
Jogos (GAS)	11.95±4.995	14.62±6.638	15.14±6.607	13.29±6.185	3.023	.030	.023	.710
SMS (SAS)	11.52±4.966	15.71±5.604	15.58±5.338	16.31±4.892	5.069	.002	.039	.918
RAS	26.33±4.175	25.88±2.854	26.14±2.938	25.40±3.041	1.924	.125	.015	.498
PIS	16.48±3.027	17.59±2.527	18.03±2.872	17.91±2.981	1.705	.165	.013	.446

No que concerne às diferenças do comportamento do *phubbing* quanto ao nível socioeconómico, realizou-se uma MANOVA, onde se obteve, $F_{(20,742)}= 1.368$, $p= .130$, $\eta_p^2= .036$, Wilks - $\lambda= .930$, PO= .909. Como $p > .05$ não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre o nível socioeconómico baixo, médio e elevado, sendo que também apresenta um efeito de magnitude baixo ($>.01$) e um poder observado elevado.

Como é possível verificar na tabela 7, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os diferentes níveis socioeconómicos em nenhuma dimensão da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS e SAS, não havendo também efeito de magnitude em todas as dimensões ($\eta_p^2 < .01$) assim como um poder observado baixo.

Quanto ao efeito do nível socioeconómico na satisfação com a relação e na intimidade, obteve-se, através de uma MANOVA: $F_{(4,758)}= 4.319$, $p= .130$, $\eta_p^2= .022$, Wilks - $\lambda= .956$, PO= .932, pelo que se pode afirmar que existem diferenças estatisticamente significativas entre os diferentes níveis socioeconómicos, com um efeito de magnitude pequeno tanto na satisfação com a relação como na intimidade e um poder observado elevado.

Tabela 7

Média (M), desvio-padrão (DP) e efeito do nível socioeconómico nas dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS, SAS, RAS e PIS

	Nível socioeconómico			F	p	η_p^2	PO
	Baixo M±DP	Médio M±DP	Elevado M±DP				
Distúrbio de comunicação (PS)	10.02±3.442	10.20±3.501	11.00±5.598	.141	.869	.001	.072
Obsessão pelo telefone (PS)	9.88±3.285	10.12±3.041	10.75±5.315	.324	.724	.002	.102
Dificuldades de controlo (MPUAS)	11.42±4.201	11.15±4.072	9.50±3.109	.432	.649	.002	.120
Privação (MPUAS)	6.79±2.052	6.28±1.992	6.25±3.304	1.237	.292	.006	.269
Aplicação (MPUAS)	15.00±4.736	16.02±4.890	16.25±8.180	.842	.432	.004	.194
Internet (IAS)	12.96±5.116	12.95±4.583	13.25±6.898	.013	.987	.001	.052
Compartilhamento (SMAS)	14.50±4.890	13.68±4.346	15.75±8.139	1.094	.336	.006	.242
Controlo (SMAS)	10.85±3.742	10.38±3.229	9.75±4.113	.531	.589	.003	.137
Jogos (GAS)	13.50±6.345	14.27±6.363	18.25±12.659	.768	.465	.004	.181
SMS (SAS)	16.06±5.796	15.58±5.187	16.00±8.287	.176	.838	.001	.077
RAS	24.35±3.895	26.06±2.837	25.25±4.500	6.926	.001	.035	.923
PIS	16.44±3.718	18.05±2.659	16.75±5.188	7.317	.001	.037	.937

Para avaliar as diferenças da prática do *phubbing* quanto ao número de horas na internet diárias e o seu efeito na satisfação com a relação e intimidade, realizou-se uma MANOVA, onde se obteve o seguinte resultado, $F_{(24,738)} = 4.965$, $p = .001$, $\eta_p^2 = .139$, Wilks - $\lambda = .741$, PO = 1.000. Como $p < .05$ verificam-se diferenças estatisticamente significativas ao nível do número de horas diárias que os sujeitos passam na internet, uma vez que também apresenta um efeito de magnitude forte e um poder observado elevado.

Como é possível verificar na tabela 8, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ao nível do número de horas diárias na internet em todas as dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS e SAS, apresentando um efeito de magnitude forte na IAS e na dimensão ‘compartilhamento’ da SMAS, moderado na SAS, GAS, nas dimensões ‘aplicação’ e ‘dificuldades de controlo’ da MPUAS, na dimensão ‘controlo’ da SMAS e na dimensão ‘obsessão pelo telefone’ da PS e pequeno nas dimensões ‘distúrbio da comunicação’ da PS e ‘privação’ da MPUAS, com um poder observado elevado. No entanto, não foram encontradas diferenças significativas na RAS e PIS, em que a RAS apresenta um efeito de magnitude pequeno e na PIS não existe efeito de magnitude. O poder observado também se mostrou relativamente baixo.

Tabela 8

Média (M), desvio-padrão (DP) e efeito do número de horas diárias na internet nas dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS, SAS, RAS e PIS

	Número de horas diárias na internet			F	p	η_p^2	PO
	Até uma M±DP	De duas a 4 M±DP	Mais de 4 M±DP				
Distúrbio de comunicação (PS)	9.11±3.415	10.27±3.496	11.38±3.257	11.332	.001	.056	.993
Obsessão pelo telefone (PS)	9.14±3.153	10.04±2.966	14.45±2.798	13.879	.001	.068	.998
Dificuldades de controlo (MPUAS)	9.89±3.540	11.18±3.927	12.78±4.478	13.199	.001	.065	.998
Privação (MPUAS)	5.91±2.056	6.33±1.998	6.94±1.864	6.155	.002	.031	.889
Aplicação (MPUAS)	14.04±4.635	16.30±4.908	17.43±4.546	14.918	.001	.073	.999
Internet (IAS)	10.76±3.664	12.95±4.335	15.77±4.995	32.565	.001	.146	1.000
Compartilhamento (SMAS)	11.18±3.976	14.21±4.061	16.32±4.141	39.541	.001	.172	1.000
Controlo (SMAS)	9.22±3.287	10.65±3.105	11.54±3.266	13.945	.001	.068	.998
Jogos (GAS)	12.45±5.252	14.10±6.168	16.72±7.549	15.997	.001	.078	1.000
SMS (SAS)	13.26±4.466	15.75±4.961	18.48±5.519	27.043	.001	.125	1.000
RAS	26.07±2.792	25.98±2.912	25.25±3.571	2.188	.114	.011	.446
PIS	17.70±2.585	18.11±2.798	17.43±3.361	1.773	.171	.009	.371

Para avaliar se existem diferenças no comportamento de *phubbing* quanto ao número de SMS diários e o seu efeito na satisfação com a relação e intimidade, realizou-se uma MANOVA, onde se obteve o seguinte resultado, $F_{(24,738)} = 4.102$, $p = .001$, $\eta_p^2 = .118$, Wilks - $\lambda = .778$, PO = 1.000. Como $p < .05$ verificam-se diferenças estatisticamente significativas ao nível do número de SMS que os sujeitos enviam por dia, uma vez que também apresenta um efeito de magnitude moderado e um poder observado elevado.

Como é possível verificar na tabela 9, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ao nível do número de SMS diários em todas as dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS e SAS, apresentando um efeito de magnitude forte na SAS, moderado nas dimensões ‘dificuldades de controlo’ da MPUAS, ‘distúrbio da comunicação’ da PS, nas dimensões da SMAS e na IAS e pequeno nas restantes dimensões. No entanto, não foram encontradas diferenças significativas na PIS e RAS, em que não há efeito de magnitude e há um efeito de magnitude pequeno e um baixo e médio poder observado, respetivamente.

Tabela 9

Média (M) e desvio-padrão (DP) e efeito da frequência do nº de SMS enviados por dia nas dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS, SAS, RAS e PIS

	Número de SMS's diários			F	p	η_p^2	PO
	Até 10 M±DP	De 11 a 50 M±DP	Mais de 50 M±DP				
Distúrbio de comunicação (PS)	9.09±3.397	10.60±3.572	11.26±3.126	13.380	.001	.066	.998
Obsessão pelo telefone (PS)	9.37±3.367	10.26±2.718	10.98±2.916	9.466	.001	.047	.979
Dificuldades de controlo (MPUAS)	9.99±3.912	11.36±4.091	12.72±3.760	14.206	.001	.070	.999
Privação (MPUAS)	6.00±2.160	6.49±1.879	6.68±1.911	4.211	.016	.022	.738
Aplicação (MPUAS)	14.55±5.126	16.43±4.073	17.20±5.207	9.916	.001	.050	.984
Internet (IAS)	11.84±4.524	12.86±4.250	14.79±4.916	12.883	.001	.064	.997
Compartilhamento (SMAS)	12.43±4.475	14.48±4.156	14.95±4.356	13.368	.001	.066	.998
Controlo (SMAS)	9.45±3.148	10.86±3.132	11.33±3.411	11.817	.001	.059	.994
Jogos (GAS)	12.55±5.773	14.46±6.487	16.41±6.680	10.398	.001	.052	.988
SMS (SAS)	13.18±4.478	16.34±5.020	18.42±5.178	36.463	.001	.161	1.000
RAS	25.38±3.269	26.04±2.833	26.26±2.939	3.006	.051	.016	.581
PIS	17.63±2.912	17.88±3.170	18.09±2.358	.954	.386	.005	.215

Para avaliar as diferenças no comportamento do *phubbing* quanto ao tempo da relação e o seu efeito na satisfação com a relação e intimidade, realizou-se uma MANOVA, onde se obteve o seguinte resultado, $F_{(48,1416)} = 2.454$, $p = .001$, $\eta_p^2 = .074$, Wilks - $\lambda = .735$, PO = 1.000. Como $p < .05$ verificam-se diferenças estatisticamente significativas ao nível do tempo da relação que os sujeitos mantêm, uma vez que também apresenta um efeito de magnitude moderado e um poder observado elevado.

Como é possível verificar na tabela 10, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ao nível do tempo da relação em todas as dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS, SAS, RAS e PIS, mas apenas as dimensões 'distúrbio da comunicação' da PS, 'dificuldades de controlo' da MPUAS, 'compartilhamento' e 'controlo' da SMAS e as escalas IAS e SAS apresentaram um efeito de magnitude moderado ($\eta_p^2 > .06$), sendo que todas as outras apresentaram um efeito de magnitude pequeno. No entanto, todas as dimensões apresentaram um poder observado elevado.

Tabela 10

Média (M), desvio-padrão (DP) e efeito do tempo da relação nas dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS, SAS, RAS e PIS

	Tempo da relação					F	p	η^2_ρ	PO
	< 6	7 meses	2 e 3	4 a 7	> 7				
	meses	a 1 ano	anos	anos	anos				
	M±DP	M±DP	M±DP	M±DP	M±DP				
Distúrbio de comunicação (PS)	11.34± 3.551	11.00± 3.304	10.84± 3.530	10.18± 3.301	9.05± 3.434	5.798	.001	.058	.982
Obsessão pelo telefone (PS)	11.08± 3.092	9.69± 2.628	10.61± 2.953	10.24± 2.843	9.34± 3.358	3.705	.006	.038	.883
Dificuldades de controlo (MPUAS)	13.16± 4.693	11.19± 3.919	12.01± 3.693	11.00± 4.132	10.01± 3.817	6.037	.001	.060	.986
Privação (MPUAS)	7.08± 1.923	6.22± 1.929	6.66± 1.986	6.10± 1.880	6.11± 2.138	2.471	.044	.025	.6704
Aplicação (MPUAS)	17.87± 5.147	16.08± 4.475	16.33± 4.463	15.56± 4.620	15.15± 5.356	2.780	.027	.029	.762
Internet (IAS)	16.24± 5.242	13.69± 4.445	13.46± 4.335	12.28± 4.203	11.83± 4.625	7.873	.001	.077	.998
Compartilhamento (SMAS)	16.29± 4.086	14.00± 4.243	14.44± 4.493	13.99± 3.994	12.30± 4.530	7.058	.001	.069	.995
Controlo (SMAS)	12.39± 2.881	10.69± 3.438	10.91± 3.099	10.27± 3.078	9.50± 3.407	6.817	.001	.067	.994
Jogos (GAS)	15.76± 7.600	16.19± 6.777	14.45± 6.057	14.82± 6.429	12.44± 5.885	4.945	.001	.050	.960
SMS (SAS)	19.74± 5.416	15.89± 5.460	16.96± 4.426	15.27± 4.742	13.55± 5.251	13.416	.001	.124	1.000
RAS	24.08± 4.617	26.44± 2.613	26.25± 2.757	25.83± 2.545	25.92± 2.996	4.132	.003	.042	.918
PIS	16.74± 4.524	17.44± 2.932	18.51± 2.062	17.94± 2.903	17.70± 2.638	3.022	.018	.031	.800

Para avaliar se existem diferenças quanto ao modo de recolha de dados (presencial ou *online*), realizou-se uma MANOVA, onde se obteve, $F_{(12,370)} = 9.921$, $p = .001$, $\eta^2_\rho = .243$, Wilks - $\lambda = .757$, PO = 1.000. Como $p < .05$ verificam-se diferenças estatisticamente significativas no que respeita ao modo como os dados foram recolhidos, sendo que também apresenta um efeito de magnitude elevado e um poder observado elevado.

Como é possível verificar na tabela 11, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ao nível do modo de recolha de dados em todas as dimensões da PS, ‘dificuldades de controlo’ e ‘privação’ da MPUAS, ‘compartilhamento’ da SMAS e na RAS, apresentando também um poder observado elevado, à exceção da RAS, que apresenta um poder observado moderado. No entanto, apenas a dimensão ‘compartilhamento’ da SMAS

apresenta um efeito de magnitude moderado, sendo que todas as outras mencionadas apresentam um efeito de magnitude pequeno.

Tabela 11

Média (M), desvio-padrão (DP) e efeito do modo de recolha de dados nas dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS, SAS, RAS e PIS

	Modo de recolha de dados		F	p	η^2_ρ	PO
	Presencial M±DP	Online M±DP				
Distúrbio de comunicação (PS)	11.13±3.920	9.46±2.968	22.174	.001	.055	.997
Obsessão pelo telefone (PS)	9.27±3.155	10.72±2.892	17.047	.001	.043	.985
Dificuldades de controlo (MPUAS)	11.85±4.091	10.65±3.996	8.617	.004	.022	.833
Privação (MPUAS)	5.87±1.901	6.71±2.029	13.493	.001	.034	.956
Aplicação (MPUAS)	15.99±5.457	15.83±4.450	.024	.877	.001	.053
Internet (IAS)	12.91±4.980	12.98±4.416	.005	.943	.001	.051
Compartilhamento (SMAS)	12.40±4.541	14.88±4.094	25.624	.001	.063	.999
Controlo (SMAS)	10.48±3.638	10.40±3.026	.015	.901	.001	.052
Jogos (GAS)	15.17±6.743	13.48±6.107	.965	.327	.003	.165
SMS (SAS)	15.28±5.757	15.92±4.894	1.130	.288	.003	.185
RAS	26.16±3.143	25.60±2.961	3.937	.048	.010	.508
PIS	17.67±2.448	17.96±3.175	.290	.591	.001	.084

Para responder à principal questão do estudo, ou seja, para avaliar se as variáveis predictoras predizem significativamente a satisfação com a relação e a intimidade realizou-se uma regressão linear múltipla hierárquica incluindo ambos os sexos. A análise de regressão indicou que 47,5% da variância da satisfação com a relação pode ser explicada pelo modelo apresentado na tabela 12 [F(6,377)= 58,728; $p=.001$; $R^2=.475$]. Nesse contexto, pode-se apontar que quanto maior o nível de intimidade ($\beta=.658$; $p=.001$), o distúrbio de comunicação ($\beta=.146$; $p=.001$) e o número de SMS por dia ($\beta=.099$; $p=.017$), maior a satisfação com a relação reportada pelos indivíduos numa relação amorosa. De modo oposto, quanto maior for o nível de habilitações académicas ($\beta=-.124$; $p=.002$) e o número de horas na internet por dia ($\beta=-.111$; $p=.011$), menor a satisfação com a relação. Já o nível socioeconómico ($\beta=.074$; $p=.052$) não parece explicar significativamente a satisfação com a relação, como indicado na tabela 12.

Tabela 12

Modelo de regressão predizendo a Satisfação com a relação amorosa a partir das variáveis predictoras

	<i>Variáveis</i>	<i>B</i>	<i>SE</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Bloco 1	<i>Nível socioeconómico</i>	.641	.330	.074	1.947	.052
	<i>Habilitações académicas</i>	-.444	.144	-.124	-3.088	.002
Bloco 2	<i>SMS por dia</i>	.384	.160	.099	2.398	.017
	<i>Horas na internet</i>	-.469	.184	-.111	-2.555	.011
Bloco 3	<i>Intimidade (PIS)</i>	.696	.040	.658	17.267	.001
	<i>Distúrbio de comunicação (PS)</i>	.127	.034	.146	3.692	.001

Nota. $R^2 = .475$; $F(6,377) = 58.728$; $p = .001$

No que se refere à predição da Intimidade, o nível socioeconómico, o sexo, o distúrbio de comunicação e a satisfação com a relação mostraram-se responsáveis por 45,4% da variância da Intimidade [$F(4,379) = 80.564$; $p = .001$; $R^2 = .454$], em que níveis maiores de satisfação com a relação ($\beta = .650$; $p = .001$) e a ausência de distúrbio de comunicação ($\beta = -.167$; $p = .001$) podem predizer níveis maiores de intimidade. O nível socioeconómico ($\beta = .060$; $p = .121$) e o sexo ($\beta = .071$; $p = .061$) não explicaram significativamente a intimidade (ver tabela 13).

Tabela 13

Modelo de regressão predizendo a Intimidade a partir das variáveis predictoras

	<i>Variáveis</i>	<i>B</i>	<i>SE</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Bloco 1	<i>Nível socioeconómico</i>	.491	.316	.060	1.555	.121
	<i>Sexo</i>	-.434	.231	.071	-1.880	.061
Bloco 3	<i>Satisfação com a relação (RAS)</i>	.615	.036	.650	16.920	.001
	<i>Distúrbio de comunicação (PS)</i>	-.137	.031	-.167	-4.410	.001

Nota. $R^2 = .454$; $F(4,379) = 80.564$; $p = .001$

Em relação à regressão realizada para avaliar se as variáveis predictoras predizem significativamente a satisfação com a relação, realizada apenas com o sexo feminino obteve-se: $F(7,247) = 52.788$; $p = .001$; $R^2 = .588$, em que as variáveis habilitações académicas, nível socioeconómico, SMS por dia, intimidade, distúrbio de comunicação, dificuldades de controlo e partilha foram responsáveis por 58,8% da variância. Para as mulheres, quanto maior o nível socioeconómico ($\beta = -.085$; $p = .041$), o número de SMS por dia ($\beta = .114$; $p = .008$), o nível de intimidade ($\beta = .681$; $p = .001$) e de distúrbio de comunicação ($\beta = .273$; $p = .001$) maior é a satisfação com a relação. Inversamente, quanto maior o nível de habilitações académicas ($\beta = -.219$; $p = .001$), de dificuldades de controlo ($\beta = -.122$; $p = .031$) e a necessidade de partilha nas redes sociais ($\beta = -.096$; $p = .045$), menor será a satisfação com a relação, como indicado na tabela 14.

Tabela 14

Modelo de regressão predizendo a Satisfação com a relação a partir das variáveis preditoras para o sexo feminino

	<i>Variáveis</i>	<i>B</i>	<i>SE</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Bloco 1	<i>Habilitações académicas</i>	-.862	.166	-.219	-5.209	.001
	<i>Nível socioeconómico</i>	.758	.370	.085	2.052	.041
Bloco 2	<i>SMS por dia</i>	.474	.177	.114	2.682	.008
Bloco 3	<i>Intimidade (PIS)</i>	.744	.046	.681	16.341	.001
	<i>Distúrbio de comunicação (PS)</i>	.248	.048	.273	5.186	.001
	<i>Dificuldades de controlo (MPUAS)</i>	-.097	.044	-.122	-2.176	.031
	<i>Compartilhamento (SMAS)</i>	-.071	.035	-.096	-2.019	.045

Nota. $R^2 = .588$; $F(7,247) = 52.788$; $p = .001$

Na regressão realizada apenas com as mulheres para avaliar se as variáveis preditoras predizem significativamente a intimidade, obteve-se: $F(4,250) = 71.958$; $p = .001$; $R^2 = .528$, sendo as variáveis nível socioeconómico, satisfação com a relação, distúrbio da comunicação e obsessão pelo telefone responsáveis por 52,8% da variância. Para as mulheres, o aumento na satisfação com a relação ($\beta = .726$; $p = .001$) e na obsessão pelo telefone ($\beta = .108$; $p = .017$) e um baixo distúrbio da comunicação ($\beta = -.241$; $p = .001$) podem explicar níveis elevados de intimidade. Entretanto, não houve contribuição significativa do nível socioeconómico ($\beta = .034$; $p = .444$), como indicado na tabela 15.

Tabela 15

Modelo de regressão predizendo a Intimidade a partir das variáveis preditoras para o sexo feminino

	<i>Variáveis</i>	<i>B</i>	<i>SE</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Bloco 1	<i>Nível socioeconómico</i>	.275	.358	.034	.766	.444
Bloco 3	<i>Satisfação com a relação (RAS)</i>	.665	.041	.726	16.283	.001
	<i>Distúrbio de comunicação (PS)</i>	-.201	.037	-.241	-5.393	.001
	<i>Obsessão pelo telefone (PS)</i>	.106	.044	.108	2.407	.017

Nota. $R^2 = .528$; $F(4,250) = 71.958$; $p = .001$

No que respeita ao sexo masculino e à predição da satisfação com a relação, pode-se indicar que o meio residencial e a intimidade foram responsáveis por 31,1% da variância da satisfação com a relação [$F(2,126) = 29.830$; $p = .001$; $R^2 = .311$] na regressão linear múltipla realizada apenas com os homens. Pode-se dizer que, para os homens, níveis elevados de intimidade ($\beta = .542$; $p = .001$) conseguem predizer uma maior satisfação com a relação. No entanto, não houve contribuição significativa do meio residencial ($\beta = .089$; $p = .236$) para explicar a satisfação com a relação (ver tabela 16).

Tabela 16

Modelo de regressão predizendo a Satisfação com a relação a partir das variáveis predictoras para o sexo masculino

	Variáveis	B	SE	β	t	p
Bloco 1	Meio residencial	.502	.422	.089	1.191	.236
Bloco 3	Intimidade (PIS)	.538	.075	.542	7.218	.001

Nota. $R^2 = .311$; $F(2,126) = 29.830$; $p = .001$

Conforme a tabela 17, pode-se indicar que as habilitações académicas, o meio residencial, a satisfação com a relação e as dificuldades de controlo foram responsáveis por 34,4% da variância da intimidade, para o sexo masculino [$F(4,124) = 17.799$; $p = .001$; $R^2 = .344$] na regressão linear múltipla realizada apenas com os homens. Pode-se dizer que, para os homens, níveis elevados de satisfação com a relação ($\beta = .504$; $p = .001$) e níveis baixos de dificuldades de controlo ($\beta = .175$; $p = .017$) conseguem predizer maiores níveis de intimidade. No entanto, o meio residencial ($\beta = .090$; $p = .223$) e as habilitações académicas ($\beta = .122$; $p = .098$) não apresentaram explicação significativa frente à intimidade.

Tabela 17

Modelo de regressão predizendo a Intimidade a partir das variáveis predictoras para o sexo masculino

	Variáveis	B	SE	β	t	p
Bloco 1	Habilitações académicas	.394	.236	.122	1.669	.098
	Meio residencial	.510	.416	.090	1.225	.223
Bloco 3	Satisfação com a relação (RAS)	.508	.075	.504	6.787	.001
	Dificuldades de controlo (MPUAS)	-.117	.048	-.175	-2.426	.017

Nota. $R^2 = .344$; $F(4,124) = 17.799$; $p = .001$

Discussão

O presente estudo de carácter transversal teve como objetivo verificar como o *phubbing* influencia as relações amorosas em jovens adultos e adultos, em função da satisfação com a relação e intimidade, tendo em conta variáveis predictoras como a idade, sexo, orientação sexual, meio residencial, habilitações académicas, nível socioeconómico, número de horas de uso diário da Internet, número de SMS enviados por dia, tempo da relação e profissão.

Relativamente à idade, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre jovens adultos e adultos. No entanto, no que respeita aos comportamentos determinantes do *phubbing*, apenas a escala SAS apresenta um efeito de magnitude moderado na variável idade, pelo que os jovens adultos tendem a recorrer às SMS com maior frequência para

comunicar do que propriamente os adultos. Em relação ao poder observado, verifica-se uma elevada probabilidade (99,9%) de num estudo futuro, com uma amostra semelhante, serem obtidos os mesmos resultados. Este resultado pode ser explicado devido ao facto de os jovens, como cresceram com vários recursos das tecnologias, não desenvolveram as mesmas competências de comunicação que as pessoas mais velhas, e então recorrem com maior frequência ao telemóvel para comunicar. No que respeita às restantes dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS e GAS, verifica-se que ser jovem adulto propicia de forma reduzida a prática do *phubbing*. No que toca à RAS e PIS não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($p > .05$), não sendo possível extrapolar os resultados para a população ($\eta^2 = .001$), com uma baixa probabilidade de num estudo futuro utilizando uma amostra semelhante obter-se os mesmos resultados (PO= 6,4% e 5,7%, respetivamente). Este resultado é semelhante aos obtidos por Al-Saggaf et al. (2019), Anshari et al. (2016), Deursen et al. (2015) e Kadylak et al. (2018), que concluíram que os mais velhos são, menos propensas a desenvolver CVS, o que poderá ser explicado pelo facto de as pessoas mais velhas tenderem a ver o comportamento do uso *smartphones* dos outros como negativo como Chotpitayasunondh e Douglas (2016) defenderam, mas também porque os jovens têm uma maior exposição ao uso das tecnologias. Mais quando que já são obrigados a usá-las durante a sua formação.

No que respeita ao sexo, verificou-se que as mulheres tendem a praticar mais o *phubbing*, em particular no que se refere às dimensões ‘obsessão pelo telefone’ da PS, ‘compartilhamento’ da SMAS e ‘privação’ da MPUAS, ainda que com um efeito de magnitude pequeno. A probabilidade de num estudo futuro, com uma amostra semelhante, obter-se os mesmos resultados é moderadamente alta. Karadag et al. (2015) também constaram que são as mulheres que praticam o *phubbing* com maior frequência devido ao uso das redes sociais e do *smartphone*. Deursen et al. (2015) também constataram que as mulheres usam o *smartphone* com mais frequência, como mecanismo de *coping* em situações de *stress* social, o que poderá explicar o facto de as mulheres apresentarem pontuações mais altas quando se sentem privadas do seu *smartphone*. Resultados semelhantes foram obtidos nos estudos de Chotpitayasunondh e Douglas (2016). Por outro lado, denota-se que as mulheres dão importância ao ato de partilhar nas redes sociais, talvez isto aconteça porque elas apresentam uma atitude mais ativa, responsiva e participativa do que os homens nas redes sociais. Por sua vez, os homens apresentam-se como os principais *phubbers* quando se trata do recurso aos jogos, visto que a escala GAS apresentou um efeito de magnitude

moderado, com uma elevada probabilidade (100%) de num estudo futuro, com uma amostra semelhante, serem obtidos os mesmos resultados. Este resultado vai ao encontro do estudo de Coyne et al. (2012), Karadag et al. (2015) e Villafuerte-Garzón e Vera-Perea (2019), que mostraram que existem mais homens que mulheres a jogar. Como os homens costumam jogar mais jogos no computador e no telefone, há mais jogos para homens e deste modo, eles estão mais propensos a se viciarem nos jogos, como explicaram Karadag et al. (2015). Também Anshari et al. (2016) e Villafuerte-Garzón e Vera-Perea (2019), concluíram que os homens valorizam mais os *smartphones* e passam mais tempo a utilizá-los. Já na RAS e na PIS, não foram encontradas diferenças entre os homens e as mulheres, sem a possibilidade de extrapolar esses dados para a população e baixa e moderada probabilidade, respetivamente, de num estudo futuro, com uma amostra semelhante, obter-se os mesmos resultados.

Quanto à orientação sexual, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, nem dada a possibilidade de extrapolar os resultados para a população. No entanto, a probabilidade de num estudo futuro, com uma amostra semelhante, se obter os mesmos resultados é baixa. Este resultado pode ser produto do facto de não terem sido recolhidos inquéritos suficientemente representativos das diferentes orientações sexuais para se proceder às devidas comparações.

Também não se obtiveram diferenças estatisticamente significativas ao nível do meio residencial, tal como evidenciado no estudo de Al-Saggaf et al. (2019), que constataram que a frequência de *phubbing* não difere entre populações rurais e urbanas, embora se possa verificar que a frequência de comportamentos de *phubbing* é maior em ambiente urbano, à exceção da frequência dos jogos, como no estudo de Davey et al. (2018), que mostraram que pessoas com melhores situações sociodemográficas eram os mais propensos a se envolverem com o *phubbing*. No que toca à satisfação com a relação e à intimidade também não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. Não é ainda possível extrapolar os resultados para a população, atendendo ao efeito de magnitude e a probabilidade de num estudo futuro, com uma amostra semelhante, obter-se os mesmos resultados é maioritariamente baixa.

Na comparação dos diferentes níveis de habilitações académicas dos indivíduos inquiridos, constatou-se que o grau de habilitações académicas influencia de forma moderada a prática do *phubbing*, principalmente no que respeita à obsessão pelo telefone. Com base nos nossos resultados é possível generalizar os dados com efeito moderado para a população, acontecendo com menor probabilidade a generalização das restantes dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS e SAS. Denotou-se ainda que a prática do *phubbing* é maior

quando os indivíduos estão habilitados com o ensino superior e menor quando apresentam habilitações até ao segundo ciclo. Estes resultados não vão de encontro ao estudo de Al-Saggaf et al. (2019) que mostraram não existir evidências estatísticas de diferenças entre a frequência de *phubbing* e as habilitações académicas. Este resultado poderá ser explicado pelo facto de que, quanto maior é a instrução académica, maior é a necessidade de os estudantes contactarem com as tecnologias e, por essa razão tendem a estar mais confortáveis com o uso das mesmas, o que se reflete nos comportamentos do dia-a-dia. Quanto ao poder observado, verificou-se que a probabilidade de num estudo futuro se obter os mesmos resultados tendo uma amostra semelhante é moderadamente elevada. Pelo contrário, não foram encontradas diferenças significativas ao nível da RAS e PIS, mostrando um baixo efeito das habilitações académicas na satisfação com a relação e na intimidade e ainda uma baixa probabilidade de num estudo futuro obter-se os mesmos resultados, tendo uma amostra semelhante.

Quanto ao nível socioeconómico obtiveram-se resultados surpreendentes, pois não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos diferentes comportamentos determinantes do *phubbing*, não corroborando o estudo de Davey et al. (2018) que mostraram que pessoas com melhor situação económica eram as mais propensas a se envolverem com o *phubbing*. Uma explicação para os resultados obtidos consiste no facto de atualmente, existirem *smartphones* para qualquer disponibilidade financeira e de qualquer estatuto socioeconómico ter acesso à internet em qualquer lugar. Estes resultados não são possíveis de extrapolar para a população, atendendo ao efeito de magnitude e a probabilidade de num estudo futuro, com uma amostra semelhante, obter-se os mesmos resultados é bastante baixa. É possível que estes resultados se devam à discrepância entre o número de indivíduos de cada nível socioeconómico. No entanto, foram encontradas evidências estatísticas de existirem diferenças nos diferentes níveis socioeconómicos, mostrando que esta variável tem um pequeno efeito na satisfação com a relação e intimidade e evidenciando que a satisfação com a relação e os níveis de intimidade são maiores no nível socioeconómico médio. Existe ainda uma elevada probabilidade de, num estudo futuro, com uma amostra semelhante, obter os mesmos resultados. Possivelmente este achado está relacionado com o facto de indivíduos pertencentes a níveis socioeconómicos mais baixos, apresentarem maiores preocupações com as inerências da vida quotidiana e, por isso, vivenciarem mais conflitos com os seus pares e consequentemente experimentarem menores níveis de intimidade. Por outro lado, níveis socioeconómicos médios tendem a requerer um esforço complementar entre os membros do casal para ultrapassar as vicissitudes do dia-a-dia, o que poderá estar na base dos níveis mais

elevados de satisfação com a relação, que conseqüentemente se fará repercutir nos níveis satisfatórios de intimidade. No caso dos casais com um nível socioeconómico alto não se verificam indicadores de maior intimidade entre os membros do casal, na medida em que os sucessos ou conquistas alcançadas tendem a ser vistas como fruto de um esforço conjunto. Tendo em consideração que, eventualmente, as relações entre sujeitos deste nível económico estão menos condicionadas pelas condições que apelam a maior esforço conjunto para que as dificuldades possam ser ultrapassadas.

Relativamente à frequência diária de utilização da internet, constatou-se existir diferenças estatísticas, em que se verifica uma relação positiva entre o número de horas na internet e os valores obtidos nas dimensões da PS, MPUAS, IAS, SMAS, GAS e SAS. Os resultados evidenciam que a variável número de horas diárias na internet está fortemente relacionada com a prática do *phubbing* motivado pela internet, como era previsível, e pela necessidade de compartilhar nas redes sociais. Ou seja, quanto mais tempo os indivíduos passam na internet, mais dependentes desta tecnologia ficam, em que a internet e a necessidade de compartilhar nas redes sociais são a principal motivação dos indivíduos que passam mais tempo na internet para a prática do *phubbing*. De seguida, os achados mostram que o número de horas na internet diárias influencia o *phubbing* motivado pelas SMS, jogos, aplicações no *smartphone*, dificuldades de controlo no uso do *smartphone*, necessidade de controlo nas redes sociais e obsessão pelo telefone. Por sua vez, o número de horas na internet diárias apresenta um efeito mais reduzido, quando o *phubbing* é motivado pelo distúrbio da comunicação e pela privação do *smartphone*. Existe uma elevada probabilidade de num estudo futuro, com uma amostra semelhante, obter os mesmos resultados.

Neste estudo, 48,2% dos participantes passam de duas a quatro horas na internet e é evidente que um maior contacto com a internet, gera um comportamento viciante e aumenta o comportamento de *phubbing*. Pelo contrário, constatou-se que o número de horas na internet não tem nenhum efeito na satisfação com a relação e na intimidade, apresentando, por sua vez, uma baixa probabilidade, de num estudo futuro, com uma amostra semelhante obter os mesmos resultados. Apesar de os dados não serem estatisticamente significativos, observa-se que à medida que o número de horas por dia na internet aumenta, a satisfação com a relação diminui. Isto provavelmente deve-se ao facto de os indivíduos, por despenderem de muito tempo na internet, não têm tempo suficiente para investir na relação de forma saudável e por isso consideram-se menos satisfeitos.

Comummente também se obtiveram diferenças estatisticamente significativas à medida que o número de SMS enviados por dia aumenta nos diferentes determinantes do

phubbing. Como esperado, o número de SMS enviado por dia influencia fortemente a prática do *phubbing* motivada pela necessidade de trocar SMS, moderadamente o *phubbing* motivado pelas dificuldades de controlo relativas ao *smartphone*, distúrbio da comunicação, redes sociais e internet. De forma reduzida, é influenciado o *phubbing* motivado pela obsessão pelo telefone, privação e aplicações do *smartphone* e jogos. A probabilidade, de num estudo futuro, obter os mesmos resultados, é elevada. Por sua vez, mostrou-se que não existem diferenças no número de SMS enviados por dia ao nível da RAS e PIS, não tendo qualquer efeito na intimidade, mas apresentando um efeito pequeno na satisfação com a relação, remetendo para o facto de que à medida que o número de SMS enviados por dia aumenta, a satisfação com a relação também é maior. No entanto, a probabilidade de obter os mesmos resultados num estudo futuro é baixa para a PIS e moderada para a RAS. Estes resultados não vão de encontro aos achados por Halpern e Katz (2017) e Przybylski Weinstein (2013) que demonstraram uma associação entre a frequência de mensagens de texto, menor qualidade de relacionamento entre parceiros amorosos e falta de intimidade. Neste caso, os resultados encontrados poderão ser explicados pelo facto de os indivíduos se sentirem mais satisfeitos com a relação por trocarem mais SMS com o parceiro e assim puderem atender às suas necessidades mesmo quando não estão juntos fisicamente.

No que respeita ao tempo da relação, constatou-se que existem diferenças estatisticamente significativas, tanto ao nível dos determinantes do *phubbing* como ao nível da satisfação com a relação e a intimidade, sendo que quem está numa relação há menos de seis meses, são os que praticam mais *phubbing* e são os menos satisfeitos com a relação amorosa e com menores níveis de intimidade, corroborando os dados encontrados por Clayton et al. (2013) que mostraram que relacionamentos de curta duração são mais propensos a experienciar relacionamentos negativos como resultado de conflitos relacionados com o *facebook*. Os dados poderão ser explicados pelo facto de que no início da relação, como existe maior inibição, recorrem ao uso do *smartphone* como forma de escape, sendo também natural se sentirem menos satisfeitos com a relação e experienciarem níveis inferiores de intimidade. Por sua vez, os que praticam menos *phubbing* são os que mantêm uma relação há mais de sete anos, mas são os que mantêm uma relação há mais de seis meses e menos de um ano que se sentem mais satisfeitos com a relação e os que sentem níveis superiores de intimidade são aqueles que mantêm uma relação há dois ou três anos. Desta forma, não é possível corroborar o estudo de Cizmeci (2017) que mostrou que à medida que a duração do relacionamento aumenta, a percepção do comportamento de *pphubbing* aumenta e a satisfação do relacionamento diminui. Os relacionamentos são suscetíveis a várias crises ao

longo do tempo de duração, daí as variâncias encontradas na satisfação com a relação e na intimidade ao longo que o tempo da relação aumenta. A probabilidade de num estudo futuro, com uma amostra semelhante, se obter os mesmos resultados é elevada.

Não foi possível perceber se o *phubbing* influencia as relações amorosas em função da satisfação com a relação e intimidade, tendo em conta a variável profissão, uma vez que esta não foi categorizada e portanto não se obteve um número representativo de todas as profissões referidas pelos participantes de forma a se proceder às devidas comparações.

Procurou-se perceber se o modo de recolha de dados (*online* ou presencial) influencia os resultados. Nesse sentido demonstrou-se que o modo de recolha de dados apresenta um efeito moderado na dimensão ‘compartilhamento’ da SMAS, sendo que os indivíduos inquiridos de forma *online*, se mostram mais necessitados de partilhar nas redes sociais, ou então, sentiram maior abertura para expressar esses dados. Este resultado poderá estar relacionado com o facto de os indivíduos com maior necessidade de partilhar nas redes sociais, possivelmente sentirem maior abertura a participar nas atividades promovidas através das redes sociais e assim responderem mais fidedignamente por confiarem neste tipo de plataformas. Mostrou-se ainda que o modo de recolha de dados apresenta um efeito pequeno em mais algumas dimensões. Entre elas, o distúrbio da comunicação, dificuldades de controlo no uso do *smartphone* e satisfação com a relação, que se mostraram superiores nos indivíduos inquiridos presencialmente e a obsessão pelo telefone e privação do *smartphone* que se mostraram superiores nos indivíduos inquiridos *online*. Pois, os indivíduos que se mostram mais obsessivos com o telefone e sentem maior frustração quando se sentem privados do seu uso, tendem a passar mais tempo na sua utilização e possivelmente a navegar nas redes sociais, o que terá colocado estes indivíduos em contacto com o presente estudo, por este ter sido divulgado através do Facebook. Desta forma, constata-se que é sempre importante incluir numa amostra participantes que não sejam inquiridos na presença dos investigadores. A probabilidade, de num estudo futuro, obter os mesmos resultados, usando uma amostra semelhante, é elevada para todas estas dimensões, à exceção da RAS, que apresenta uma probabilidade moderada.

No que toca às variáveis preditoras e à satisfação com a relação os resultados indicam uma associação positiva com os níveis de intimidade, o distúrbio na comunicação e o número de SMS por dia. No entanto, Halpern e Katz (2017) e Przybylski e Weinstein (2013) constaram uma associação negativa entre a frequência de mensagens de texto e a qualidade de relacionamento entre parceiros amorosos. Provavelmente os resultados encontrados

poderão ser explicados pelo facto de as pessoas que trocam mais SMS com os parceiros se sentirem mais próximos deles por partilhar os acontecimentos ao longo do dia.

Verifica-se ainda, para as mulheres, uma associação positiva entre o nível socioeconómico e a satisfação com a relação, possivelmente porque mulheres com nível económico elevado não têm conflitos de foro financeiro com os parceiros, quando, as mulheres de níveis socioeconómicos mais baixos, normalmente apresentam mais conflitos com os parceiros devido à forma como um deles faz uso do dinheiro. Apesar disso, verifica-se, de forma geral, uma associação negativa com as habilitações académicas e o nº de horas na internet diárias, sendo que também no sexo feminino existe uma associação negativa com as habilitações académicas, mas também com as dificuldades de controlo no uso do *smartphone* e a necessidade de partilhar nas redes sociais. Uma possível explicação baseia-se no facto de as pessoas que passam mais tempo na internet não usarem esse tempo para dedicar aos parceiros e assim não avaliam o seu relacionamento com qualidade. Parece ainda que as mulheres, quando têm menos habilitações académicas, normalmente tendem a ter empregos com menos responsabilidades e, portanto, dedicam mais tempo, com qualidade, também por apresentarem menos preocupações, aos seus companheiros. Também aquelas que controlam melhor o seu uso no *smartphone* e as que partilham menos informações nas redes sociais se sentem mais satisfeitas, possivelmente porque não despendem do tempo que deveria ser dedicado à relação e aos parceiros para se dedicarem a essas tecnologias.

Isto significa que as mulheres com um astuto elevado, com menos habilitações académicas, com menos dificuldades de controlo no uso do *smartphone* e sem necessidade de partilhar nas redes sociais e as pessoas que enviam mais mensagens por dia, com maiores dificuldades na comunicação e que passam menos tempo na internet por dia são as mais satisfeitas com a relação amorosa.

Em relação às variáveis predictoras e à intimidade encontra-se apenas uma associação positiva entre a satisfação com a relação, tanto para homens, como para as mulheres. É natural que quanto maior seja a intimidade nos casais mais satisfeitos eles se sintam e vice-versa, pois já Halpern e Katz (2017) defendiam que se os indivíduos se sentem compreendidos e cuidados, ficam propensos a experienciar uma interação íntima, do mesmo modo, se se sentem compreendidos e cuidados, também se sentem satisfeitos com a relação. No entanto, na intimidade, verifica-se uma associação positiva com a obsessão pelo telefone e uma associação negativa com o distúrbio da comunicação nas mulheres e as dificuldades de controlo no uso do *smartphone* nos homens.

Mostrou-se, portanto, que os mais satisfeitos com a relação experienciam maiores níveis de intimidade, assim como as mulheres que não interrompem os seus encontros cara-a-cara para usar o *smartphone* e aquelas que apresentam uma maior obsessão pelo telefone, assim como os homens com menos dificuldades de controlo no uso do *smartphone*.

Os dados poderão ser explicados por as mulheres que não têm distúrbios da comunicação, não sentem qualquer entrave em transmitir os seus desejos e dificuldades, na intimidade com os parceiros. Reflete-se ainda no motivo pela qual as mulheres mais obsessivas pelo telefone experienciam níveis mais elevados de intimidade, talvez porque o tempo que dedicam ao uso do telemóvel, estão a investir na relação e na sua intimidade, por exemplo, através de pesquisas nesse sentido ou de troca de mensagens de foro íntimo com o parceiro. Por sua vez, os homens com mais dificuldades de controlo no uso do *smartphone* não se sentem tão satisfeitos intimamente, talvez porque a falta desse controlo poderá ser muitas vezes motivo da falta de procura de intimidade ou então porque poderá ser muitas vezes motivo de conflito entre o casal e assim uma renúncia nos momentos de intimidade.

Posto isto, as únicas dimensões do *phubbing* que influenciam a satisfação com a relação amorosa são a dificuldade na comunicação, e nas mulheres, a ausência de dificuldades de controlo no uso do *smartphone* e de necessidade de partilhar nas redes sociais. A satisfação com a relação está inteiramente associada aos níveis de intimidade e a intimidade está também associada à ausência de dificuldades na comunicação e uma maior obsessão pelo telefone, nas mulheres, e a baixas dificuldades de controlo no uso do *smartphone* nos homens.

Apesar da importância deste estudo, algumas são as limitações que este apresenta, tal como uma amostra constituída maioritariamente por indivíduos heterossexuais, ou seja, com um número insuficientemente representativo das diferentes orientações sexuais, pois o facto de a amostra ter sido recolhida através da técnica bola de neve não permitiu chegar à comunidade LGBT e apesar de se proceder à inquirição *online*, no sentido de a presença dos investigadores não inibir as respostas genuínas dos participantes e chegar a um maior número de pessoas diferenciado, não foi suficiente para obter um número representativo. Por outro lado, pode dever-se ao possível medo que as pessoas não heterossexuais têm de juízos de valor ainda associados a este estigma. Além disso, a amostra foi constituída essencialmente por indivíduos de nível socioeconómico médio.

Uma outra limitação poderá ser o facto de não se ter diferenciado os indivíduos que namoram daqueles que já vivem juntos, o que poderia ser interessante para perceber se a vida

do dia-a-dia interfere tanto no aumento do comportamento do *phubbing* como na satisfação dos casais.

Além disso, como se verifica na revisão da literatura, existe pouca informação sobre a influência de variáveis sociodemográficas como a profissão, meio residencial, habilitações académicas, etc. no comportamento do *phubbing* e principalmente, na satisfação e intimidade dos casais, o que constitui mais uma limitação para a discussão dos resultados.

A impossibilidade de tratar os dados respetivos à profissão devido à sua falta de categorização, mostrou-se ser também uma limitação, pelo que não se obteve um número representativo de todas as profissões referidas pelos participantes de forma a se proceder às devidas comparações. Nesse sentido, não será ainda possível colmatar a lacuna na literatura referente a este tema e sugere-se que estudos futuros têm isso em atenção.

Estudos futuros devem ainda procurar abranger uma amostra, em que represente a comunidade LGBT porque de facto são escassos os estudos que analisam a orientação sexual no estudo do *phubbing*. Desta forma, promover a participação em estudos futuros através de páginas e blogs LGBT, poderia ser uma forma de incluir um maior número de pessoas não heterossexuais.

Além disso, devem procurar, de alguma forma, motivar os homens a incluir-se no estudo, ou então procurar perceber por que razão eles não têm tanto interesse em participar. Sugere-se ainda que em futuras investigações sejam incluídos um maior número de indivíduos dos níveis socioeconómico baixo e alto para se poder proceder às devidas comparações entre os diferentes níveis socioeconómicos.

Uma curiosidade que surgiu ao longo do estudo foi perceber se o nível socioeconómico do parceiro/a influencia a satisfação com a relação amorosa dos indivíduos, no sentido de perceber se de facto, as mulheres valorizam mais a parte afetiva e os homens a parte sexual como os estudos indicam ou se também dão importância ao estatuto económico do parceiro. Estudos futuros poderiam aprofundar este tema. Por fim, seria importante perceber, através de medidas destinadas a esse efeito, o comportamento de *phubbing* dos parceiros, para perceber se o comportamento de um dos membros da relação tem efeito no outro e se a prática do *phubbing* do parceiro influencia a satisfação dos indivíduos na relação e a intimidade.

Conclusão

No que respeita à análise das variáveis sociodemográficas com a prática do *phubbing* concluiu-se que os mais jovens praticam o *phubbing* com maior frequência, principalmente

motivados pelo envio de SMS. Também as mulheres ficaram marcadas por praticarem o *phubbing* com maior frequência, devido à necessidade de compartilhar nas redes sociais, maior frustração quando se sentem privadas do *smartphone* e maior obsessão pelo telefone. No entanto os homens jogam mais que as mulheres. Constatou-se ainda que a prática do *phubbing* é maior quando os indivíduos estão habilitados com o ensino superior e menor quando apresentam habilitações até ao segundo ciclo, principalmente devido à obsessão pelo telefone.

Quanto ao tempo da relação, verificou-se que existem diferenças ao nível de todos os determinantes do *phubbing*, sendo que quem está numa relação há menos de seis meses, são os que praticam mais *phubbing* e os que praticam menos *phubbing* são os que mantêm uma relação há mais de sete anos. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ao nível da orientação sexual, meio residencial e nível socioeconómico. O modo de recolha de dados influenciou os resultados, visto que a necessidade de compartilhar nas redes sociais é maior nos inquiridos de forma *online*, assim como a obsessão pelo telefone e a frustração quando se sentem privados do *smartphone*.

Em relação ao efeito das variáveis predictoras na satisfação com a relação e intimidade, apenas se verificaram diferenças estatisticamente significativas ao nível do nível socioeconómico, visto que os indivíduos de nível médio são os mais satisfeitos e com maiores níveis de intimidade; e tempo da relação, sendo que as pessoas que se apresentam numa relação há mais de seis meses e menos de um ano são as mais satisfeitas e as que sentem níveis superiores de intimidade são aquelas que mantêm uma relação há dois ou três anos.

Concluiu-se ainda que as mulheres com dificuldades na comunicação, um domínio do *phubbing*, apresentam-se mais satisfeitas com a relação amorosa e com níveis inferiores de intimidade, por sua vez, aquelas que têm menos necessidade em compartilhar nas redes sociais e menos dificuldades em controlar o uso do *smartphone*, dois motivadores na prática do *phubbing*, sentem-se mais satisfeitas com as suas relações. Também as que pertencem a níveis socioeconómicos mais elevados e as que têm menos habilitações académicas são as mais satisfeitas com a relação amorosa. Os homens com dificuldades de controlo no uso do *smartphone* experienciam níveis inferiores de intimidade e as mulheres mais obsessivas pelo *smartphone* experienciam níveis superiores de intimidade. De forma geral, quanto maior a satisfação com a relação, maiores são os níveis de intimidade e vice-versa e as pessoas que apresentam maiores dificuldades da comunicação, que enviam mais mensagens por dia, mas que passam menos tempo na internet por dia são as mais satisfeitas com a relação amorosa.

Este estudo é um marco fundamental na literatura do *phubbing*, porque vem colmatar a lacuna da falta de estudos deste tema, principalmente a nível sociodemográfico, servindo então de base para estudos futuros, que possam utilizá-lo para aprofundar certas áreas e assim perceber o que leva as pessoas a ignorarem-se para usar o *smartphone* e que consequências é que este comportamento poderá ter noutras dimensões como o efeito deste comportamento na educação das crianças e no seu desenvolvimento.

Referências Bibliográficas

- Abeebe, M., Antheunis, M., & Schouten, A. (2016). The effect of mobile messaging during a conversation on impression formation and interaction quality. *Computers in Human Behavior, 62*, 562-569. doi: 10.1016/j.chb.2016.04.005.
- Al-Saggaf, Y., MacCulloch, R., & Wiener, K. (2019). Trait boredom is a predictor of *phubbing* frequency. *Journal of Technology in Behavioral Science, 4*(3), 245-252. doi: 10.1007/s41347-018-0080-4.
- Anshari, M., Alas, Y., Hardaker, G., Jaidin, J., Smith, M., Ahad, A. (2016). *Smartphone* habit and behavior in Brunei: Personalization, gender, and generation gap. *Computers Human Behavior, 64*, 719-727. doi: 10.1016/j.chb.2016.07.063.
- Chotpitayasunondh, V., & Douglas, K. (2016). How “*phubbing*” becomes the norm: The antecedents and consequences of snubbing via *smartphone*. *Computers in Human Behavior, 63*, 9-18. doi: 10.1016/j.chb.2016.05.018.
- Chotpitayasunondh, V., & Douglas, K. (2018). The effects of “*phubbing*” on social interaction. *Journal of Applied Social Psychology, 1*-13. doi: 10.1111/jasp.12506.
- Cizmeci, E. (2017). Disconnected, though satisfied: *p-phubbing* behavior and relationship satisfaction. *Turkish Online Journal of Design Art and Communication, 7*(2), 364-375. doi: 10.7456/10702100/018.
- Clayton, R., Nagurney, A., & Smith, J. (2013). Cheating, breakup, and divorce: Is facebook use to blame? *Cyberpsychology, Behavior, and Social, Networking, 16*(10), 717-720. doi: 10.1089/cyber.2012.0424.
- Coyne, S., Busby, D., Bushman, B., Gentile, G., Ridge, R., & Stockdale, L. (2012). Gaming in the game of love: effects of video games on conflict in couples. *Family Relations, 61*, 388-396. doi: 10.1111/j.1741-3729.2012.00712.x.
- Dancey, C. & Reidy, J. (2013). *Estatística sem Matemática para Psicologia* (5ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Davey, S., Davey, A., Raghav, S. K., Singh, J. V., Singh, N., Blachnio, A., & Przepiórkaa, A. (2018). Predictors and consequences of “*Phubbing*” among adolescents and youth in India: An impact evaluation study. *Journal of Family & Community Medicine, 25*(1), 35. doi: 10.4103/jfcm.JFCM_71_17.
- Debrot, A., Cook, W., Perrez, M., & Horn, A. (2012). Deeds matter: Daily enacted responsiveness and intimacy in couples’ daily lives. *Journal of Family Psychology, 26*(4), 617-627. doi: 10.1037/a0028666.
- Deursen, A., Bolle, C., Hegner, S., & Kommers, P. (2015). Modeling habitual and addictive *smartphone* behavior: The role of *smartphone* usage types, emotional intelligence, social stress, self-regulation, age, and gender. *Computers in Human Behavior, 45*, 411-420. doi: 10.1016/j.chb.2014.12.039.
- Gomes, M., Vasconcelos-Raposo, J., & Teixeira, C. (2019). Propriedades psicométricas da Phubbing Scale (PS), Mobile Phone Usage Addiction Scale (MPUAS), Internet Addiction Scale (IAS), Social Media Addiction Scale (SMAS), Game Addiction Scale (GAS), SMS Addiction Scale (SAS), Relationship Assessment Scale (RAS) e Psychological Intimacy Scale (PIS), considerando jovens adultos e adultos num relacionamento amoroso.
- Haase, R., Ellis, M., & Ladany, N. (1989). Multiple criteria for evaluating the magnitude of experimental effects. *Journal of Counseling Psychology, 36*(4), 511–516. doi: 10.1037/0022-0167.36.4.511
- Halpern, D., & Katz, J. (2017). Texting's consequences for romantic relationships: A cross-lagged analysis highlights its risks. *Computers in Human Behavior, 71*, 386-394. doi: 10.1016/j.chb.2017.01.051.

- Hambleton, R., Merenda, P., & Spielberger, C. (2005). *Adapting educational and psychological tests for cross-cultural assessment*. Ramapo College of New Jersey, Mahwah.
- Hendrick, S., Dicke, A., & Hendrick, C. (1998). The relationship assessment scale. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15(1), 137-142. doi: 10.1177/0265407598151009.
- Kadylak, T., Makki, T., Francis, J., Cotten, S., Rikard, R., & Sah, Y. (2018). Disrupted copresence: Older adults' views on mobile phone use during face-to-face interactions. *Mobile Media & Communication*, 6(3), 331-349. doi: 10.1177/2050157918758129.
- Karadag, E., Tosuntas, S., Erzen, E., Duru, P., Bostan, N., Sahin, B., ... & Babadag, B. (2015). Determinants of *phubbing*, which is the sum of many virtual addictions: A structural equation model. *Journal of Behavioral Addictions*, 4(2), 60-74. doi: 10.1556/2006.4.2015.005.
- Kim, H. (2013). Statistical notes for clinical researchers: assessing normal distribution (2) using skewness and kurtosis. *Restorative Dentistry & Endodontics*, 38(1), 52-54. doi: 10.5395/rde.2013.38.1.52.
- Loureiro, L., & Gameiro, M. (2011). Interpretação crítica dos resultados estatísticos: para lá da significância estatística. *Revista de Enfermagem Referência*, (3), 151-162.
- McDaniel, B., & Coyne, S. (2016). Technoference: the interference of technology in couple relationships and implications for women's personal and relational well-being. *Psychology of Popular Media Culture*, 5(1), 85-98. doi: 10.1037/ppm0000065.
- McDaniel, B., Galovan, A., Cravens, J., & Drouin, M. (2018). "Technoference" and implications for mothers' and fathers' couple and coparenting relationship quality. *Computers in Human Behavior*, 80, 303-313. doi: 10.1016/j.chb.2017.11.919.
- Misra, S., Cheng, L., Genevie, J., & Yuan, M. (2014). The iPhone effect the quality of in-person social interactions in the presence of mobile devices. *Environment and Behavior*, 48(2), 275-298. doi: 10.1177/0013916514539755.
- Nazir, T., & Pişkin, M. (2016). *Phubbing*: a technological invasion which connected the world but disconnected humans. *International Journal of Indian Psychology*, 3(4), 39-46.
- Przybylski, A., & Weinstein, N. (2013). Can you connect with me now? How the presence of mobile communication technology influences face-to-face conversation quality. *Journal of Social and Personal Relationships*, 30(3), 237-246. doi: 10.1177/0265407512453827.
- Roberts, J., & David, M. (2016). My life has become a major distraction from my cell phone: partner *phubbing* and relationship satisfaction among romantic partners. *Computers in Human Behavior*, 54, 134-141. doi: 10.1016/j.chb.2015.07.058.
- Totenhagen, C., Butler, E., Curran, M., & Serido, J. (2016). The calm after the storm: Relationship length as associated with couples' daily variability. *Journal of Social and Personal Relationships*, 33(6), 768-791. doi: 10.1177/0265407515597562.
- Villafuerte-Garzón, C., & Vera-Perea, M. (2019). *Phubbing* y género en un sector académico en Quito: Uso, abuso e interferencia de la tecnología. *Convergencia*, 26(79). doi: 10.29101/crcs.v0i79.9156.
- Wang, X., Xie, X., Wang, Y., Wang, P., & Lei, L. (2017). Partner *phubbing* and depression among married chinese adults: The roles of relationship satisfaction and relationship length. *Personality and Individual Differences*, 110, 12-17. doi: 10.1016/j.paid.2017.01.014.

Epílogo

Com a presente investigação procurou-se contribuir com a adaptação e apresentação de dados psicométricos de escalas que avaliam os determinantes do *phubbing* (PS; MPUAS, IAS, SMAS, GAS e SAS de Karadag et al., 2015), a satisfação com as relações amorosas (RAS de Hendrick, 1988 e Hendrick et al., 1998) e por fim, a intimidade (PIS de Debrot, Cook, Perrez & Horn, 2012), numa amostra de adultos portugueses, num relacionamento amoroso. Também se abordou uma temática pouco difundida na literatura científica atual, que aborda o impacto do *phubbing* nos relacionamentos amorosos.

Com os resultados do primeiro estudo foi possível comprovar os modelos definidos por Debrot et al. (2012), Hendrick (1988) e Hendrick et al. (1998), apresentando assim instrumentos passíveis de medir a satisfação com o relacionamento amoroso (RAS) e a intimidade (PIS) respetivamente. Quanto aos modelos propostos por Karadag et al. (2015) foi possível comprovar os modelos propostos para a IAS, GAS e SAS, obtendo-se bons índices de ajustamento. Por sua vez, a PS e a MPUAS, sofreram a eliminação de alguns itens e a SMAS, teve a transferência de um item do fator ‘compartilhamento’ para o fator ‘controlo’. Apesar disso, os modelos propostos mostram que estes são instrumentos passíveis de medir os determinantes do *phubbing*, em diversos contextos, tanto para a investigação na população geral portuguesa, como em indivíduos numa relação amorosa.

Com o segundo estudo, procurou-se compreender algumas relações entre os determinantes do *phubbing* e algumas variáveis preditoras na satisfação com a relação e na intimidade dos indivíduos. Pouco se conhecia quanto ao impacto da orientação sexual, meio residencial, habilitações académicas e nível socioeconómico na prática do *phubbing*, mas também na satisfação com a relação e na intimidade.

Desta feita, no que respeita à análise das variáveis sociodemográficas com a prática do *phubbing* concluiu-se que os mais jovens praticam o *phubbing* com maior frequência, principalmente motivados pelo envio de SMS, as maiores aderentes a estas práticas são as mulheres, graças à aparente necessidade de partilhar nas redes sociais, maior frustração quando se sentem privadas do *smartphone* e maior obsessão pelo telefone. No entanto, os homens jogam mais que as mulheres. Quanto às habilitações académicas, constatou-se que o comportamento do *phubbing* é maior quando os indivíduos estão habilitados com o ensino superior e menor quando apresentam habilitações até ao segundo ciclo, principalmente devido à obsessão pelo telefone. No que respeita ao tempo da relação, verificou-se que existem diferenças ao nível de todos os determinantes do *phubbing*, sendo que quem está

numa relação há menos de seis meses, são os que praticam mais *phubbing* e os que praticam menos *phubbing* são os que mantêm uma relação há mais de sete anos. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ao nível da orientação sexual, meio residencial e nível socioeconómico.

Em relação ao efeito das variáveis preditoras na satisfação com a relação e intimidade, apenas se verificaram diferenças estatisticamente significativas ao nível socioeconómico, em que os indivíduos de nível médio se apresentaram mais satisfeitos com a relação e com maiores níveis de intimidade; e tempo da relação, sendo que as pessoas que se apresentam numa relação há mais de seis meses e menos de um ano são as mais satisfeitas e os que sentem níveis superiores de intimidade são aqueles que mantêm uma relação há dois ou três anos.

Verificou-se ainda que as mulheres com dificuldades na comunicação, apresentam-se mais satisfeitas com a relação amorosa e com níveis inferiores de intimidade, por sua vez, aquelas que têm menos necessidade em compartilhar nas redes sociais, sentem-se menos intimistas com os parceiros. As que pertencem a níveis socioeconómicos mais elevados e as que têm menos habilitações académicas também se apresentaram as mais satisfeitas com a relação amorosa. Já os homens com dificuldades de controlo no uso do *smartphone*, experienciam níveis inferiores de intimidade. De forma geral, averiguou-se que quanto maior a satisfação com a relação, maiores são os níveis de intimidade e vice-versa e as pessoas que apresentam maiores dificuldades da comunicação, que enviam mais mensagens por dia, mas que passam menos tempo na internet por dia são as mais satisfeitas com a relação amorosa.

Este segundo estudo demonstra que a dificuldade na comunicação é um dos motivos da prática do *phubbing*, o que leva a refletir que essa prática reforça essas dificuldades e por isso, a frequência dos comportamentos de *phubbing* é ainda maior, sendo por isso necessário atender a este facto e intervir no sentido de alertar os indivíduos.

Dado ainda que cada vez mais, o recurso às novas tecnologias é bastante precoce, é necessário o desenvolvimento de programas estruturados que fomentem a intervenção precoce nas crianças e alertem para os perigos do *phubbing* na interação social.

Deste modo, os estudos empíricos aqui apresentados pretendem alertar para a importância da criação de programas que incentivem no investimento da relação física quando se está na presença dos outros. Destaca-se ainda a necessidade de outros estudos nesta área, no sentido de perceber os efeitos que o comportamento do *phubbing* poderá ter noutro tipo de relacionamentos, assim como as consequências para o próprio *phubber*.

Referências bibliográficas finais

- Abeele, M., Antheunis, M., & Schouten, A. (2016). The effect of mobile messaging during a conversation on impression formation and interaction quality. *Computers in Human Behavior*, *62*, 562-569. doi: 10.1016/j.chb.2016.04.005.
- Al-Menayes, J. (2014). The relationship between mobile social media use and academic performance in university students. *New Media and Mass Communication*, *25*, 23-29.
- Al-Saggaf, Y., MacCulloch, R., & Wiener, K. (2019). Trait boredom is a predictor of phubbing frequency. *Journal of Technology in Behavioral Science*, *4*(3), 245-252. doi: 10.1007/s41347-018-0080-4.
- Ang, C., Teo, K., Ong, Y., & Siak, S. (2019). Investigation of a Preliminary Mixed Method of Phubbing and Social Connectedness in Adolescents. *Addiction & health*, *11*(1), 1-10. doi: 10.22122/ahj.v11i1.539.
- Ang, M. P., Chong, Y. X., & Lau, P. J. (2019). *The impact of loneliness and fear of missing out in predicting phubbing behaviour among undergraduates in Malaysia* (Unpublished master's thesis). Universiti Tunku Abdul Rahman, Malásia.
- Anshari, M., Alas, Y., Hardaker, G., Jaidin, J., Smith, M., Ahad, A. (2016). Smartphone habit and behavior in Brunei: Personalization, gender, and generation gap. *Computers Human Behavior*, *64*, 719-727. doi: 10.1016/j.chb.2016.07.063.
- Aroian, K. J. & Norris, A. E. (2005). Confirmatory factor analysis. *Statistical Methods for Health Care Research*, *5*, 351-375.
- Babadi-Akashe, Z., Zamani, B., Abedini, Y., Akbari, H., & Hedayati, N. (2014). The relationship between mental health and addiction to mobile phones among university students of Shahrekord, Iran. *Addiction & health*, *6*(3-4), 93-99.
- Błachnio, A., & Przepiorka, A. (2018). Be aware! If you start using facebook problematically you will feel lonely: Phubbing, loneliness, self-esteem, and facebook intrusion. A cross-sectional study. *Social Science Computer Review*, 1-9. doi: 10.1177/0894439318754490.
- Blanca, M., & Bendayan. (2018). Spanish version of the phubbing scale: internet addiction, facebook intrusion, and fear of missing out as correlates. *Psicothema*, *30*(4), 449-454. doi: 10.7334/psicothema2018.153.
- Bourget, I. (2018). *On hold: relationships in the age of mobile phone distraction* (Unpublished master's thesis). Bridgewater State University, Massachusetts.
- Cassepp-Borges, V., & Pasquali, L. (2011). Características psicométricas da relationship assessment scale. *Psico-USF*, *16*(3), 255-264.
- Chotpitayasunondh, V., & Douglas, K. (2016). How “phubbing” becomes the norm: The antecedents and consequences of snubbing via smartphone. *Computers in Human Behavior*, *63*, 9-18. doi: 10.1016/j.chb.2016.05.018.
- Chotpitayasunondh, V., & Douglas, K. (2018a). Measuring phone snubbing behavior: Development and validation of the Generic Scale of Phubbing (GSP) and the Generic Scale of Being Phubbed (GSBP). *Computers in Human Behavior*, *88*, 5-17. doi: 10.1016/j.chb.2018.06.020.
- Chotpitayasunondh, V., & Douglas, K. (2018b). The effects of “phubbing” on social interaction. *Journal of Applied Social Psychology*, 1-13. doi: 10.1111/jasp.12506.
- Chou, T., & Ting, C. (2003). The role of flow experience in cyber-game addiction. *CyberPsychology & Behavior*, *6*(6), 663-675. doi: 10.1089/109493103322725469.
- Christakis, D., & Moreno, M. (2009). Trapped in the net: will internet addiction become a 21st-century epidemic?. *Archives of pediatrics & adolescent medicine*, *163*(10), 959-960. doi:10.1001/archpediatrics.2009.162.

- Cizmeci, E. (2017). Disconnected, though satisfied: *pphubbing* behavior and relationship satisfaction. *Turkish Online Journal of Design Art and Communication*, 7(2), 364-375. doi: 10.7456/10702100/018.
- Clayton, R., Nagurney, A., & Smith, J. (2013). Cheating, breakup, and divorce: Is facebook use to blame? *Cyberpsychology, Behavior, and Social, Networking*, 16(10), 717-720. doi: 10.1089/cyber.2012.0424.
- Colaço, L. (2009). *Estilo de vinculação e satisfação na relação de namoro à distância* (Unpublished master's thesis). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Coyne, S., Busby, D., Bushman, B., Gentile, G., Ridge, R., & Stockdale, L. (2012). Gaming in the game of love: effects of video games on conflict in couples. *Family Relations*, 61, 388-396. doi: 10.1111/j.1741-3729.2012.00712.x.
- Dancey, C. & Reidy, J. (2013). *Estatística sem Matemática para Psicologia* (5ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Davey, S., Davey, A., Raghav, S. K., Singh, J. V., Singh, N., Blachnio, A., & Przepiórkaa, A. (2018). Predictors and consequences of "*Phubbing*" among adolescents and youth in India: An impact evaluation study. *Journal of family & community medicine*, 25(1), 35-42. doi: 10.4103/jfcm.JFCM_71_17.
- Debrot, A., Cook, W., Perrez, M., & Horn, A. (2012). Deeds matter: Daily enacted responsiveness and intimacy in couples' daily lives. *Journal of Family Psychology*, 26(4), 617-627. doi: 10.1037/a0028666.
- Deursen, A., Bolle, C., Hegner, S., & Kommers, P. (2015). Modeling habitual and addictive *smartphone* behavior: The role of *smartphone* usage types, emotional intelligence, social stress, self-regulation, age, and gender. *Computers in Human Behavior*, 45, 411-420. doi: 10.1016/j.chb.2014.12.039.
- Dinkel, A., & Balck, F. (2005). An evaluation of the German relationship assessment scale. *Swiss Journal of Psychology*, 64(4), 259-263. doi: 10.1024/1421-0185.64.4.259.
- Fernandes, H., & Vasconcelos-Raposo, J. (2010). Análise factorial confirmatória do TEOSQp. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(1), 92-101.
- Fernandes, J. (2018). O uso de recursos midiáticos através de smartphones no apoio educacional. *Revista Eniac Pesquisa*, 7(1), 3-15.
- García, J. (2013). Adicciones tecnológicas: el auge de las redes sociales. *Salud y Drogas*, 13(1), 5-13.
- George, D. & Mallery, P. (2003). *SPSS for Windows step by step: A simple guide and reference. 11.0 update* (4ª ed.). Boston: Allyn & Bacon.
- Gomes, J. (2016). *Satisfação conjugal, parentalidade e vinculação ao par romântico: um estudo diádico* (Unpublished master's thesis). Universidade do Porto, Porto.
- Graham, J., Diebels, K., & Barnow, Z. (2011). The reliability of relationship satisfaction: A reliability generalization meta-analysis. *Journal of Family Psychology*, 25(1), 39-48. doi: 10.1037/a0022441.
- Guazzini, A., Duradoni, M., Capelli, A., & Meringolo, P. (2019). An Explorative Model to Assess Individuals' Phubbing Risk. *Future Internet*, 11(21), 1-13. doi: 10.3390/fi11010021.
- Haase, R., Ellis, M., & Ladany, N. (1989). Multiple criteria for evaluating the magnitude of experimental effects. *Journal of Counseling Psychology*, 36(4), 511-516. doi: 10.1037/0022-0167.36.4.511
- Halpern, D., & Katz, J. (2017). Texting's consequences for romantic relationships: A cross-lagged analysis highlights its risks. *Computers in Human Behavior*, 71, 386-394. doi: 10.1016/j.chb.2017.01.051.

- Hambleton, R., Merenda, P., & Spielberger, C. (2005). *Adapting educational and psychological tests for cross-cultural assessment*. Ramapo College of New Jersey, Mahwah.
- Harris, J., & Blair, E. (2006). Functional compatibility risk and consumer preference for product bundles. *Journal of the Academy of Marketing Science*, *34*(1), 19-26. doi: 10.1177/0092070305281708.
- Hassanzadeh, R., & Rezaei, A. (2011). Effect of sex, course and age on SMS addiction in students. *Middle-East Journal of Scientific Research*, *10*(5), 619-625.
- Hendrick, S. (1988). A generic measure of relationship satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, *50*, 93-98. doi: 10.2307/352430.
- Hendrick, S., Dicke, A., & Hendrick, C. (1998). The relationship assessment scale. *Journal of Social and Personal Relationships*, *15*(1), 137-142. doi: 10.1177/0265407598151009.
- Herzberg, P. (2013) Coping in relationships: the interplay between individual and dyadic coping and their effects on relationship satisfaction, *Anxiety, Stress & Coping*, *26*(2), 136-153, doi: 10.1080/10615806.2012.655726.
- Humphreys, T., Wood, L., & Parker, J. (2009). Alexithymia and satisfaction in intimate relationships. *Personality and Individual Differences* *46*(1), 43-47. doi: 10.1016/j.paid.2008.09.002.
- Igarashi, T., Takai, J., & Yoshida, T. (2005). Gender differences in social network development via mobile phone text messages: A longitudinal study. *Journal of Social and Personal Relationships*, *22*(5), 691-713. doi: 10.1177/0265407505056492.
- Jorge, A. (2013). *Efeitos do conflito interparental na relação de namoro de jovens adultos (Unpublished master's thesis)*. Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Kadylak, T., Makki, T., Francis, J., Cotten, S., Rikard, R., & Sah, Y. (2018). Disrupted copresence: Older adults' views on mobile phone use during face-to-face interactions. *Mobile Media & Communication*, *6*(3), 331-349. doi: 10.1177/2050157918758129.
- Karadag, E., Tosuntas, S., Erzen, E., Duru, P., Bostan, N., Sahin, B., ... & Babadag, B. (2015). Determinants of *phubbing*, which is the sum of many virtual addictions: A structural equation model. *Journal of Behavioral Addictions*, *4*(2), 60-74. doi: 10.1556/2006.4.2015.005.
- Kavčič, T., Levpušček, M., Zupančič, M., Poredoš, M., & Bjornsen, C. (2019). Personal correlates of problematic types of social media and mobile phone use in emerging adults. *Human Technology*, *15*(2). 256-278. doi: 10.17011/ht/urn.201906123158.
- Kim, H. (2013). Statistical notes for clinical researchers: assessing normal distribution (2) using skewness and kurtosis. *Restorative Dentistry & Endodontics*, *38*(1), 52-54. doi: 10.5395/rde.2013.38.1.52.
- Kim, Y., Jeong, J., Cho, H., Jung, D., Kwak, M., Rho, M., ... & Choi, I. (2016). Personality factors predicting smartphone addiction predisposition: Behavioral inhibition and activation systems, impulsivity, and self-control. *Plos One*, *11*(8), 1-15. doi: 10.1371/journal.pone.0159788.
- Leung, L. (2004). Net-generation attributes and seductive properties of the internet as predictors of *online* activities and internet addiction. *CyberPsychology & Behavior*, *7*(3), 333-348. doi: 10.1089/1094931041291303.
- Loureiro, L., & Gameiro, M. (2011). Interpretação crítica dos resultados estatísticos: para lá da significância estatística. *Revista de Enfermagem Referência*, (3), 151-162.
- Lozano, R., Hurtarte, C., Arista, A., Gámez, N., & Díaz-Loving, R. (2010). Validación de la Escala de Evaluación de Relaciones en la Población Mexicana. *Psicología Iberoamericana* *18*(2), 56-65.
- Madden, M., Lenhart, A., Cortesi, S., Gasser, U., Duggan, M., Smith, A., & Beaton, M. (2013). Teens, social media, and privacy. *Pew Research Center*, *21*, 2-86.

- Marcus, D., Richards, K., Chambers, J., & Bhowmick, A. (2013). Fibromyalgia family and relationship impact exploratory survey. *Musculoskeletal Care, 11*(3), 125-134. doi: 10.1002/msc.1039.
- Maroco, J. (2014). *Análise de Equações Estruturais: Fundamentos Teóricos, Software e Aplicações* (2ª ed.) Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Maroufizadeh, S., Omani-Samani, R., Almasi-Hashiani, A., Navid, B., Sobati, B., & Amini, P. (2018). The relationship assessment scale (RAS) in infertile patients: a reliability and validity study. *Middle East Fertility Society Journal, 23*(4), 471-475. doi: 10.1016/j.mefs.2018.04.001.
- McDaniel, B., & Coyne, S. (2016). Technoference: the interference of technology in couple relationships and implications for women's personal and relational well-being. *Psychology of Popular Media Culture, 5*(1), 85-98. doi: 10.1037/ppm0000065.
- McDaniel, B., Galovan, A., Cravens, J., & Drouin, M. (2018). "Technoference" and implications for mothers' and fathers' couple and coparenting relationship quality. *Computers in Human Behavior, 80*, 303-313. doi: 10.1016/j.chb.2017.11.919.
- Misra, S., Cheng, L., Genevie, J., & Yuan, M. (2014). The iPhone effect the quality of in-person social interactions in the presence of mobile devices. *Environment and Behavior, 48*(2), 275-298. doi: 10.1177/0013916514539755.
- Nalwa, K. & Anand, A. P. (2003). Internet addiction in students: A cause of concern. *Cyber Psychology & Behavior, 6*(6), 653– 656. doi: 10.1089/109493103322725441.
- Nazir, T., & Pişkin, M. (2016). *Phubbing*: a technological invasion which connected the world but disconnected humans. *International Journal of Indian Psychology, 3*(4), 39-46.
- Nunes, P., Wilson, D., & Kambil, A. (2000). The all-in-one market. *Harvard Business Review, 78*(3), 19-19.
- Parmaksiz, I. (2019). Relationship of phubbing, a behavioral problem, with assertiveness and passiveness: a study on adolescents. *International Online Journal of Educational Sciences, 11*(3), 34-45. doi: 10.15345/iojes.2019.03.003.
- Pinto, I. (2016). *Vinculação, narcisismo e componentes relacionais adultas* (Unpublished master's thesis). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Pires, A. (2011). *Coping diádico e satisfação conjugal: um estudo em casais portugueses* (Unpublished master's thesis). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Przybylski, A., & Weinstein, N. (2013). Can you connect with me now? How the presence of mobile communication technology influences face-to-face conversation quality. *Journal of Social and Personal Relationships, 30*(3), 237-246. doi: 10.1177/0265407512453827.
- Przybylski, A., Murayama, K., DeHaan, C., & Gladwell, V. (2013). Motivational, emotional, and behavioral correlates of fear of missing out. *Computers in Human Behavior, 29*(4), 1841-1848. doi: 10.1016/j.chb.2013.02.014.
- Rask, M., Malm, D., Kristofferzon, M., Roxberg, A., Svedberg, P., Arenhall, E., ... & Nilsson, U. (2010). Validity and reliability of a Swedish version of the Relationship Assessment Scale (RAS): a pilot study. *Canadian Journal of Cardiovascular Nursing, 20*(1), 16-21.
- Roberts, J., & David, M. (2016). My life has become a major distraction from my cell phone: partner *phubbing* and relationship satisfaction among romantic partners. *Computers in Human Behavior, 54*, 134-141. doi: 10.1016/j.chb.2015.07.058.
- Rocha, M. (2011). *Influência da vinculação ao pai e à mãe sobre as relações de casal: as competências sociais como variáveis mediadoras* (Unpublished master's thesis). Universidade de Lisboa, Lisboa.

- Rubia, J. (2008). Validación de la escala de valoración de la relación en una muestra mexicana. *Revista Electrónica de Metodología Aplicada*, 13(1), 1-12.
- Rubia, J. (2019). La Escala de Afectos Posivos y Negavos (PANAS) en personas mexicanas casadas de Monterrey. *Interacciones*, 5(1), 35-50. doi: 10.24016/2019.v5n1.151.
- Sander, J., & Böcker, S. (1993). Die deutsche form der Relationship Assessment Scale (RAS): eine kurze skala zur messung der zufriedenheit in einer partnerschaft. *Diagnostica*, 39(1), 55-62.
- Serrano, J. (2014). Hacia una comunicación slow: el hábito de la desconexión digital periódica como elemento de alfabetización mediática. *Trípodos*, 1(34), 201-214.
- Smith, A., & Williams, K. (2004). RU there? Ostracism by cell phone text messages. *Group dynamics: Theory, research, and practice*, 8(4), 291-301. doi: 10.1037/1089-2699.8.4.291.
- Sophia, E., Tavares, H., Berti, M., Pereira, A., Lorena, A., Mello, C., ... & Zilberman, M. (2009). Pathological love: Impulsivity, personality, and romantic relationship. *CNS spectrums*, 14(5), 268-274. doi: 10.1017/S1092852900025438.
- Totenhagen, C., Butler, E., Curran, M., & Serido, J. (2016). The calm after the storm: Relationship length as associated with couples' daily variability. *Journal of Social and Personal Relationships*, 33(6), 768-791. doi: 10.1177/0265407515597562.
- Valentini, F., & Damásio, B. (2016). Variância Média Extraída e Confiabilidade Composta: Indicadores de Precisão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(2), 1-7. doi: 10.1590/0102-3772e322225.
- Vasconcelos-Raposo, J., Fernandes, H., Teixeira, C., & Bertelli, R. (2012). Factorial validity and invariance of the Rosenberg Self-Esteem Scale among Portuguese youngsters. *Social Indicators Research*, 105(3), 483-498. doi: 10.1007/s11205-011-9782-0.
- Vaughn, M., & Baier, M. (1999) Reliability and validity of the relationship assessment scale. *The American Journal of Family Therapy*, 27(2), 137-147. doi: 10.1080/019261899262023.
- Villafuerte-Garzón, C., & Vera-Perea, M. (2019). *Phubbing* y género en un sector académico en Quito: Uso, abuso e interferencia de la tecnología. *Convergencia*, 26(79). doi: 10.29101/crcs.v0i79.9156.
- Wang, C., Khoo, A., Liu, W., & Divaharan, S. (2008). Passion and intrinsic motivation in digital gaming. *CyberPsychology & Behavior*, 11(1), 39-45. doi: 10.1089/cpb.2007.0014.
- Wang, X., Xie, X., Wang, Y., Wang, P., & Lei, L. (2017). Partner *phubbing* and depression among married chinese adults: The roles of relationship satisfaction and relationship length. *Personality and Individual Differences*, 110, 12-17. doi: 10.1016/j.paid.2017.01.014.